

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**

**O PROJETO DE UMA CIÊNCIA MORAL:  
A RELIGIÃO EM AUGUSTE COMTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ciência da Religião por Adriana Monferrari Amorim  
Orientador: Prof. Dr. Luís Henrique Dreher.

**JUIZ DE FORA**  
**2007**

Agradeço ao meu Professor Orientador Dr. Luís Henrique Dreher que acreditou na minha proposta e guiou-me com paciência, sabedoria e grande erudição. A ele o meu mais sincero sentimento de gratidão. Agradeço aos Professores Dr. José Maurício de Carvalho e Dr. Luciano Caldas Camerino por terem aceito o convite para participar e avaliar este trabalho.

Agradeço a todos os queridos Professores do Departamento do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião que contribuíram direta ou indiretamente para a construção de nosso conhecimento durante o Curso. Em especial, gostaria de agradecer à Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vitória Peres, cuja existência foi infelizmente interrompida. Ela que sempre nos inspirou com sua energia, brilhantismo, rigidez e, ao mesmo tempo muita generosidade, enfim com seu amor pela profissão e grandeza de espírito, encontra-se imortalizada em nossa lembrança. Agradeço aos queridos colaboradores deste trabalho, os senhores Ângelo Torres, Arthur Virmond de Lacerda Neto e Gustavo Biscaia de Lacerda, da mesma forma como agradeço ao Sr. Danton Voltaire e a Sr<sup>ª</sup>. Christiane Tavares da Igreja Positivista do Brasil, no Rio de Janeiro.

Agradeço aos amigos de curso que enriqueceram a minha jornada e o meu trabalho com suas experiências, seus conhecimentos e, principalmente, seus afetos. Agradeço a Auguste Comte por seu extenso estudo filosófico dedicado à humanidade, que nos serve hoje como tema inspirador deste trabalho.

À Capes (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) eu agradeço pelos recursos financeiros, sem os quais não poderíamos ter realizado este estudo. A este órgão de fomento que já promoveu tanto *progresso*, principalmente, intelectual do nosso país, o meu mais leal agradecimento.

À minha família, em especial à Regina Sarah.

“Toda obra de filosofia deve ser suscetível de popularização; do contrário, ela provavelmente dissimula absurdos sob uma névoa de sofisticação aparente.”

**Kant** em carta a Garve (07/08/1783)

“A religião é o solene desvelar dos tesouros ocultos do homem, a revelação dos seus pensamentos íntimos, a confissão pública dos seus segredos de amor.”

**Feuerbach**

“A ciência não é mais que uma perversão se o seu objetivo final não for a melhoria da Humanidade.”

“Um bem maior só pode ser atingido pela ciência através de invenções que estimulem a unidade e a harmonia.”

**Nikola Tesla**

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	01
CAPÍTULO 1 – A Lei dos Três Estados do Conhecimento Humano .....	06
CAPÍTULO 2 – O Conceito Positivo de Religião .....	30
2.1 – O Dogma .....	37
2.2 – O Culto .....	45
2.3 – O Regime .....	51
CAPÍTULO 3 – o Projeto de uma Ciência Moral e a Religião da Humanidade .....	58
CONCLUSÃO .....	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
Fontes .....	82
Obras sobre Auguste Comte .....	82
Obras de apoio .....	83
ANEXOS	
Anexo 1 – Classificação positiva das dezoito funções interiores do cérebro .....	87
Anexo 2 – Quadro das quinze leis de filosofia primeira .....	88
Anexo 3 – Hierarquia teórica das concepções humanas .....	89

## RESUMO

A Filosofia Positiva de Auguste Comte é um caso atípico na história da filosofia e na história das religiões tradicionais do ocidente, por colocar no ápice de seu desenvolvimento filosófico a fundação da *Religião da Humanidade*, e no ápice de sua escala enciclopédica das ciências a instituição de uma *ciência moral*. O estudo da história havia lhe mostrado a influência do poder espiritual sobre o todo social, e que a complexidade do estudo dos fenômenos sociais aumenta na medida em que eles apresentam-se, respectivamente, em sua forma *física, intelectual e moral*. Seus esforços para reconstruir uma disciplina espiritual o conduziram a fundar uma ciência social que pressupõe uma forma de religião. Este estudo visa retomar o significado da religião no positivismo de Auguste Comte sob a perspectiva da Filosofia da Religião. Através do pensamento comteano busca-se restituir o fator de continuidade entre as suas obras: *Curso de Filosofia Positiva, Sistema de Política Positiva e Catecismo Positivista*.

## RÉSUMÉ

La Philosophie Positive d'Auguste Comte est un cas atypique en l'histoire de la philosophie et en l'histoire de la religion au Occident, parce que place au sommet de leur développement philosophique la fondation de la *Religion de l'Humanité*, et au sommet de leur escale encyclopédique des sciences l'institution d'une *science morale*. L'étude de l'histoire lui avait montré l'influence du pouvoir spirituel sur le ensemble social, et que la complexité de l'étude des phénomènes sociaux augmente à mesure que ils se présentent, respectivement, dans leur forme *physique, intellectuelle* et *moral*. Leurs efforts pour reconstruire une discipline spirituelle l'avait conduit à fonder une science social qui prèsuppose une forme de la religion. Cet étude vise reprendre la signification de la religion dans le positivisme d'Auguste Comte sous la perspective de la philosophie de la religion. À travers de la pensée comteenne il essaye de restituer le facteur de la continuité parmi leurs ouvrages: *Cours de Philosophie Positive, Systeme de Politique Positive et Catéchisme Positiviste*.

## INTRODUÇÃO

O século XIX é marcado pelo pensamento da transformação do mundo, seja pela política, seja pela ciência. Para muitos filósofos desta época não basta *interpretar* o mundo, é preciso *transformá-lo* como meio de realizar um ideal. Este século inaugura o rompimento com o passado em que as sociedades civil e eclesial estavam intimamente misturadas. As religiões, até então instituídas, vêm-se semi-excluídas do cenário republicano e os pensadores da época vêm-se motivados a elaborar reformas políticas que contemplem senão todas, mas pelo menos as principais reivindicações sociais. Em meio aos ecos da Revolução Francesa, surge, entre outros grandes filósofos do século XIX, o francês Isidore Auguste Marie Xavier Comte (1798-1857), cujas propostas visam, principalmente, conciliar o real e o ideal através da Filosofia Positiva. Auguste Comte usa o termo “filosofia” na acepção geral que davam os antigos, como definição do sistema geral do conhecimento humano (particularmente em Aristóteles). Para ele, a filosofia, atuando como coordenadora do sistema geral do conhecimento, deve conter muito mais um sentido e uma orientação do que apresentar um corpo próprio de saber.

De seu *Curso de Filosofia Positiva*<sup>1</sup>, segue-se seu *Sistema de Política*<sup>2</sup> que culmina no *Catecismo Positivista*<sup>3</sup>. Ele acredita que o *Catecismo* é o meio mais adequado de ministrar o ensino enciclopédico das ciências, pois entende que o progresso intelectual e moral do homem deve estar harmoniosamente associado ao surto do progresso científico. Descobre através da *Lei dos Três Estados* que a tão esperada reforma social deve ser feita a partir de uma reforma moral da sociedade. Portanto, o poder espiritual que, de certa forma, se constitui e se mantém independentemente da existência de um poder temporal, será sempre o regulador da vida social. A *Religião da Humanidade*, ministério do poder espiritual, assemelha-se em sua organização funcional com a Religião Católica por apresentar, entre outras características, um sacerdócio e um culto ao “santos” – tanto homens cujas vidas foram marcadas pela

---

<sup>1</sup> Uma das principais obras de Comte, editada em seis volumes e publicada a partir de 1830.

<sup>2</sup> O *Sistema de Política Positiva ou Tratado de Sociologia Instituído a Religião da Humanidade* é editado em quatro volumes (1851).

<sup>3</sup> De acordo com João Ribeiro Júnior o *Catecismo Positivista* (1852) é considerado uma sumária exposição da Religião Universal, que foi escrita entre a publicação do segundo e do terceiro volume do *Sistema de Política Positiva*; é a conclusão de que o problema político não é um problema prático e legislativo, mas um problema filosófico e religioso. Esta obra também serve de base à *Religião da Humanidade*, fundada nos últimos anos de sua vida (entre 1845 a 1857).



consagração religiosa, quanto homens que marcaram a História através da filosofia, da ciência, da política ou da arte. Pretende aperfeiçoar a máxima cristã do “*amor ao próximo*” quando institui a máxima “*viver para outrem*”. Ressaltamos, contudo, que não será feito, nem a título de comparação, um estudo sobre o catolicismo ou o cristianismo, por constituírem temas muito abrangentes. Do mesmo modo, não dispensaremos nossa atenção a acontecimentos da vida pessoal de Auguste Comte, nem estabeleceremos comparações com correntes filosóficas que teriam influenciado o seu pensamento na sistematização da filosofia positiva. Pequenas incursões neste sentido, nas notas de rodapé, apenas indicam tópicos para futuras pesquisas.

O presente estudo visa colocar em pauta o filósofo e sua religião sob um ângulo de abordagem talvez ainda não tentado no contexto acadêmico brasileiro. O que se propõe, por ora, é analisar o significado da religião da humanidade e da ciência moral na obra de Auguste Comte a partir da filosofia da religião. Com o objetivo específico de delimitar o significado da religião para o filósofo, visaremos estabelecer a relação “positiva”<sup>4</sup>, proposta por ele mesmo, entre ciência e religião. Para tanto, na elaboração deste trabalho compilamos e revisamos alguns de seus conceitos-chave como a lei dos três estados, o conceito do “positivo”, a religião, a ciência moral e a humanidade.

Para Comte a humanidade é *le Grand Être* (o Grande Ser), o que caracteriza o elemento transcendente<sup>5</sup> de sua religião. Sua religião não está alicerçada no sentimento ou devoção a Deus ou aos deuses – como é entendido nas religiões monoteístas e politeístas –, mas no amor e no devotamento à humanidade. O sentimento em Auguste Comte está relacionado à preponderância do altruísmo sobre o egoísmo, do coração (sentimento) sobre o espírito (conhecimento). Não se propõe a explicar a existência ou inexistência de Deus, pois para o “espírito positivo”<sup>6</sup> há fenômenos que podemos conhecer e outros que são incognoscíveis. Mas se propõe a alcançar a unidade do método no estudo dos fenômenos sociais, a fim de conciliar as duas estruturas da vida social: ciência e religião.

Para definir o conceito e o significado da religião em Auguste Comte fez-se necessário realizar um estudo generalizado do *Curso de Filosofia Positiva*, do *Sistema de Política Positiva*, da *Síntese Subjetiva*<sup>7</sup> e dos *Opúsculos de Filosofia Social*<sup>8</sup>, além de um

---

<sup>4</sup> Real, útil, demonstrável.

<sup>5</sup> Característica que difere, a princípio, do significado filosófico usual, restringindo-se ao caráter de permanência da humanidade na história, pois esta viveu no passado, vive no presente e viverá no futuro.

<sup>6</sup> Segundo Comte, o espírito positivo instaura as ciências como investigação do real, do certo e indubitável, do precisamente determinado e do útil.

<sup>7</sup> A *Síntese Subjetiva ou Sistema Universal das Concepções Próprias à Idade Normal da Humanidade*, possui 772 páginas e foi publicada em 1856.

estudo cauteloso do *Catecismo Positivista*. Nessa obra, Comte afirma que o objetivo da religião em estabelecer o estado de completa unidade será alcançado quanto mais ela se basear no conhecimento real do homem e do mundo. Outrossim, descreve a religião como o mais bem composto de todos os termos humanos, pois caracteriza uma dupla ligação necessária à harmonia do indivíduo com a sociedade. Como veremos, para ele, é preciso ligar o interior pelo amor e o religar ao exterior pela fé, pois a representação da ordem universal resulta de um concurso necessário entre o exterior e o interior.

Antes, porém, ao estudar a história das ciências, Comte descobre a Lei dos Três Estados. De acordo com ela, desenvolve a *Lei de Classificação das Ciências* em seu *Curso de Filosofia Positiva*, para determinar a ordem de generalidade decrescente e de complexidade crescente do conhecimento. Deste modo, o ensino enciclopédico obedeceria à seguinte ordem: matemática, astronomia, física, química, biologia, sociologia e moral. Entretanto, é importante notar que a *ciência social* sistematizada e instituída por Comte pressupôs a sistematização da *ciência moral* como coroamento da escala enciclopédica. A partir delas, o filósofo percebe a importância da unidade do método. Em razão da necessidade de utilizar o método subjetivo para estudar os fenômenos sociais, torna-se patente para ele que não há senão uma única ciência, a ciência da humanidade. Baseado no método de “filiação histórica”<sup>9</sup>, Comte percebe que os fenômenos sociais evidenciam os problemas de ordem moral que trazem à tona a estrutura religiosa e que, portanto, a tão esperada reforma social só poderia ser feita a partir de uma reforma moral da sociedade.

A palavra que designa a idéia central da moral positivista é *altruísmo*, ou seja, o predomínio dos sentimentos sociais sobre as inclinações pessoais. Segundo João Ribeiro Júnior, a moral dos positivistas, apresentada no *Sistema de Política Positiva Instituído a Religião da Humanidade*, reconhece implicitamente um idealismo ético e aceita a afirmação tradicional, religiosa e filosófica dos princípios da ética, propondo-se a estabelecer os fundamentos da ética, que resultam da História como característica da Humanidade. “Pode-se dizer que o positivismo salva cientificamente a moralidade. A ética positivista, fundada sobre os sentimentos altruístas, estabelece o amor ao próximo ao mesmo tempo como matéria e como fundamento do dever”<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Os *Opúsculos de Filosofia Social* foram escritos entre 1819 e 1828.

<sup>9</sup> Para Comte, o estudo dos fenômenos sociais requer um conhecimento prévio da história das ciências, estudando de maneira geral e direta a história da humanidade. Daí a importância da Filosofia da História no Positivismo.

<sup>10</sup> João RIBEIRO JR., *Augusto Comte e o Positivismo*, p. 119.

Na *Síntese Subjetiva*, Comte afirma que o problema teórico, prático e moral do homem se reduz a constituir a harmonia afetiva: “Subordinar o progresso à ordem, a análise à síntese, e o egoísmo ao altruísmo; tais são os três enunciados, prático, teórico, e moral, do problema humano, cuja solução deve constituir uma unidade completa e estável.”<sup>11</sup> Os sete capítulos ou “degraus” que compõem a *Síntese Subjetiva* constituem o estudo da lógica, em que o filósofo trabalha o cálculo aritmético, o cálculo algébrico, a geometria preliminar, a geometria algébrica, a geometria diferencial, a geometria integral e a mecânica geral, sempre voltados para a sistematização afetiva, especulativa e ativa da vida humana. Esta obra, que seria o primeiro volume da *Síntese*, foi também o único, em razão da morte de Auguste Comte em setembro de 1857. Já os *Opúsculos de Filosofia Social*, escritos no começo de sua carreira, suscitam as teses e os conceitos que o filósofo desenvolve em suas obras posteriores. Em dois capítulos, “Considerações filosóficas sobre as ciências e os cientistas” e “Considerações sobre o poder espiritual”, desta obra, Comte esboça os princípios do método subjetivo, expressa a intuição da lei dos três estados e debate as implicações do poder espiritual na vida social.

Ao nosso ver, a filosofia de Auguste Comte constitui um tema relevante para a Ciência da Religião e sobretudo para a Filosofia da Religião, na medida em que traz à discussão o conceito de religião e a possibilidade de uma ciência moral. Apesar do estigma deletério lançado sobre este filósofo, especificamente em razão de sua construção religiosa, e do seu quase anonimato entre os não-eruditos da população brasileira, o alcance de suas idéias foi marcante na história militar e política do Brasil, rendendo-nos a inspiração na confecção e composição dos principais símbolos nacionais: a bandeira e os hinos (nacional e da bandeira – escritos e musicados por homens que forjaram seu caráter na Religião da Humanidade). Como podemos observar, nosso país adotou parte da máxima positivista: “ordem e progresso”, mas não a sua religião do “amor”, embora exista no Brasil um Templo da Humanidade<sup>12</sup> e duas Capelas erguidas para abrigar a Religião Positivista<sup>13</sup>. Acreditamos, pois, que este estudo possa estimular ainda outras pesquisas semelhantes, uma vez que existem, de fato, templos de uma Religião da Humanidade, fundada por um filósofo que pensa que o conhecimento não é inimigo da fé, mas que a verdadeira fé é arraçoada pelo conhecimento.

---

<sup>11</sup> “Subordonner le progrès à l’ordre, l’analyse à la synthèse, et l’égoïsme à l’altruisme; tels sont les trois énoncés, pratique, théorique, et moral, du problème humain, dont la solution doit constituer une unité complète et stable.” (Auguste COMTE, *Synthèse Subjective ou Système Universel des Conceptions Propres, A L’État Normal de L’Humanité*, p. 1).

<sup>12</sup> Localizado à Rua Benjamin Constant, 74, Glória, Rio de Janeiro – RJ.

<sup>13</sup> Uma Capela está localizada em Curitiba e a outra em Porto Alegre.

A estrutura da dissertação inicia-se com o estudo da Lei dos Três Estados do Conhecimento Humano. A apresentação dos estados teológico, metafísico e positivo constitui, propriamente, a filosofia da história de Auguste Comte, que contempla a história das ciências e aponta para a existência ainda latente de uma ciência social, que ele chamou a princípio de “física social” e depois de sociologia, em continuação à escala enciclopédica das ciências. A partir desta ciência surge a necessidade de utilizar um novo método, pois o filósofo já conhecia as tentativas fracassadas de aplicar o método puramente *objetivo* aos fenômenos sociais. O método *subjetivo* aplicado no estudo dos fenômenos sociais ainda revela a existência daquela que, para Comte, seria a última ciência do ensino enciclopédico: a moral. Então, o filósofo inicia um projeto de ciência moral e religião da humanidade respeitando o curso da história do homem, que mostra a relação direta e irrevogável entre moral e religião.

No segundo capítulo, serão apresentados o significado da religião e suas partes constituintes: dogma, culto e regime. Além do conceito teórico-didático da religião, este capítulo, focado no *Catecismo Positivista*, irá analisar sua relação com o sentimento, sua implicação intelectual, sua influência prática e seu destino social através da educação. Tentaremos mostrar que as expressões utilizadas por Comte como *viver para outrem*, *preponderância do coração sobre o espírito*, *solidariedade e continuidade no tempo*, *instintos pessoais e pendores simpáticos*, estão diretamente relacionadas com as *leis do entendimento*, com as *condições fundamentais e disposições secundárias*, com a *ordem exterior e humana*, com a *estática e dinâmica*. Ou seja, a religião e a ciência complementam-se mutuamente no âmbito da filosofia positiva.

Ao término das considerações feitas sobre o significado da religião, será apresentado, na terceira e última parte deste trabalho, aquele que, de acordo com Auguste Comte, é o fundamento científico da Moral partindo do seu próprio fundamento filosófico. Bem como, serão analisadas as propriedades fundamentais da *Filosofia Positiva* para retomar o tema da religião ainda em germe nesta obra de Comte. Acreditamos que, deste modo, será possível realizar um estudo mais adequado a esta parte “complexa” da Filosofia de Auguste Comte, que tanto perturba o entendimento a seu respeito como ainda gera antipatia em muitos estudiosos das duas esferas ordinariamente contrapostas do senso comum: *ciência e religião*.

## CAPÍTULO 1 – A Lei dos Três Estados do Conhecimento Humano

Auguste Comte afirma que “para explicar convenientemente a verdadeira natureza e o caráter próprio da filosofia positiva, é indispensável ter, de início, uma visão geral sobre a marcha progressiva do espírito humano, considerado em seu conjunto, pois uma concepção qualquer só pode ser bem conhecida por sua história.”<sup>14</sup>. Por isso, a história comteana do desenvolvimento da inteligência humana se transforma em um tema singular dentro do nosso estudo: Mais ainda: ao fazer uma “grandiosa filosofia da história”<sup>15</sup>, ao nosso ver, Comte está também fazendo implicitamente uma Filosofia da Religião<sup>16</sup>. Não é por acaso que, ao observar e compilar a trajetória histórica do conhecimento humano, ele afirma que “toda a história da Humanidade condensa-se necessariamente na história da religião”, e que “a lei geral do movimento humano consiste, sob qualquer aspecto, em que o homem se torne cada vez mais religioso”<sup>17</sup>.

Atento à evolução intelectual da Humanidade, Comte observa e anuncia a importância do questionamento teológico na formação e desenvolvimento do pensamento científico. Pois, segundo ele, o progresso da ciência se deve, principalmente, à procura do *porquê* (dos fenômenos) que não se pode achar, mas que resulta na descoberta do *como*, cujo estudo, embora não seja instituído imediatamente, torna possível também a descoberta das leis que regem os fenômenos naturais e sociais.

Mas, para analisar a importância da teologia, e, o que mais nos interessa, o conceito de religião e sua permanência em Comte, temos que necessariamente iniciar pelo conhecimento da lei – que o filósofo acredita ter descoberto – que rege os fenômenos sociais. De acordo com o filósofo, “esta lei fundamental deve ser hoje, (...), o ponto de partida de qualquer pesquisa filosófica sobre o homem e sobre a sociedade”<sup>18</sup>. De fato, a lei que envolve três estados (teológico, metafísico e positivo) é o alicerce da filosofia comteana e aponta para

---

<sup>14</sup> Auguste COMTE, *Curso de filosofia positiva*, p. 03.

<sup>15</sup> Giovanni REALE – Dario ANTISERI, *História da filosofia*, p. 299.

<sup>16</sup> Como a Filosofia da Religião se nos apresenta hoje em sua “multiplicidade confusa e intrincada de abordagens, princípios de solução e métodos”, procuraremos elucidar exemplarmente a abordagem da Filosofia Positiva de Auguste Comte sobre a religião – nosso tema central. (Richard SCHAEFLER, *Filosofia da Religião*, p. 10).

<sup>17</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 299.

<sup>18</sup> Augusto COMTE, *Opúsculos de filosofia social*, p. 148.

a relação do homem com o “desconhecido” (relativo)<sup>19</sup>, dado que toda vez que a inteligência humana se desenvolve em cada uma de suas esferas de atividade o que é desconhecido<sup>20</sup> torna-se conhecido. Daí Comte afirmar:

Estudando, assim, o desenvolvimento total da inteligência humana em suas diversas esferas de atividade, desde seu primeiro vôo mais simples até nossos dias, creio ter descoberto uma grande lei fundamental, a que se sujeita por uma necessidade invariável, e que me parece poder ser solidamente estabelecida, quer na base de provas racionais fornecidas pelo conhecimento de nossa organização, quer na base de verificações históricas resultantes dum exame atento do passado.<sup>21</sup>

De acordo com o nosso estudo, esta lei pode ser verificada na evolução e também na justaposição dos estados em circunstâncias especiais, em que o conhecimento científico deu saltos qualitativos, graças a homens de gênio reverenciados pelo próprio Comte no seu Calendário Positivista. Ou seja, quando Comte afirma que o método positivo não é *conveniente* à infância do espírito humano (embora seja o mais seguro, mas, ao mesmo tempo, o mais lento), e que o método teológico *cultiva nossa capacidade de observação* (própria do método positivo), ao nosso ver, há já no princípio um estado positivo latente que só emerge em circunstâncias determinadas durante a história, promovendo mudanças significativas. Atentos ao conjunto da obra, concordamos com a seguinte ponderação:

“O essencial – conclui Abel Rey – é não considerar os três estados como etapas bem nítidas que a humanidade houvesse sucessivamente percorrido. *O próprio Comte insistiu a esse respeito: são as diversas manifestações intelectuais que passam por essas três etapas, separadamente e em momentos diversos para cada uma delas*”.

Essa evolução intelectual caracteriza a marcha da civilização, mas esta última – frisa Augusto Comte – “não se executa seguindo uma linha reta. Compõe-se de uma série de oscilações progressivas, mais ou menos extensas e mais ou menos lentas, aquém e além de uma linha mediana, oscilações comparáveis às que apresenta o mecanismo da locomoção”.<sup>22</sup>

No mecanismo da locomoção quase não percebemos que um dos pés tenha que permanecer apoiado e parado para que o outro pé avance e realize o movimento necessário fazendo todo o corpo se mover – estática e dinâmica sucessivamente complementando-se. Do mesmo modo, a idéia de justaposição dos estados é intrínseca à idéia de evolução. Neste sentido, entendemos que os indivíduos podem estar *aptos a agir* (positivamente) em qualquer um dos estados do conhecimento. Entretanto, são as circunstâncias específicas de cada

---

<sup>19</sup> Usamos o termo “desconhecido relativo” para designar aquilo que é passivo de desvelamento pelo progresso do conhecimento humano (ciência); como causa de segundo grau. Uma vez que, chamaremos de desconhecido absoluto (causa primeira absoluta) aquilo que foge à verificação empírica.

<sup>20</sup> Até mesmo Deus pôde ser inferido pelo conhecimento através de seus atributos, de seu poder criador.

<sup>21</sup> Auguste COMTE, *Curso de filosofia positiva*, p. 03 e 04.

<sup>22</sup> Ivan LINS, *Perspectivas de Augusto Comte*, p. 17 e 18.

período histórico que determinam o *agir efetivo* que caracteriza cada estado (teológico, metafísico, positivo). Como diz Comte,

(...) na verdade, o primeiro caráter da filosofia positiva é, a rigor, considerar como necessariamente insolúveis, para o homem, todas essas grandes questões. Obstando à nossa inteligência fazer qualquer indagação sobre as causas primárias e finais dos fenômenos, circunscreve o campo de seus trabalhos à descoberta de suas relações atuais. É, portanto, evidente que, mesmo quando a escolha fosse possível, no começo, entre os dois métodos, o espírito humano não teria hesitado em rejeitar com desdém aquele que, pela humildade de suas promessas, assim como pela lentidão de seus processos, corresponde tão mal à amplitude e à vivacidade de nossas primitivas necessidades intelectuais.<sup>23</sup>

Daí Comte recomendar o estudo da lei dos três estados tendo em vista sobretudo a organização enciclopédica das ciências<sup>24</sup>. Além disso, percebemos que o filósofo diagnostica também uma tendência recorrente ou de longa duração que, até mesmo em nossos dias, ainda conduz o homem a explicações essencialmente equivalentes às explicações teológicas. Por isso, é preciso insistir em que uma leitura sobre a lei dos três estados deve levar em consideração a justaposição dos estados em consonância com a evolução do conhecimento, primeiro porque, em Comte, evolução não implica em abandono ou menosprezo da fase anterior (assim como primitivo, em seu discurso, diz respeito ao que está na origem histórica e não apenas ao que é atrasado) e segundo porque o próprio pensador afirma sobre a filosofia teológica (resultante do estado teológico do conhecimento):

Seja qual for a imperfeição que pareça atingir essa maneira de filosofar, importa sobremaneira ligar indissolavelmente o estado presente do espírito humano ao conjunto de seus estados anteriores, reconhecendo convenientemente ter sido ela por muito tempo tanto inevitável quanto indispensável. Limitando-nos à simples apreciação intelectual, seria de início supérfluo insistir sobre a tendência involuntária que, até mesmo hoje, nos conduz a todos, de modo evidente, às explicações essencialmente teológicas. Isto logo que pretendemos penetrar diretamente no mistério inacessível do modo fundamental de produção de quaisquer fenômenos e, sobretudo, daqueles cujas leis reais ainda ignoramos.(...) Até mesmo num tempo em que o verdadeiro espírito filosófico prevalecia em relação aos fenômenos mais simples, e tratando de um assunto tão fácil como a teoria elementar do choque, o memorável exemplo de Malebranche lembrará sempre a necessidade de recorrer à intervenção direta e permanente duma ação sobrenatural todas as vezes que se tenta remontar à causa primeira de um acontecimento qualquer. Ora, de uma parte, tais tentativas, embora possam justamente hoje parecer pueris, constituíam certamente o único meio primitivo de fazer crescer o impulso contínuo das especulações humanas, depurando espontaneamente nossa inteligência do círculo profundamente vicioso em que está

<sup>23</sup> Augusto COMTE, *Opúsculos de filosofia social*, p. 144. Nesta passagem, Comte está se referindo ao método teológico que subordina a observação à imaginação, e ao método positivo da observação e verificação.

<sup>24</sup> Na classificação hierárquica das ciências anteceder (no sentido de vir antes) e suceder (no sentido de vir depois e não de substituir) não implica em inferioridade e superioridade. Comte afirma: “Cada ciência fundamental tem, assim, desta perspectiva, vantagens que lhe são próprias, o que prova claramente a necessidade de considerar todas elas, sob pena de formar exclusivamente concepções muito estreitas e hábitos insuficientes.” (Auguste COMTE, *Curso de filosofia positiva*, p. 37).

no início necessariamente envolvida pela oposição radical de duas condições igualmente imperiosas.<sup>25</sup>

Em resumo, quando procedemos a uma leitura seqüencial das obras: *Curso de Filosofia Positiva*, *Sistema de Política Positiva* e *Catecismo Positivista*, entendemos que esta tendência involuntária de “retornar”<sup>26</sup>, por outros meios, ao estado teológico, é uma necessidade *psicológica* quando limitada a uma simples apreciação intelectual, mas é, sobretudo, uma necessidade *lógica* quando se reconhece o limite dos esforços humanos e a precariedade (insuficiência teórica) da ciência<sup>27</sup>. Este limite pressupõe uma justaposição dos estados que não se contrapõe necessariamente à evolução do conhecimento humano. Isto é, o Homem, ao atingir o estado positivo, não abandona as *explicações* teológicas das causas, mas sim a *investigação* das causas (primeira ou final), posto que são imperscrutáveis.

Portanto, Comte não pergunta *por quê*<sup>28</sup>, mas *quando* e *como* se dá o progresso do espírito humano em determinadas circunstâncias, em que sentimento, inteligência e atividade são, ora desproporcionalmente potencializados (desenvolvimento de um em detrimento dos outros), ora harmonicamente combinados. Entretanto, no diálogo estabelecido entre o “sacerdote” e a “mulher”, na explicação do dogma no Catecismo Positivista, Comte volta a discorrer sobre a diversidade simultânea dos métodos aplicados aos fenômenos correspondentes:

A MULHER – Esta explicação de vossa *Lei dos três estados* deixa-me muitas névoas acerca dos casos freqüentes em que o espírito humano parece-me ao mesmo tempo teológico, metafísico e positivo, conforme as questões de que se ocupa. Se esta coexistência ficasse inexplicada, ela comprometeria diretamente vossa regra dinâmica, que entretanto creio ser incontestável. (...).

O SACERDOTE – Ela desaparecerá quando notardes a ordem constante que preside à marcha simultânea de nossas várias concepções teóricas, segundo a generalidade decrescente e a complicação crescente dos fenômenos correspondentes. (...) Com facilidade compreenderéis que, fenômenos mais gerais sendo necessariamente mais simples, as especulações correspondentes devem ser mais fáceis, e apresentar, portanto, um surto mais rápido. Esta gradação, que se verifica até nas fases teológicas, convém sobretudo ao estado positivo, em virtude das preparações laboriosas que ele exige. Eis aí como certas teorias permanecem metafísicas, ao passo que outras mais simples já se tornaram positivas, posto que outras mais complicadas ainda se conservem teológicas. Nunca, porém, se observa

<sup>25</sup> Auguste COMTE, *Discurso sobre o espírito positivo*, p. 45

<sup>26</sup> Retornar no sentido de rever e não de reviver.

<sup>27</sup> Ao considerar quiméricas “as empresas de explicação universal de todos os fenômenos por uma lei única”, Comte acredita que “os meios do espírito humano são muito fracos, o universo muito complicado para que tal perfeição científica esteja um dia ao nosso alcance”. (Auguste COMTE, *Curso de filosofia positiva*, p. 19).

<sup>28</sup> “Todavia a indagação das causas, posto que diretamente vã, foi a princípio tão indispensável quão inevitável, como especialmente vo-lo explicarei, para substituir e preparar o conhecimento das leis, que supõe um longo preâmbulo. Procurando o porquê, que não se podia achar, acabava-se então, por descobrir o como, cujo estudo não era instituído imediatamente. Só se deve realmente condenar a pueril persistência, tão comum em nossos letrados, em querer penetrar as causas quando as leis são conhecidas.” (Idem, *Catecismo positivista*, p. 143).



o inverso; o que basta para dissipar cabalmente a objeção oriunda dessa diversidade simultânea.<sup>29</sup>

Comte ainda estabelece um paralelo entre o desenvolvimento da inteligência humana individual e a evolução intelectual que caracteriza a marcha coletiva da civilização. Para ele, é possível constatar, de maneira indireta, a exatidão da lei dos três estados ao contemplar a própria história de cada homem, em que a infância, a adolescência e a maturidade corresponderiam aos estados teológico, metafísico e físico, respectivamente. Deste modo, o indivíduo adulto é o depositário do conhecimento cumulativo de sua própria história, ligada em uma proporção geométrica à história da Humanidade. Por isso, para além dessa observação, Comte ressalta que “a mais importante dessas considerações, recolhida na própria natureza do assunto, consiste na necessidade, em todas as épocas, duma teoria qualquer para ligar os fatos, necessidade combinada com a impossibilidade evidente, para o espírito humano em sua origem, de formar teorias a partir de observações.”<sup>30</sup> Uma vez que são reais os conhecimentos adquiridos pela observação dos fatos, é também real a necessidade de vincular estes fatos a um princípio; do contrário, qualquer indivíduo seria incapaz de retê-los. Nas palavras de Comte “se toda verdadeira teoria assenta necessariamente sobre fatos observados, não é menos certo que toda observação seguida exige uma teoria qualquer”<sup>31</sup>. Detemo-nos um instante sobre esta afirmação para entender, de acordo com Comte, como se desenvolve esta dupla implicação do conhecimento humano. Voltamos então à lei dos três estados para explicar que, num primeiro e longo momento,

O espírito humano não podia, pois, achar outra saída primitiva senão num método puramente subjetivo, tirando do interior os meios de ligação que o exterior só havia de fornecer após um longo estudo. Então o sentimento supre a impotência da inteligência, fornecendo-lhe o princípio de todas as explicações, pelos afetos correspondentes dos seres quaisquer, espontaneamente assimilados ao tipo humano. Mas esta filosofia inicial é necessariamente fictícia e, por conseguinte, apenas provisória. Ela institui, entre a teoria e a prática, um antagonismo contínuo, que, gradualmente modificado em virtude da reação crescente da atividade sobre a inteligência, prolonga-se durante toda a nossa preparação e só finaliza no estado positivo. Ao passo que a especulação atribuía tudo a vontades arbitrárias, a ação supunha sempre leis invariáveis, cujo conhecimento, cada vez menos empírico e mais extenso, acabou renovando o entendimento humano.<sup>32</sup>

Sem reportar-se a causas primeiras, ou seja, à origem desses princípios, – ora criados pelo sentimento, ora constatados pela atividade – que conferem ao homem a capacidade de reter os fatos, Comte faz a seguinte ponderação:

<sup>29</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 209.

<sup>30</sup> Idem, *Curso de filosofia positiva*, p. 05.

<sup>31</sup> Id., *Catecismo positivista*, p. 297.

<sup>32</sup> Id., *Curso de filosofia positiva*, p. 05.

Pressionado entre a necessidade de observar para formar teorias reais e a necessidade, não menos imperiosa, de criar algumas teorias para poder entregar-se a observações seguidas, o espírito humano, em seu nascimento, encontrava-se fechado num círculo vicioso, de que nunca teria meios de sair, se não lhe fosse felizmente aberta uma porta natural, graças ao desenvolvimento espontâneo das concepções teológicas, que apresentaram um ponto de aproximação desses esforços e forneceram um alimento à sua atividade.<sup>33</sup>

O estado teológico caracteriza o momento em que o espírito humano concebe opiniões exageradas da realidade, levantando, em razão da própria condição tríplice e inescapável de sua natureza (sentimento, inteligência e ação), suposições a respeito do que ainda não compreende, mas quer compreender. Essas opiniões e suposições se tornam estimulantes indispensáveis para a coleta de observações e experiências, bem como, posteriormente, para a verificação de teorias levantadas a partir das suposições. Segundo Comte, sem as atrativas fantasias da astrologia e as decepções da alquimia, o espírito humano não teria conseguido chegar ao seu pleno desenvolvimento intelectual, que o filósofo considera ser o estado positivo. De acordo com suas palavras, a filosofia teológica – cujo caráter é ser espontânea – é, quer como método, quer como doutrina, a única capaz de oferecer ao espírito humano nascente o devido interesse que conduz ao estado positivo. O estado teológico se decompõe ainda em fetichismo, politeísmo e monoteísmo. Por constituir o estado primordial do espírito humano, o fetichismo

consiste sobretudo em fundar espontaneamente o método subjetivo, que, absoluto a princípio, dirigiu o conjunto da preparação humana, e que, tornado relativo, presidirá cada vez mais ao nosso estado normal. A verdadeira lógica, em que os sentimentos dominam as imagens e os sinais, tem, pois uma origem fetichica. Não se pode contestar sua aptidão moral, à vista de sua tendência a fazer prevalecer espontaneamente por toda parte o tipo humano. Ele torna-nos profundamente simpáticos em relação a todas as existências, mesmo as mais inertes, apresentando-las sempre como essencialmente análogas à nossa.<sup>34</sup>

Sob o aspecto social o fetichismo é benéfico, pois consiste em dirigir a passagem do estado nômade para o estado sedentário. Comte considera ser esta grande transformação a primeira das revoluções sociais que serve de base a todas as outras, “em virtude do profundo apego que ele [*scil.*, o fetichismo] nos inspira pelo solo natal”<sup>35</sup>. Entretanto, este regime espontâneo não deixa surgir imediatamente um sacerdócio<sup>36</sup> capaz de regular a ambição humana, uma vez que a adoração é feita a seres (quase sempre) acessíveis. O sacerdócio surge

<sup>33</sup> Auguste COMTE, *Curso de filosofia positiva*, p. 05.

<sup>34</sup> Idem, *Catecismo positivista*, p. 299 e 300.

<sup>35</sup> Ibidem, p. 300.

<sup>36</sup> Cujo ofício social é, ao mesmo tempo, de conselheiro, consagrador, regulador e juiz.

muito tardiamente em razão da astrolatria, que confina o fetichismo com o politeísmo. No politeísmo,

o espírito teológico configura nitidamente a livre preponderância especulativa da imaginação, enquanto até então o instinto e os sentimentos tinham prevalecido nas teorias humanas. A filosofia inicial sofre, pois, a mais profunda transformação que pode comportar o conjunto de seu destino real, na medida em que a vida é por fim retirada dos objetos materiais, para ser misteriosamente transportada para seres fictícios diversos, habitualmente invisíveis. A intervenção ativa e contínua destes torna-se agora a fonte direta de todos os fenômenos exteriores e, em seguida, até mesmo dos fenômenos humanos. É durante essa fase característica, hoje mal apreciada, que é preciso estudar principalmente o espírito teológico, que nela se desenvolve com plenitude e homogeneidade ulteriormente impossíveis. Esse tempo é, sob todos os aspectos, o de sua maior ascendência, ao mesmo tempo mental e social.<sup>37</sup>

Plenamente adaptado às circunstâncias, em que (na Grécia e em Roma) o poder temporal tende a dominar o espiritual e a atividade humana se volta mais para a guerra (época das conquistas, chamada por Comte de período militar), o politeísmo é caracterizado pela confusão radical dos poderes temporal e espiritual, e pela escravidão da população trabalhadora. Comte lembra que levando em conta todos os aspectos da escravidão antiga, “não se pode, de modo nenhum, compará-la à efêmera monstruosidade suscitada pela colonização moderna”<sup>38</sup>. A escravidão, nesta primeira fase do desenvolvimento intelectual do homem, poupava o prisioneiro de guerra para o trabalho, em vez de destruí-lo. Comte ainda observa que

Em virtude da natureza conciliante do politeísmo, ele podia conservar seu próprio culto, subordinando-o à religião do vencedor, tornado seu chefe espiritual e temporal. Esta condição social, de que ninguém estava inteiramente isento, visto as vicissitudes da guerra, era então bastante natural para ser amiúde aceita independentemente de sua fonte militar, que contudo prevaleceu sempre.

A instituição da escravidão formou duplamente a base da civilização antiga, primeiro por ser indispensável ao desenvolvimento das conquistas, segundo, a fim de habituar o homem ao trabalho, que se tornou assim o único meio de melhoramento pessoal, depois de ter sido o penhor da vida.<sup>39</sup>

---

<sup>37</sup> Auguste COMTE, *Discurso sobre o espírito positivo*, p. 44. Comte explica que “em primeiro lugar, só ele [*scil.*, O politeísmo] é que completa a filosofia inicial, estendendo-a às nossas mais elevadas funções, que em breve suscitam a ocupação favorita dos deuses. Com efeito, o fetichismo, essencialmente relativo ao mundo material, não podia abarcar de modo distinto nossa existência intelectual e moral, da qual procediam, pelo contrário, todas as suas explicações físicas. Introduzindo, porém, seres sobrenaturais, pode-se adaptá-los a este novo destino, que não tarda em prevalecer. Ao mesmo tempo, o politeísmo suscita necessariamente um sacerdócio propriamente dito, ou antes, consolida e desenvolve aquele que a astrolatria fundou.” (Idem, *Catecismo positivista*, p. 300 e 301).

<sup>38</sup> Ibidem, p. 301.

<sup>39</sup> Ibid..

Vale lembrar que o trabalho, providência temporal, é *conditio sine qua non* para o progresso. Visto sob esta perspectiva, o escravo e, posteriormente, o “proletário”<sup>40</sup>, são, de fato e de direito, os promotores do progresso material da Humanidade, propiciando condições de vida favoráveis para que os sacerdotes<sup>41</sup> possam se dedicar ao progresso intelectual.

Neste sentido, nas palavras de Comte, a combinação dos poderes espiritual e temporal garante a superação da indisciplina natural do homem primitivo, bem como contribui para neutralizar os vícios adquiridos no surto das conquistas. Segundo ele, as críticas endereçadas à teocracia se justificam apenas em sua decadência, em que a degradação do caráter sacerdotal pelo comando e pela riqueza é responsável pela imutabilidade teocrática. No declínio da filosofia inicial, a continuidade, preservada do fetichismo para o politeísmo, e deste (teocracia inicial) para o regime militar<sup>42</sup>, é interrompida no monoteísmo, pois este pressupõe, principalmente no passado, a intolerância com aqueles que não mostravam devoção a um único deus e a perseguição daqueles que cultuavam outras divindades.

De acordo com Comte, a evolução histórica da humanidade constitui uma imensa transição que não comporta um regime definitivo, pois o progresso só se estabelece com a quebra<sup>43</sup> da ordem vigente em razão da emergência de uma nova ordem que atenda às necessidades desta transição. Entretanto,

A destruição de um sistema social e a formação de outro são, por natureza, duas operações muito complicadas, exigindo muito tempo para serem levadas a efeito. Primeiro, a instituição de uma nova ordem política supõe a destruição prévia da ordem precedente, quer para tornar possível a reorganização, afastando os obstáculos que a impediam, quer para fazer sentir, convenientemente, a sua necessidade pela experiência dos inconvenientes da anarquia. Mas pode mesmo dizer-se, sob o ponto de vista puramente intelectual, que o espírito humano, em consequência da fraqueza de seus meios, não poderia elevar-se à concepção clara de um novo sistema social enquanto o anterior não fosse quase inteiramente dissolvido. Seria fácil verificar, por numerosos exemplos, esta deplorável necessidade.

---

<sup>40</sup> Trabalhador da era moderna com um nível de vida relativamente baixo, e cujo sustento depende da remuneração recebida pelo trabalho que exerce em ofício ou profissão manual ou mecânica.

<sup>41</sup> Para Comte o sacerdote é o professor, o iniciador nas ciências naturais e morais, aquele que zela pelo conhecimento. Claro está que existem diferenças entre o sacerdócio teológico e o sacerdócio positivo, mas em qualquer circunstância, para Comte, o ofício social do sacerdócio não é intermediar a relação do homem com Deus, mas de cuidar do progresso intelectual e moral da sociedade.

<sup>42</sup> “O politeísmo substituíra primeiro o fetichismo de um modo quase insensível, incorporando-o a si espontaneamente. Quando o regime militar veio suceder à teocracia inicial, foi ainda sem romper seus antecedentes sociais que continuaram sempre a ser acatados. O mesmo dá-se quando Roma absorve a Grécia, glorificando-se de prolongar sua evolução.” (Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 309).

<sup>43</sup> Quebra, no sentido de descontinuidade, de rompimento com os anseios de destruição da ordem anterior, caracterizando, no caso em questão, a passagem para a fase monotéica; lembramos a intolerância de Moisés em relação à idolatria e ao culto a vários deuses. E, posteriormente, no catolicismo “o futuro e o presente são nele concebidos e dirigidos como se o passado greco-romano nunca houvesse existido. A injustiça católica estende-se mesmo até os antecedentes judaicos”. (Ibidem).

Todas as vezes em que a espécie humana é levada a passar de um regime político para outro, apresenta-se, pela própria natureza das coisas, uma época inevitável de anarquia, pelo menos moral, cuja duração e intensidade são determinadas pela extensão e importância da reforma.<sup>44</sup>

Em todo caso, Comte ressalta que a associação temporal não se mantém sem o concurso do poder espiritual, embora a associação espiritual possa subsistir, até certo ponto, sem o auxílio do poder temporal. Percebemos que o monoteísmo (cristão), em Roma, ou seja, o catolicismo, surge na confluência do “misticismo oriental, do messianismo judeu, do pensamento grego e do universalismo romano”<sup>45</sup>. Comte aponta para este fato quando afirma: “Apropriando-se da língua de Roma quando ela cessou de prevalecer, ele (*scil.*, o catolicismo) conservou espontaneamente todos os tesouros intelectuais da Antigüidade, inclusive sua bela teologia.”<sup>46</sup> Ainda sob outra perspectiva, Will Durant acrescenta (iluminando a colocação de Comte):

Como a Judéia havia dado ao cristianismo a ética e a Grécia lhe dera a teologia, Roma agora lhe estava dando a organização; tudo isto, com uma dúzia de credos rivais absorvidos, entrava na síntese cristã. A igreja não se limitou a tomar algumas formas e costumes religiosos da Roma pré-cristã – a estola e outras vestes sacerdotais, o uso do incenso e da água benta nas purificações, os círios e a luz perpetuamente acesa nos altares, a veneração dos santos, a arquitetura da basílica, a lei romana como base da lei canônica, o título de *Pontifex Maximus* para o Supremo Pontífice, e no século IV o latim como a língua oficial da Igreja. O grande legado de Roma à Igreja foi uma vasta estrutura de governo, que quando a autoridade secular desabou veio a tornar-se a estrutura do governo eclesiástico. Em breve os bispos, em vez dos prefeitos romanos, seriam a fonte da ordem e a sede do poder nas cidades, (...). A Igreja Romana seguiu nas pegadas do Estado Romano; conquistou as províncias, embelezou a capital e estabeleceu a disciplina e a unidade de fronteira a fronteira. Roma faleceu ao dar nascimento à Igreja; a Igreja amadureceu com a herança e aceitação das responsabilidades de Roma.<sup>47</sup>

A própria expansão do império romano – que transforma a conquista em defesa, mudando gradualmente a escravidão em servidão e o domínio central em autoridades locais – propicia a mudança de regime. Os dois modos do politeísmo progressivo – um essencialmente intelectual e o outro eminentemente social<sup>48</sup> – “foram igualmente necessários, cada um

<sup>44</sup> Augusto COMTE, *Opúsculos de Filosofia Social*, p. 181 e 182.

<sup>45</sup> Félicien CHALLAYE, *As Grandes Religiões*, p. 202.

<sup>46</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 310.

<sup>47</sup> Will DURANT, *A História da Civilização – César e Cristo*, p. 484

<sup>48</sup> “(...) este politeísmo progressivo apresenta dois modos, muito diferentes, um essencialmente intelectual, o outro eminentemente social. O primeiro dá-se quando as circunstâncias locais e políticas não permitem que a atividade militar, embora muito desenvolvida, institua um verdadeiro sistema de conquistas. Neste caso a reação latente dessa atividade impele todos os homens superiores para a cultura mental, transformada também em principal objeto da atenção pública, e desprendida, assim, da disciplina sacerdotal. Quando, pelo contrário, a guerra pode tender livremente para o domínio universal, a inteligência subordina-se à atividade, e todos os cidadãos são ordinariamente absorvidos pelas solitudes sociais, tanto no interior como no exterior. (Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 303).

segundo sua natureza e em sua época, ao grande movimento ocidental que se seguiu à ruptura espontânea do jugo teocrático”<sup>49</sup>. Centrado na transição (para o monoteísmo) peculiar ao Ocidente, Comte explica:

Quando os últimos movimentos, um intelectual, outro social, peculiares à Antigüidade, ficaram assim combinados irrevogavelmente, a preparação humana tendeu logo para sua última fase necessária. O desenvolvimento, teórico e prático, de nossas principais forças não tardou em fazer sentir profundamente a necessidade de as regular; porquanto a disciplina espontânea que resultava de um destino temporário ficou radicalmente dissolvida logo que esse objetivo foi alcançado. Então o espírito e o coração se entregaram a desregramentos sem exemplos, em que todos os nossos tesouros intelectuais e materiais eram dissipados em ignóbeis satisfações de um egoísmo infrene. Ao mesmo tempo que a regeneração se tornava indispensável, o conjunto dos antecedentes greco-romanos parecia fornecer-lhe uma base sistemática, em virtude da preponderância intelectual do monoteísmo, combinada com a tendência social para uma religião universal. O catolicismo surgiu, assim, para satisfazer a essa imensa urgência de disciplina completa (...).<sup>50</sup>

Entretanto, o monoteísmo que crescia lentamente sob o domínio político do politeísmo gerou a separação radical dos poderes humanos (espiritual e temporal). Esta separação além de forçar o verdadeiro fundador do catolicismo, São Paulo, “a complicar o dogma completando a revelação, indispensável a todo monoteísmo, pela divinização do suposto fundador”<sup>51</sup>, permitiu fundar a disciplina humana sobre a vida futura, a fim de fazer desta um domínio exclusivo do “novo cristianismo” (do catolicismo).

De passagem: percebe-se, em Comte, uma distinção velada entre cristianismo – de Cristo ou Messias – e catolicismo – de católico ou universal –, em que o primeiro teria sido a religião “fundada” pelo Cristo (um cristianismo primitivo) e o segundo seria a religião inspirada em Cristo (um cristianismo instituído). Ao chamar Jesus de “suposto fundador” é possível que Comte esteja evidenciando esta distinção, pois ele não cita o Cristianismo, mas o catolicismo, inspirado em São Paulo, como sendo o ápice do monoteísmo no Ocidente e seu progresso em razão da necessidade de uma religião universal. O filósofo, porém, não coloca em dúvida a existência de Jesus, pois o chama de “o mais sublime dos místicos” no prefácio do *Catecismo Positivista*.

O Islamismo, instituído no século VII d.C. e cuja doutrina não é original, mantém segundo Comte a confusão dos dois poderes em razão da própria concentração monotéica. O monoteísmo, tornado mais conforme ao gênio natural do teologismo, “podia, e mesmo devia,

<sup>49</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 303.

<sup>50</sup> *Ibidem*, p. 306.

<sup>51</sup> *Ibid.*, p. 309.

adquirir, no Oriente, uma simplicidade dogmática que ele não comportava no Ocidente”<sup>52</sup>. Para Comte, o fato de existirem dois monoteísmos inconciliáveis – catolicismo e islamismo – poderia levar um livre-pensador a desacreditá-los igualmente, visto suas pretensões de universalidade serem contraditas pelas particularidades de suas doutrinas. O *monoteísmo*, que ainda não é sinônimo de *universal*, encontra-se diretamente relacionado ao problema moral, radicado em tradições sociais e experiências individuais e que pressupõe ora um Deus intolerante, zangado e vingativo, ora um Deus que perdoa, que ama e que tem compaixão.

Ao chegar ao último estágio da filosofia inicial de acordo com as concepções teológicas, o próximo passo na evolução do espírito humano seria dirigir-se ao estado positivo não fosse seu caráter radicalmente oposto ao estado teológico. Segundo Comte,

As concepções teológicas e as concepções positivas têm um caráter demasiadamente diverso, demasiadamente oposto mesmo, para que o nosso espírito, que só caminha por graus quase insensíveis, possa passar, sem intermediários, de umas às outras. Esses intermediários indispensáveis foram e deviam ser as concepções metafísicas que, dependendo simultaneamente da teologia e da física, antes, sendo apenas a primeira modificada pela segunda, são, por natureza, eminentemente próprias para essa operação, na qual consiste toda a sua utilidade.<sup>53</sup>

Esta filosofia de transição compõe a fase intermediária no amadurecimento do espírito humano. Embora sua flexibilidade estabeleça uma relação necessária entre o estado teológico e o positivo, o estado metafísico não é completo e não pode ser definitivo, uma vez que sua ação prolongada tende a impedir o desenvolvimento do espírito positivo, pois privilegia ainda a experiência interna em detrimento da experiência externa.

Como a teologia, a metafísica tenta, antes de tudo, explicar a natureza íntima dos seres, a origem e o destino de todas as coisas, o modo essencial de produção de todos os fenômenos. Mas, em vez de empregar para isso agentes sobrenaturais propriamente ditos, ela os substitui progressivamente por essas *entidades* ou abstrações personificadas, cujo uso, verdadeiramente característico, permitiu muitas vezes designá-las sob o nome de *ontologia*. (...). A eficácia histórica dessas entidades resulta diretamente de seu caráter equívoco, pois, em cada um desses seres metafísicos, inerente ao corpo correspondente, sem confundir-se com ele, o espírito pode à vontade, conforme esteja mais perto do estado teológico ou do estado positivo, ver ou uma verdadeira emanção da potência sobrenatural, ou uma simples denominação abstrata do fenômeno considerado. Não é mais a pura imaginação que domina, embora não seja ainda a verdadeira observação. Mas o raciocínio adquire muita extensão e se prepara confusamente para o exercício verdadeiramente científico. Deve-se, de resto, notar que sua parte especulativa se encontra primeiramente muito exagerada, em virtude dessa tendência obsessiva de argumentar em lugar de observar, que, em todos os gêneros, caracteriza habitualmente o espírito metafísico, mesmo entre os seus mais eminentes órgãos.<sup>54</sup>

<sup>52</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 309.

<sup>53</sup> Augusto COMTE, *Opúsculos de Filosofia Social*, p.146.

<sup>54</sup> Auguste COMTE, *Discurso sobre o espírito positivo*, p. 47. Sobre a metafísica ainda pode-se acrescentar, de acordo com as palavras do próprio filósofo: “Erigindo a filosofia metafísica, segundo o seu costume, em

A metafísica é, para Comte, unicamente um estado de transição natural e indispensável, um momento necessário pelo qual passa todo e qualquer entendimento humano de acordo com o progresso intelectual – do estado teológico para o estado positivo –, não tendo como fim chegar a resultados efetivos (práticos e concludentes) na vida em sociedade. Com efeito, a negatividade é o provável resultado da metafísica:

A metafísica não é, no fundo, mais do que uma espécie de teologia gradualmente invadida por simplificações dissolventes, que lhe tiram espontaneamente o poder direto de impedir o crescimento especial das concepções positivas, conservando-lhe, entretanto, a aptidão provisória de manter certo exercício indispensável para o espírito de generalização, até que ele possa enfim receber melhor alimento. Conforme seu caráter contraditório, o regime metafísico ou ontológico se encontra sempre nesta inevitável alternativa de tender a uma restauração vã do estado teológico, para satisfazer as condições da ordem, ou de conduzir a uma situação puramente negativa, a fim de escapar ao império opressivo da teologia.<sup>55</sup>

Apesar de reconhecer a importância dessa forma de filosofia como “ponte”, como elo e como conexão fundamental entre filosofias tão opostas (teologia e a física), Comte demonstra grande ansiedade em afastar-se da metafísica para dar início à sua apresentação da filosofia positiva. Esta sim “caracteriza-se, segundo ele, pela subordinação da imaginação e da argumentação à observação”<sup>56</sup>. Vale dizer:

no estado positivo, o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo, a conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e de similitude.<sup>57</sup>

A filosofia comteana trata da coexistência de universos complementares – natural e social, que ainda poderíamos chamar de universo físico e moral, ou temporal e espiritual – regidos por leis que, se ainda não o foram, podem ser descobertas à medida que a inteligência continuar a entregar-se ao estado positivo. Para tanto, não é preciso tentar investigar a causa primeira de um fenômeno, bastando captar a lei que o rege; como Comte nos mostra a exemplo das pesquisas do Sr. Fourier sobre a teoria do calor:

---

princípio imutável um estado essencialmente passageiro, daí deduziu a máxima de uma partilha fundamental e absoluta entre o método teológico e o método positivo, sob os nomes abstratos de fé e de razão. Mas a experiência prova claramente que essa doutrina nunca serviu senão para ampliar o domínio da razão à custa do domínio da fé, o que era, aliás, o destino natural desse princípio de transição, que por muito tempo foi útil. Apesar dessa imensa trégua, entre a teologia e a física, tendeu esta sempre e cada vez mais a invadir o sistema inteiro de nossas idéias, e sua força aumentou, por isto, na proporção das conquistas já efetuadas.” (Augusto COMTE, *Opúsculos de Filosofia Social*, p. 156).

<sup>55</sup> Auguste COMTE, *Discurso sobre o espírito positivo*, p. 47.

<sup>56</sup> Idem, Prefácio, p. XI.

<sup>57</sup> Id., *Curso de filosofia positiva*, p. 04.



Neste trabalho, cujo caráter filosófico é tão eminentemente positivo, as leis mais importantes e precisas dos fenômenos termológicos se encontram desvendadas, sem que o autor tenha inquirido uma única vez sobre a natureza íntima do calor, sem que tenha mencionado, a não ser para indicar sua vacuidade, a tão agitada controvérsia entre os partidários da matéria calórica e aqueles que fazem consistir o calor em vibrações dum éter universal. No entanto, trata-se nessa obra das mais altas questões, muitas das quais nunca nem mesmo tinham sido colocadas, prova capaz de que o espírito humano, sem se lançar em problemas inalcançáveis, e restringindo-se a investigações de ordem inteiramente positiva, pode encontrar aí alimento inesgotável para sua atividade mais profunda.<sup>58</sup>

Para Comte, a origem espontânea do espírito positivo, resulta, em toda parte, duma reação especial da razão prática sobre a razão teórica, cujo caráter inicial se modificou sempre progressivamente. A filosofia positiva teria começado com os trabalhos de Aristóteles e da escola de Alexandria, pois, “segundo Comte, a procura de leis imutáveis ocorreu pela primeira vez na história quando os antigos gregos criaram a astronomia matemática”<sup>59</sup>, sendo que o mesmo procedimento reaparece, na época moderna, com a ação combinada dos preceitos de Francis Bacon (1561-1626), das descobertas de Galileu Galilei (1564-1642) e das concepções de René Descartes (1596-1650) – considerados os fundadores da filosofia positiva.

Neste sentido, não devemos confundir filosofia positiva com filosofia positiva comteana, pois a primeira – correspondente ao estado mais avançado do conhecimento humano – desenvolveu-se de forma fragmentada, restrita a fatos isolados alienando-se dos fenômenos sociais, enquanto a segunda tem um caráter enciclopédico<sup>60</sup> que aponta para a síntese subjetiva<sup>61</sup>. Quando Comte afirma: “Numa palavra, é um Curso de Filosofia Positiva e

---

<sup>58</sup> Auguste COMTE, *Curso de filosofia positiva*, p. 08.

<sup>59</sup> Idem, Prefácio, p. XI.

<sup>60</sup> O caráter enciclopédico está diretamente relacionado à idéia de ordem fundamental que “deve, por sua natureza, preencher duas condições essenciais, uma dogmática, outra histórica, de que é preciso de início reconhecer a convergência necessária. A primeira consiste em ordenar as ciências segundo sua dependência sucessiva, de sorte que cada uma repouse sobre a precedente e prepare a seguinte. A segunda prescreve sua disposição conforme a marcha de sua formação efetiva, passando sempre das mais antigas para as mais recentes. Ora, o equivalente espontâneo dessas duas vias enciclopédicas provém em geral da identidade fundamental que existe inevitavelmente entre a evolução individual e a evolução coletiva, as quais tendo origem parecida, semelhante destino e um mesmo agente, devem sempre oferecer fases correspondentes, salvo as únicas diferenças de duração, intensidade e velocidade, inerentes à desigualdade dos dois organismos. Esse concurso necessário permite, pois, conceber os dois modos como dois aspectos correlativos dum único princípio enciclopédico, de maneira a poder habitualmente empregar aquele que, em cada caso, manifeste melhor as relações consideradas, com a preciosa faculdade de poder constantemente verificar por meio de um o que resultará de outro”. (Id., *Discurso sobre o espírito positivo*, p. 88 e 89).

<sup>61</sup> A “Síntese Subjetiva ou Sistema universal das concepções próprias do estado normal da humanidade” é a obra inacabada de Comte destinada a guiar, junto com o Curso de Filosofia Positiva, a educação universal. De acordo com suas disposições gerais está diretamente relacionada à Religião da Humanidade por sua ênfase na subordinação da inteligência e da ação ao sentimento, na subordinação do dogma ao culto. “Para Augusto Comte, a síntese subjetiva foi espontaneamente constituída pelo espírito humano e empregada ao serviço da espécie humana, partindo da consideração do homem, para transportar por toda parte o tipo humano.” (João RIBEIRO JR., *Augusto Comte e o Positivismo*, p. 69 e 70). Ainda nas palavras de Augusto Beltrão Pernetta:

não de ciências positivas que me proponho realizar”, ele está se referindo ao trabalho de sistematização e desenvolvimento que emprega às ciências<sup>62</sup> existentes. Pois, para Comte, “a verdadeira filosofia se propõe a sistematizar, tanto quanto possível, toda a existência humana, individual e sobretudo coletiva, contemplada ao mesmo tempo nas três ordens de fenômenos que a caracterizam, pensamentos, sentimentos e atos”<sup>63</sup>.

Neste sentido, sob todos os aspectos (sentimentos, pensamentos e atos), “a evolução fundamental da humanidade é necessariamente espontânea, e a exata apreciação de sua marcha natural é a única a nos fornecer a base geral duma sábia intervenção”<sup>64</sup> – isto é, “saber para prever, a fim de prover”. Lembramos que o termo usado por Comte: “*exata* apreciação” não é o mesmo que “*absoluta* apreciação”, ou seja, enquanto o pensamento teológico trabalha o conhecimento do absoluto, o pensamento positivo trabalha nos limites atuais do conhecimento relativo (condição natural da existência humana), mostrando, por exemplo, que o sistema decimal é *exato*, mas não é *absoluto*, pois existem cálculos que não podem ser resolvidos na base dez. Para Comte, o conhecimento real se divide em teórico e prático, em que

Todas as vezes que chegamos a exercer uma grande ação, é somente porque o conhecimento das leis naturais nos permite introduzir, entre as circunstâncias determinadas sob a influência das quais se realizam os diversos fenômenos, alguns elementos modificadores que, em que pese a sua própria fraqueza, bastam, em certos casos, para fazer reverter, em nosso proveito, os resultados definitivos do conjunto das causas exteriores. Em resumo, *ciência, daí previdência; previdência, daí ação*: tal é a fórmula muito simples que exprime, duma maneira exata, a relação geral da *ciência* e da *arte*, tomando essas duas expressões em sua acepção total.

(...) não devemos esquecer que as ciências possuem, antes de tudo, destinação mais direta e mais elevada, a saber, a de satisfazer à necessidade fundamental, sentida por nossa inteligência, de conhecer as leis dos fenômenos. Para perceber quanto essa necessidade é profunda e imperiosa, basta pensar um instante nos efeitos fisiológicos do espanto, e considerar ser a sensação mais terrível que podemos sentir aquela que se produz todas as vezes que um fenômeno nos parece ocorrer de modo contraditório às leis naturais, que nos são familiares. A necessidade de dispor os fatos numa ordem que podemos conceber com facilidade (o que é o objeto

---

“Tendo nossa inteligência por principal destino conhecer e aperfeiçoar a natureza humana, todos os estudos abstratos são referidos ao homem, constituindo-se dessa forma a síntese subjetiva. A Humanidade, em sua longa evolução, tem procurado sempre uma unidade para o conjunto de suas concepções intelectuais. Instituído a síntese, nossa espécie a tem obtido de diversas formas, sempre de acordo com o grau de desenvolvimento da mentalidade em cada época. (...). Constitui, portanto, a síntese subjetiva, para o entendimento, o estado mais simpático e ao mesmo tempo o mais sinérgico. Ligada, dessa forma, a todo o conjunto moral, intelectual e prático da existência humana, a síntese subjetiva adquire extensão e profundidade no grau necessário à instituição da mais completa harmonia religiosa.” (Augusto Beltrão PERNETTA, *Filosofia Primeira*, p. 20).

<sup>62</sup> Refere-se aqui aos modos de conhecimento, ou seja, o método subjetivo que vai ora do homem ao mundo, “do sujeito pensante ao objeto considerado”, ora do mundo ao homem pelo método objetivo. (João RIBEIRO JR., *Augusto Comte e o Positivismo*, p. 69)

<sup>63</sup> Auguste COMTE, *Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo*, p. 101

<sup>64</sup> *Ibidem*.

próprio de todas as teorias científicas) é de tal maneira inerente a nossa organização que, se não chegássemos a satisfazê-la com concepções positivas, voltaríamos inevitavelmente às explicações teológicas e metafísicas, às quais primitivamente deu nascimento, (...).<sup>65</sup>

Sendo assim, se o pensamento não seguisse ordem alguma um indivíduo não seria capaz de entender o mundo que o cerca, nem tão pouco de comunicar-se com outro indivíduo. O espírito humano, no estado positivo, não pergunta pela origem desta ordem, pois a ordem “apenas pode ser constatada, e nunca explicada”<sup>66</sup>. De qualquer modo, o espírito positivo deve estar ciente da existência desta ordem, independentemente de sua origem ser divina ou não, para melhor observar e agir. Segundo Comte, assim como o gênero humano está sujeito à ordem, está também sujeito ao progresso. Por conseguinte, a natureza humana, sendo ao mesmo tempo formada por pensamentos, sentimentos e atos, reclama uma feliz combinação entre estabilidade e atividade, ligação e extensão, respectivamente, ordem e progresso. Em outras palavras,

Todas as nossas verdadeiras necessidades lógicas convergem, pois, essencialmente para essa destinação comum: consolidar, quanto possível, graças a nossas especulações sistemáticas, a unidade espontânea de nosso entendimento, constituindo a continuidade e a homogeneidade de nossas diversas concepções, de maneira a satisfazer igualmente às exigências simultâneas da ordem e do progresso, fazendo com que reencontremos a constância no meio da variedade.<sup>67</sup>

A unidade espontânea do entendimento, que não guarda nenhuma relação com “conceitos absolutos”, ou seja, conceitos que estão diretamente relacionados à causa primeira de todas as coisas, sempre determina a busca pela ordem exterior. É esta ordem, ao mesmo tempo objetiva e subjetiva – que “diz igualmente respeito ao *objeto* contemplado e ao *sujeito* contemplador”<sup>68</sup> –, que permite ao espírito humano identificar um ser ou um fenômeno imediatamente ou após longo estudo. Quando algum fenômeno, ou algum ser, não pode ser identificado imediatamente, implica que o espírito humano ainda não detém a ciência de sua ordem, o que o impossibilita fazer, em curto prazo, qualquer intervenção positiva. Isso não significa, porém, que tal fenômeno, ou tal ser, não possa vir a se tornar conhecido após um longo processo de observação. É a relação constante que existe entre fenômenos e entre seres que nos permite descobrir a lei que os rege. E, neste caso, “quer se trate dos menores quer dos mais sublimes efeitos, do choque ou da gravidade, do pensamento ou da moralidade, deles só

---

<sup>65</sup> Auguste COMTE, *Curso de filosofia positiva*, p. 23.

<sup>66</sup> Idem, *Catecismo positivista*, p.144.

<sup>67</sup> Id., *Discurso sobre o espírito positivo*, p. 52.

<sup>68</sup> Id., *Catecismo positivista*, p. 144.

podemos conhecer as diversas ligações mútuas próprias à sua realização, sem nunca penetrar no mistério de sua produção”<sup>69</sup>.

Igualmente afastado do empirismo e do misticismo, pois o primeiro tende ao reducionismo – empobrecimento da realidade – e o segundo tende ao teologismo – exagero da realidade –, o espírito positivo consiste, sobretudo, em edificar a síntese subjetiva, e não objetiva<sup>70</sup>; e em investigar as leis que regem os fenômenos sociais, e não questionar sobre suas causas primeiras/finais. Segundo Comte, as explicações positivas não têm, de modo algum, a pretensão de expor as causas geradoras dos fenômenos. O que se deve pretender é analisar com exatidão as circunstâncias da produção de um fenômeno vinculando-as umas às outras, mediante relações normais de sucessão e similitude.

Mas, nisso tudo, onde fica a filosofia? Comte faz uma apologia à filosofia enquanto tronco (natural e social) de onde brotam a ciência e a arte; “a ciência é abstrata, criando a teoria, e a arte é concreta, dirigindo a prática”<sup>71</sup>. Sua tentativa de “fornecer novos hábitos de pensar de acordo com o estado das ciências de seu tempo”<sup>72</sup> mostra sua preocupação por elaborar uma filosofia destinada a construir uma ciência (social e moral) voltada para o homem. Enquanto edifica suas ciências (social e moral) Auguste Comte está de fato fazendo filosofia, pois a primeira instância da ciência, da política e da religião é essencialmente filosófica. Pensa ele que se a ação é guiada pelo pensamento, este deve ser inspirado no sentimento (moral<sup>73</sup>). Entretanto, em razão de todo o processo vivido na Europa desde o fim da Idade Média e decadência da filosofia teológica, o lugar comum de discussão da moral (a filosofia) torna-se o lugar ideal de conflito, crítica e destruição de qualquer tipo de sistema; fazendo com que a filosofia comteana pareça uma tentativa de síntese objetiva entre os dois pólos do conhecimento: ciência e religião.

Isto não se ratifica, pois mesmo ciente de seus limites pessoais<sup>74</sup> em realizar sua meta, Comte critica seus contemporâneos que privilegiam a ciência em detrimento da

---

<sup>69</sup> Auguste COMTE, *Discurso sobre o espírito positivo*, p. 49.

<sup>70</sup> “Comte mostrou que as diversas tentativas de síntese objetiva, que acompanharam cada novo passo dado pela ciência, malograram uma após outra, e que não podia ser de outra forma. (...) Por exemplo, da lei da gravitação universal para a lei da longevidade humana ou qualquer outra lei social ou moral. Assim, a síntese objetiva ou materialismo, segundo Comte, deve ser considerada quimérica.” (João RIBEIRO JR., *Augusto Comte e o Positivismo*, p. 69).

<sup>71</sup> Auguste COMTE, *Discurso sobre o espírito positivo*, p. 53.

<sup>72</sup> *Ibidem*, p. IX.

<sup>73</sup> “Viver para outrem”. Comte se refere ao sentimento de amor da moral cristã, ou melhor dizendo, do exemplo cristão, por isso a “Imitação de Cristo”, seu livro de cabeceira, nos sugere moral em ação, ou seja, religião (este termo será melhor tratado no próximo capítulo).

<sup>74</sup> “(...) Ninguém está mais profundamente convencido do que eu da insuficiência de minhas forças intelectuais, fossem elas mesmo muito superiores a seu valor real, para responder a uma tarefa tão vasta e tão elevada. Mas o

filosofia<sup>75</sup>. O pensamento positivo que, a princípio, parece restringir o conhecimento a um ramo da filosofia – a ciência – depois revela através da própria ciência social a importância de uma elaboração filosófica que faça surgir uma nova autoridade moral, congregando as diversas populações através de uma educação geral.

Na filosofia positiva, o estudo dos fenômenos deve permanecer sempre relativo à organização e situação do espírito humano (em nível individual, mas também e sobretudo social). Ele explica que,

Nenhuma ciência pode manifestar melhor do que a astronomia essa natureza necessariamente relativa de todos os nossos conhecimentos reais, porquanto nela a investigação dos fenômenos, não podendo realizar-se por um único sentido, facilmente aprecia as conseqüências especulativas da supressão ou da simples alteração de um deles. Não existiria astronomia alguma para uma espécie cega, fosse qual fosse a inteligência que lhe supuséssemos, nem existe astronomia dos astros obscuros, que são talvez os mais numerosos, nem ainda se a atmosfera através da qual observamos os corpos celestes permanecesse sempre e em toda parte nebulosa.<sup>76</sup>

Podemos inferir desta afirmação: primeiro, que Comte admite a possibilidade de uma realidade para além dos sentidos<sup>77</sup> humanos quando comenta que os astros obscuros *talvez* sejam os mais numerosos, pois o fato de não enxergar os astros não quer dizer que eles não existam; e, segundo, que uma realidade ainda supra-sensível pode ser desvendada com a aquisição ou a apuração (“supressão ou alteração”) dos sentidos. Sendo assim, o conhecimento se desenvolveria por um processo de expansão e sistematização, em que pese as disposições interiores (sujeito) e exteriores (objeto) da observação. Segundo Comte, a finalidade de seu curso de filosofia positiva é justamente atingir a unidade do método<sup>78</sup>, para terminar sua iniciação filosófica contemplando igualmente as duas ordens de fenômenos que

que não pode ser feito por um único espírito ou durante uma única vida, um só pode propô-lo nitidamente. Tal é toda a minha ambição.” (Auguste COMTE, *Curso de filosofia positiva*, p. 20).

<sup>75</sup> “Conforme profunda convicção pessoal, considero essas empresas de explicação universal de todos os fenômenos por uma lei única como eminentemente quiméricas, mesmo quando são tentadas pelas mais competentes inteligências. Acredito que os meios do espírito humano são muito fracos, o universo muito complicado para que tal perfeição científica esteja um dia ao nosso alcance. Penso, ademais, que se faz geralmente uma idéia muito exagerada das vantagens que daí resultariam necessariamente, se isso fosse possível.” (Ibidem, p. 19).

<sup>76</sup> Idem, *Discurso sobre o espírito positivo*, p. 49.

<sup>77</sup> “Se a perda de um sentido importante basta para nos esconder radicalmente uma ordem inteira de fenômenos naturais, cabe pensar, reciprocamente, que a aquisição de um sentido novo nos desvendaria uma classe de fatos, de que agora não temos idéia alguma, (...)” (Ibidem).

<sup>78</sup> A unidade do método para Comte é possível, pois “cada ciência tem seu método próprio: Dedução, método da Matemática; Observação, método da Astronomia; Experiência, método da Física; Nomenclatura, método da Química; Comparação, método da Biologia; Filiação Histórica, método da Sociologia; Construção objetiva, método da Moral”, mas “subindo na Escala Enciclopédica, cada ciência usa os métodos das ciências anteriores” até chegar, portanto, à unidade do método, ou seja, à “construção objetiva”. (João RIBEIRO JR., *Augusto Comte e o Positivismo*, p. 59).

se complementam mutuamente: natural (biológica) e social (moral). Assim, um estudo sobre a humanidade

exige, evidentemente, por sua natureza, ao mesmo tempo científica e lógica, um duplo preâmbulo indispensável, relativo, duma parte, ao homem propriamente dito, de outra parte, ao mundo exterior. Não se poderia, com efeito, estudar racionalmente os fenômenos estáticos ou dinâmicos da sociabilidade se, primeiramente, não se conhecesse suficientemente o agente especial que os opera e o meio geral em que se realizam. Daí resulta, pois, a divisão necessária da filosofia natural, destinada a preparar a filosofia social, em dois grandes ramos, um orgânico, outro inorgânico.<sup>79</sup>

Como o conjunto da natureza humana constitui um campo inesgotável de estudo para a filosofia positiva, resta-nos entender, o mais exatamente possível, o que significa a palavra *positivo* de acordo com o próprio filósofo:

Como todos os termos vulgares elevados assim gradualmente à dignidade filosófica, a palavra positivo oferece, em nossas línguas ocidentais, várias acepções distintas, mesmo afastando o sentido grosseiro, que de início se vincula a ela entre os espíritos mal cultivados. (...).

Considerada de início em sua acepção mais antiga e comum, a palavra positivo designa *real*, em oposição a quimérico. (...) Num segundo sentido, muito vizinho do precedente, embora distinto, esse termo fundamental indica o contraste entre *útil* e ocioso. Lembra então, em filosofia, o destino necessário de todas as nossas especulações sadias para aperfeiçoamento contínuo de nossa verdadeira condição individual ou coletiva, em lugar da vã satisfação duma curiosidade estéril. Segundo uma terceira significação usual, essa feliz expressão é freqüentemente empregada para qualificar a oposição entre a *certeza* e a indecisão. Indica assim a aptidão característica de tal filosofia para constituir espontaneamente a harmonia lógica no indivíduo, e a comunhão espiritual na espécie inteira, (...). Uma quarta acepção ordinária, muitas vezes confundida com a precedente, consiste em opor o *preciso* ao vago. Este sentido lembra a tendência constante do verdadeiro espírito filosófico a obter em toda parte o grau de precisão compatível com a natureza dos fenômenos e conforme às exigências de nossas verdadeiras necessidades; (...).

É preciso, enfim, observar especialmente uma quinta aplicação, menos usada que as outras, embora igualmente universal, quando se emprega a palavra positivo como contrária a *negativo*. Sob esse aspecto, indica uma das mais eminentes propriedades da verdadeira filosofia moderna, mostrando-a destinada sobretudo, por sua própria natureza, não a destruir, mas a *organizar*. (...).

O único caráter essencial do novo espírito filosófico, não ainda indicado diretamente pela palavra positivo, consiste em sua tendência necessária a substituir, em todos os lugares, absoluto por *relativo*.<sup>80</sup>

As palavras de Comte, “tudo é relativo: eis o único princípio absoluto”<sup>81</sup> podem confundir e até mesmo fazer sorrir os mais experientes pensadores que acreditam ser esta afirmação uma terrível e ingênua contradição. Entretanto, ao nos debruçarmos mais atentamente sobre esta questão por interesse e por necessidade do próprio estudo, acreditamos

<sup>79</sup> Auguste COMTE, *Discurso sobre o espírito positivo*, p. 89.

<sup>80</sup> *Ibidem*, p. 61- 63.

<sup>81</sup> Aforismo formulado em 1817; encontra-se citado no prefácio especial do *Opúsculos de Filosofia Social* e no volume IV do *Sistema de Política Positiva*, apêndice geral, pág. II.

divisar uma lógica que aponta para o fundamento do conhecimento humano. Ou seja, o princípio (tomado no sentido de ponto de partida para o conhecimento) absoluto é de que tudo o que é manifestamente conhecido se nos apresenta de maneira relativa. Por estar o homem no âmbito do relativo o ponto de partida do seu conhecimento só pode estar na sua própria condição relativa de existência.

Ou ainda, entendemos que o único princípio absoluto é que tudo somente poderia ser absoluto em si, e somente em si, porque na relação de conhecimento tudo inevitavelmente se torna (é) relativo; arriscamos dizer, portanto, que não há contradição e muito menos ingenuidade nesta frase de Comte, que sugere um exercício mental maior àquele que estamos habituados. Considerando que o pensamento/conhecimento humano é construído a partir da relação entre o objetivo e o subjetivo, na dupla harmonia entre objeto e sujeito (fé positiva), a concepção do próprio absoluto se dá para o pensador nesta relação, em que o desconhecido é revelado através do conhecido. Enfim, “nada de absolutismo, porque ‘tudo é relativo, eis o único princípio absoluto’.”<sup>82</sup> Ou ainda, se existe um conceito realmente absoluto – pleno em toda e qualquer circunstância – é aquele que seu enunciado se refere ao estado relativo de todo e qualquer fenômeno, pois até os materiais mais “constantes” em nosso planeta podem se comportar de maneira diferente em outra atmosfera, ou seja, até mesmo a lei da gravitação é certa, mas não absoluta, portanto, relativa.

Com efeito, a idéia de relativo é o substrato da filosofia comteana, pois a lei que rege os fenômenos sociais, isto é, “as relações constantes apanhadas no meio de uma diversidade imensa”, comportam uma “unidade puramente relativa, humana, em uma palavra subjetiva”<sup>83</sup>. Portanto, a lei dos três estados pode ser verificada na tendência contínua, do espírito humano, à unidade que no

sistema teológico chegou à mais alta perfeição de que é suscetível quando substituiu, pela ação providencial de um ser único, o jogo variado de numerosas divindades independentes, que primitivamente tinham sido imaginadas. Do mesmo modo, o último termo do sistema metafísico consiste em conceber, em lugar de diferentes entidades particulares, uma única grande entidade geral, a natureza, considerada como fonte exclusiva de todos os fenômenos. Paralelamente, a perfeição do sistema positivo à qual este tende sem cessar, apesar de ser muito provável que nunca deva atingi-la, seria poder representar todos os diversos fenômenos observáveis como casos particulares dum único fato geral, como a gravitação o exemplifica.<sup>84</sup>

---

<sup>82</sup> João RIBEIRO JR., *Augusto Comte e o Positivismo*, p. 108.

<sup>83</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 206.

<sup>84</sup> Idem, *Curso de filosofia positiva*, p. 04.

Ao tentar alcançar o único fato geral que represente os diversos fenômenos sociais observáveis, Comte chega à moral religiosa<sup>85</sup>. Ao perceber que seu sistema enciclopédico não está completo, já que a universalidade pretendida em sua filosofia depende de uma ciência moral, e que para haver uma organização social é preciso que a religião legitime a filosofia (positiva), Comte se dedica à fundação de uma religião que apresenta as características de uma escola filosófica de iniciação ao estudo enciclopédico das ciências: matemática, astronomia, física, química, biologia, sociologia, moral.

Exatamente por isso, um estudo mais atento à passagem da *filosofia positiva* para a *religião positiva* mostra que não há um salto em sua obra que dicotomizaria filosofia (ciência) e religião. Primeiro, porque uma (a religião) legitima a outra (a filosofia), ambas representam órgãos (respectivamente coração e cérebro) dentro de um corpo (individual ou social) cuja relação é vital. E segundo, porque a própria natureza humana reclama a combinação entre razão e sentimento. Neste sentido, a religião em Comte é um apelo à razão através do sentimento; transformá-la em instituição tornaria possível realizar uma justa apreciação da filosofia positiva através da educação enciclopédica.

De acordo com o filósofo, a educação formal de qualquer indivíduo é feita por dois caminhos distintos: o histórico<sup>86</sup> e o dogmático<sup>87</sup>, e qualquer outro modo será apenas a combinação destes. Se por um lado, a finalidade do seu Curso de Filosofia Positiva “não é, de modo algum, apresentar todos os fenômenos naturais como sendo, no fundo, idênticos, em que pese a variedade de circunstâncias”, por outro lado, tornar-se um perito apenas da parte (específica) é tudo que Comte deseja evitar quando afirma: “Apressemos-nos em remediar o mal antes que se agrave. Receemos que o espírito humano acabe por se perder nesses trabalhos de pormenor. Não dissimulemos que aí está essencialmente o lado fraco, pelo qual

---

<sup>85</sup> É um fato, pois pode ser mensurada através dos atos morais, dos quais não se pode prescindir para que a moral exista como fato. Pois a história da humanidade não é feita de intenções, pensamentos ou leis morais, mas de atos deliberados pela vontade humana em acordo ou desacordo com as leis morais.

<sup>86</sup> O modo histórico é “aquele pelo qual começa, com toda necessidade, o estudo de cada ciência nascente, pois apresenta a propriedade de não exigir, para a exposição dos conhecimentos, nenhum novo trabalho distinto daquele de sua formação. Toda a didática se resume, então, em estudar sucessivamente, na ordem cronológica, as diversas obras originais que contribuíram para o progresso da ciência”. (Auguste COMTE, *Curso de filosofia positiva*, p. 27).

<sup>87</sup> Segundo Comte, no modo dogmático os trabalhos particulares são refundidos num sistema geral e na medida em que a ciência progride e a ordem histórica de exposição torna-se impraticável, a ordem dogmática torna-se cada vez mais possível e necessária porque novas concepções permitem apresentar descobertas anteriores de um ponto de vista mais direto. Assim, “o dogmatismo é o estado normal da inteligência humana, aquele para o qual tende, por sua natureza, continuamente e em todos os gêneros, mesmo quando mais parece afastar-se dele. O ceticismo é, na verdade, simplesmente um estado de crise, resultado inevitável do interregno intelectual que sobrevém, necessariamente, todas as vezes em que o espírito humano é levado a mudar de doutrinas. É, ao mesmo tempo, o ceticismo o meio indispensável empregado, quer pelo indivíduo, quer pela espécie, a fim de permitir a transição de um dogmatismo para outro, o que constitui a única utilidade fundamental da dúvida.” (Augusto COMTE, *Opúsculos de Filosofia Social*, p. 204).



os partidários da filosofia teológica e da filosofia metafísica podem ainda atacar, com alguma esperança de sucesso, a filosofia positiva.”<sup>88</sup> Portanto, uma das propriedades fundamentais da filosofia positiva, no sistema geral das ciências positivas, enuncia:

“Todos o admitem, as divisões, estabelecidas para a maior perfeição de nossos trabalhos, nos diversos ramos da filosofia natural, são por fim artificiais.”<sup>89</sup>

As divisões que estabelecemos entre nossas ciências, sem serem arbitrarias, como alguns o crêem, são, com efeito, essencialmente artificiais. Na realidade, o assunto de nossas investigações é uno; nós o dividimos com o fito de separar as dificuldades para melhor resolvê-las. Resulta daí mais de uma vez que, contrariamente a nossas repartições clássicas, questões importantes exigiram certa combinação de vários pontos de vista especiais, a qual não pode ocorrer na constituição atual do mundo científico. Isto abre a possibilidade de esses problemas permanecerem sem solução mais tempo do que seria necessário.<sup>90</sup>

As divisões são arbitradas pelo estudo (método), mas não são reais na essência, pois não podemos determinar com precisão onde termina uma ciência e começa outra. Neste caso, a organização enciclopédica desempenha duas funções: tornar acessível o conhecimento de todas as ciências sem ter que remontar toda a História (do conhecimento) da Humanidade; e mostrar o fator de continuidade (instrução circular e dialética) de uma ciência para outra. Como exemplo Comte cita a “teoria das proporções definidas” na química, que não é tão “definida” quando se trata dos elementos que compõem os corpos orgânicos, como acontece nos inorgânicos. Neste caso, química e fisiologia se combinam para tratar da variabilidade das proporções nos corpos orgânicos. Esta interdisciplinaridade amplia o campo de estudo de cada ciência, processo em que uma penetra a área da outra sem perder sua identidade.

Comte se refere à aproximação entre duas ciências que até então eram concebidas de maneira isolada. Como exemplos, dá a geometria analítica e a matemática, a química e a fisiologia<sup>91</sup>. Enfim: atenta para a combinação de várias ciências, que em alguns casos são chamadas a analisar um mesmo fenômeno, pondo em questão o limite que as separa e confirmando a necessidade, reivindicada por ele, de preencher a lacuna relativa aos fenômenos sociais. Segundo Comte, uma vez que o espírito<sup>92</sup> humano funda a *física celeste*, a *física terrestre* (mecânica e química) e a *física orgânica* (vegetal e animal), é de fundamental importância, para terminar o sistema das ciências de observação, fundar a *física social*. Sua

<sup>88</sup> Auguste COMTE, *Curso de filosofia positiva*, p. 12.

<sup>89</sup> *Ibidem*, p. 11.

<sup>90</sup> *Ibid.*, p. 16.

<sup>91</sup> Comte mostra os exemplos da combinação entre ciências nas páginas 16 e 17 do *Curso de Filosofia Positiva*. [Auguste COMTE, (Os Pensadores)].

<sup>92</sup> “Espírito” aqui está empregado no sentido de razão/inteligência, faculdade de conhecer o real; que acreditamos ser este o sentido que permanece em toda obra.

organização enciclopédica<sup>93</sup> passa a contar com mais uma ciência em nível de generalidade decrescente e complexidade crescente, a sociologia. Ao fundar a física social (que tem como objeto de estudo os fenômenos sociais<sup>94</sup>), Comte ratifica sua lei<sup>95</sup> e descobre, pela observação direta dos fatos e pelo estudo da própria História, que para a filosofia positiva possuir o caráter de universalidade indispensável à sua constituição definitiva, seria preciso abarcar “a parte verdadeiramente preponderante de toda existência humana, a vida afetiva”<sup>96</sup>.

A princípio, Comte divisa os domínios da *ordem* e do *progresso* de acordo com o conceito de *estática* e *dinâmica* através do qual todo ser vivo pode ser estudado – como apto a agir e como agindo efetivamente. Por conseguinte, a filosofia positiva reclama uma reforma geral no sistema de educação, a qual uma vez instituído o estudo especial das generalidades científicas, contribuiria para o progresso particular das ciências. Por fim, a filosofia positiva, ao adquirir o caráter universal, constituiria a base sólida destinada à reorganização social.

Ao apontar a grande crise inicial do positivismo moderno, que deixou fora do movimento científico as teorias sociais e morais, Comte pretende mostrar que a filosofia positiva alcançaria o caráter de universalidade, em que *ciência* e *filosofia* coincidem, justamente porque reconhece a necessidade, e mostra a possibilidade, de se trabalhar conjuntamente as referidas teorias (social e moral). A partir disto, os estudos de Comte tratam da moral<sup>97</sup> e do sentimento do dever aproximando-se do conceito de Humanidade, que terá, posteriormente, um significado próprio em sua filosofia.

Auguste Comte, que já havia divisado a tríplice natureza humana em sentimentos, pensamentos e atos, anuncia que “a coordenação positiva, sem deixar de ser teórica e prática, deve também tornar-se moral e colher no sentimento seu verdadeiro princípio de universalidade”<sup>98</sup>. Comte explica que

a aridez, que justamente se censura até agora às inspirações positivas, provém somente da especialidade empírica de seu desenvolvimento preliminar, sem

<sup>93</sup> A ordem enciclopédica concebida por Comte em generalidade decrescente e complexidade crescente, encontra-se assim disposta: matemática, astronomia, física, química, biologia e sociologia. Depois da sociologia viria a ciência moral.

<sup>94</sup> Enfatizamos esta ordem de fenômenos (sociais) em contrapartida aos fenômenos intelectuais que dizem respeito a uma espécie de observação interior criticada por Comte, pois “o indivíduo pensante não poderia dividir-se em dois, um raciocinando enquanto o outro o visse raciocinar”; neste caso, como poderia ter lugar a observação se o objeto observado e o sujeito observador são o mesmo? (Auguste COMTE, *Curso de filosofia positiva*, p. 14).

<sup>95</sup> A lei dos três estados (teológico, metafísico e positivo) do conhecimento humano se refere à filosofia predominante (mas não única) em cada época da história da humanidade.

<sup>96</sup> Auguste COMTE, *Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo*, p. 103.

<sup>97</sup> Com a afirmação: “É, pois, sobretudo em nome da moral que é preciso, de agora em diante, trabalhar ardentemente para constituir enfim a ascendência universal do espírito positivo”, Comte aponta para a importância da religião. A ascendência universal do espírito positivo está relacionada à síntese subjetiva entre ciência e religião, através da Filosofia Positiva. (Idem, *Discurso sobre o espírito positivo*, p. 75).

<sup>98</sup> Idem, *Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo*, p. 103.

participar de modo inerente de sua verdadeira natureza. Surgindo primeiramente de impulsos materiais e por muito tempo limitando-se aos estudos inorgânicos, a positividade só permanece antipática, em geral, ao sentimento, por não ter se tornado suficientemente completa e sistemática. Estendendo-se às especulações sociais, que devem formar seu principal domínio, perde necessariamente os diversos vícios peculiares à sua longa infância. Em virtude de sua própria realidade característica, a nova filosofia se encontra conduzida a vir a ser mais moral do que intelectual, colocando na vida afetiva o centro de sua própria sistematização, para representar exatamente os direitos respectivos do espírito e do coração na verdadeira economia da natureza humana, individual ou coletiva. A elaboração de questões sociais a leva hoje a dissipar radicalmente as orgulhosas ilusões inerentes à sua preparação científica, quanto à pretensa supremacia da inteligência.<sup>99</sup>

Nosso filósofo, com este primeiro movimento em direção à desmistificação do antagonismo excepcional entre *espírito* e *coração* (razão e sentimento)<sup>100</sup>, atenta que o inverso – a supremacia do sentimento – também deve ser evitado sob pena de se fixar num estado (de fé cega) em que inteligência e moralidade se contradizem, prejudicando o progresso do espírito humano. Comte visa estabelecer uma harmonia/equilíbrio entre as questões do coração e os propósitos do espírito quando pondera: “o espírito não se destina a reinar, mas a servir” ao coração como ministro, pois “o espírito deve sempre ser o ministro do coração, nunca seu escravo”<sup>101</sup>. É necessário que haja compatibilidade entre razão e sentimento, inteligência e moralidade, enfim, coração e espírito, para se chegar a uma sábia atividade. Pois é o ato que distingue o estado de humanidade do estado de animalidade em que se encontra o indivíduo ou a sociedade; ou ainda em níveis mais apurados de percepção, são as obras que mostram a diferença entre a *crença* e a *fé*, entre o *amor contemplativo* e o *amor que move a vontade* (“viver para outrem”), que, enfim, mostram para Comte o fundamento da moral<sup>102</sup>.

Neste sentido, a passagem do estado de animalidade para o estado de humanidade se dá num processo de iniciação, em que o conhecimento só é despertado, a princípio, através da experiência; depois, através da inferência e da comparação. Ao nosso ver, e como tentaremos mostrar no restante dessa dissertação, a obra de Auguste Comte é uma iniciação filosófica (à ciência através da religião), a qual mostra que a naturalização do sagrado em razão do desenvolvimento da ciência pode ainda tornar deus real na Humanidade. Veremos que a discussão filosófica em Comte não se dá em nível de *verdades* absolutas, e sim da *realidade*

<sup>99</sup> Auguste COMTE, *Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo*, p. 103 e 104.

<sup>100</sup> O antagonismo entre razão e coração é emblemático no caso do Cristianismo (instituído). Segundo Félicien Challaye no livro “As Grandes Religiões”, as tendências contraditórias que animam a moral cristã podem ser reduzidas a duas tendências apenas: uma intelectual, ascética e intolerante (Cristianismo da razão) e outra sentimental, otimista e liberal (Cristianismo do coração). “Opor-se-ia, então, um *Cristianismo da razão* a um *Cristianismo do coração*.” (p. 226)

<sup>101</sup> Auguste COMTE, *Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo*, p. 105 e 106.

<sup>102</sup> A explicação deste fundamento será dada quando tratarmos o conceito de religião em Comte.

relativa, em que o fetichismo (primeira fase do estado teológico) é retomado no estado positivo através da religião positiva, no culto aos antepassados, os quais, em vida (objetiva) contribuíram para o progresso afetivo, intelectual ou material da humanidade.

## CAPÍTULO 2 – O Conceito Positivo de Religião

Para Auguste Comte o monoteísmo é o modo extremo do regime teológico e representa o passo decisivo do homem em direção à unidade do entendimento. Em sua visão de conjunto, Comte não descarta totalmente o “vôo mais simples” da inteligência humana próprio do estado teológico. Elege o estado positivo como ápice do desenvolvimento da inteligência ao constatar que o saber sistematizado (conhecimento positivo dos fenômenos – ciência) propicia ao homem o domínio (relativo) sobre os fenômenos naturais assim como sobre os sociais – aqueles relativos à própria natureza tríplice do homem (pensamentos, sentimentos e atos).

Uma vez que o monoteísmo, para Comte, representa o limite do pensamento sobre o absoluto, ou sobre a “realidade suprema” (ao próprio Deus, causa primeira e inexplicável), resta ao pensador retornar à “realidade relativa” (à percepção do universo) onde ele próprio existe; pois, o pensador não pode negar a positividade de sua própria existência. Sendo assim, num primeiro momento o pensador se ocupa estritamente do ego (o *eu* individual), ou seja, mergulha na própria existência, em que procura identificar-se com a causa primeira através da experiência interna. Num segundo momento, depois de esgotada essa experiência, o pensador divisa o alter-ego (o *eu* coletivo) e descobre uma humanidade que viveu no passado, vive no presente e viverá no futuro<sup>103</sup>. Neste sentido, Comte não está afirmando que o esgotamento do egoísmo leva diretamente ao altruísmo<sup>104</sup>, mas que a experiência interna, enquanto forma de

---

<sup>103</sup> Embora nada indique que Comte tenha lido as obras de Ludwig Feuerbach (1804-1872), o conceito de humanidade para ambos é muito próximo, uma vez que para Feuerbach “somente no outro tenho a consciência da humanidade; somente através dele eu experimento, sinto que sou homem; somente no amor por ele torna-se claro que ele pertence a mim e eu a ele, que ambos não podemos existir um sem o outro, que somente a comunidade faz a humanidade. Mas da mesma forma encontra-se também moralmente uma diferença qualitativa, crítica entre o Eu e o Tu. O outro é a minha consciência objetiva: ele repreende os meus erros, mesmo que não me diga explicitamente: ele é o meu escrúpulo personificado. A consciência da lei moral, do direito, da conveniência, da própria verdade só está relacionada com a consciência do outro. Verdadeiro é aquilo em que o outro concorda comigo – a concordância é o primeiro sintoma da verdade, mas somente porque o gênero é o último critério da verdade.” (Ludwig FEUERBACH, *A Essência do Cristianismo*, p. 199).

<sup>104</sup> Comte cria a palavra “altruísmo” para designar o sentimento social, “primeira base necessária de toda a moral sadia”; daí conclui que “se a felicidade resulta sobremaneira duma sábia atividade, deve então depender principalmente de instintos simpáticos, a despeito de nossa organização não lhes atribuir energia preponderante. (...) Podendo prolongar-se unicamente por meio da espécie, o indivíduo será assim impulsionado a nela se incorporar o mais completamente possível, ligando-se profundamente a toda sua existência coletiva, não apenas atual, mas também passada e, antes de tudo, futura, de maneira a obter toda a intensidade de vida que comporta em cada caso, o conjunto das leis reais.” (Auguste COMTE, *Discurso sobre o espírito positivo*, p. 77 e 78]. Enfim, o altruísmo está representado na máxima: “viver para outrem”.

autoconhecimento, constitui um meio legítimo para elevar os pendores egoístas a sentimentos altruístas. Como o processo de autoconhecimento através da experiência interna requer condições próprias para o seu despertar, não há outra saída para propiciar este despertar, sobretudo nas camadas populares, senão através de uma educação formal que utilize uma didática adequada.

Em 1830, Comte e seus ex-alunos fundam a Associação Politécnica para Instrução Popular que “pretendia desenvolver cursos de formação elementar para os operários de Paris”<sup>105</sup>. Entretanto, as reflexões de Comte sobre a organização da educação como projeto de reorganizar a sociedade vão além dos dezoito anos em que ministrou aulas de astronomia em nível popular para o operariado. Sua meta era proporcionar uma iniciação esotérica àqueles que só conheciam a experiência externa (operários e mulheres), assim como fazer participar da iniciação exotérica aqueles que só se preocupavam com a experiência interna (patriciado e filósofos). Enquanto o “Catecismo Positivista” é destinado às mulheres e aos proletários, o “Apelo aos Conservadores” se aplica aos governantes<sup>106</sup>.

Neste sentido, podemos concluir que a obra de Auguste Comte se nos apresenta “como uma totalidade coerente”, em que, de acordo com o próprio filósofo, “a Religião da Humanidade era a finalização lógica e a concretização esperada da filosofia positiva e da sociologia, seu produto teórico mais autêntico”<sup>107</sup>. Ainda na Primeira Conferência do Catecismo Positivista, Comte explica:

Reconheço, que o espírito positivo apresentou até aqui os dois inconvenientes morais peculiares à ciência, inchar e secar, desenvolvendo o orgulho e desviando do amor. Esta dupla tendência se conservará sempre nele o bastante para exigir habitualmente precauções sistemáticas de que vos hei de falar mais tarde. Contudo, vosso principal reproche resulta, a este respeito, de uma apreciação insuficiente do positivismo, que vós considerais apenas no estado incompleto em que ele ainda se mostra na maioria de seus adeptos. Estes limitam-se à concepção filosófica dimanada da preparação científica, sem ir até a conclusão religiosa, resumo único do conjunto dessa filosofia. Mas, completando o estudo real da ordem universal, vê-se o dogma positivo concentrar-se finalmente em torno de uma concepção sintética, tão favorável ao coração quanto ao espírito.

<sup>105</sup> Lelita Oliveira BENOIT, *Augusto Comte – fundador da física social*, p. 26.

<sup>106</sup> “Este opúsculo, começado a 3 de Junho de 1855 e terminado a 10 de Julho, dirige-se essencialmente aos estadistas ocidentais, a fim de iniciá-los na única síntese que os pode guiar. Deve preencher em relação a eles um ofício equivalente ao do Catecismo positivista para com as mulheres e os proletários, com as diferenças naturalmente peculiares a cada caso. Nestes dois episódios, propus-me sobretudo fazer penetrar diretamente a doutrina universal nas almas que não podem convenientemente estudar sua exposição sistemática. Mas, o de 1852 endereçando-se aos governados, aí me cumpria somente explicar o estado normal para o qual tende a revolução ocidental em virtude do conjunto da iniciação humana. Pelo contrário, o de 1855 sendo destinado sobretudo aos governantes, deve ele principalmente caracterizar a transição final, apreciando o futuro geral apenas quanto é exigido pela sistematização especial da política apropriada ao décimo nono século. Sob este aspecto, o Apelo aos Conservadores torna-se o complemento necessário do Catecismo Positivista, em que a conduta atual não fora de modo algum determinada.” (Auguste COMTE, *Apelo aos Conservadores*, p.V).

<sup>107</sup> Lelita Oliveira BENOIT, *Augusto Comte – fundador da física social*, p. 10.

Os entes quiméricos que a religião empregou provisoriamente inspiraram diretamente vivos afetos humanos, que foram mesmo mais poderosos sob as ficções menos elaboradas. Essa preciosa aptidão devia por muito tempo parecer estranha ao positivismo, por efeito de seu imenso preâmbulo científico. Enquanto a iniciação filosófica abraçou apenas a ordem material, e mesmo a ordem vital, ela não pôde desvendar senão leis indispensáveis à nossa atividade, sem nos ministrar nenhum objeto direto de afeição permanente e comum. Mas já não é mais assim desde que essa preparação gradual se acha finalmente completada pelo estudo próprio da ordem humana, individual e coletiva.<sup>108</sup>

Embora as sociologias posteriores desconheçam a gênese comteana, “o paradigma comteano continua a influenciar diversas sociologias, desde o século XIX”<sup>109</sup>. De fato, “segundo a sociologia pós-moderna a comunidade do sentimento nos remete aos paradigmas religiosos (‘mitos solidaristas’) entre os quais se destacaria sobretudo a Religião da Humanidade”<sup>110</sup>. Noutras palavras, acredita-se que, no futuro, o sentimento religioso será o cimento da unidade social.

Segundo Comte, o termo religião seria equivalente à palavra síntese se esta não estivesse, não por sua própria estrutura, mas segundo um uso quase universal, limitada só ao domínio do intelecto. O uso quase universal da palavra síntese, ao qual Comte se refere, tem a ver com o significado usual: resumo ou fusão de elementos concretos ou abstratos em um todo. Por outro lado, religião, enquanto síntese, compreenderia o conjunto total dos atributos humanos e não um resumo ou uma fusão destes; um conjunto em que cada um dos atributos (relacionados à tríplice natureza humana), embora distintos entre si, concorre para um mesmo fim, ou seja, para o belo, para o verdadeiro e para o bom – para o aperfeiçoamento da alma humana.

Neste sentido, a definição do termo religião, segundo Comte, caracteriza “o tipo imutável para o qual tende cada vez mais o conjunto dos esforços humanos”<sup>111</sup>. Esta tendência à unidade, ou ao estado sintético, pode ser constatada nas sínteses parciais e provisórias das numerosas crenças, que embora pareçam inconciliáveis num primeiro momento, podem ser combinadas de acordo com a principal característica: o deus único. Portanto, para Comte, “não existe, no fundo, senão uma única religião, ao mesmo tempo universal e definitiva, para a qual tenderam cada vez mais as sínteses parciais e provisórias, tanto quanto o comportavam as respectivas situações”<sup>112</sup>.

---

<sup>108</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 145.

<sup>109</sup> Lelita Oliveira BENOIT, *Augusto Comte – fundador da física social*, p. 90.

<sup>110</sup> *Ibidem*, p. 92.

<sup>111</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 139.

<sup>112</sup> *Ibidem*, p. 140.

O positivismo comteano restabelece e consolida a unidade entre o físico e o moral através da religião, cujo exame aprofundado caracteriza uma dupla ligação entre o interior e o exterior, entre o subjetivo e o objetivo. Entretanto, de acordo com o próprio progresso intelectual da humanidade, a *ciência*<sup>113</sup> se divorcia da *arte*<sup>114</sup> na medida em que a insuficiência da “última religião provisória” (o catolicismo) abandona aos profanos o domínio do corpo, em razão de sua dedicação à disciplina da alma. Para Comte, “a arte humana e a ciência humana são respectivamente indivisíveis, como os diversos aspectos peculiares ao destino comum de ambas (o homem), no qual tudo se acha constantemente ligado”<sup>115</sup>. Neste sentido, “quando o clero positivo houver preenchido suficientemente suas condições enciclopédicas” a medicina será reintegrada no domínio sacerdotal, pois “as moléstias cerebrais, e mesmo muitas outras, aí estão mostrando todos os dias a impotência de toda medicação restrita aos órgãos mais grosseiros”<sup>116</sup>, assim como todo sacerdócio mostra insuficiência quando quer dirigir a alma desprezando sua subordinação ao corpo.

Portanto, o domínio natural da religião em Comte caracteriza-se pelas participações necessárias do coração e do espírito que desempenham a função de “ligar o interior pelo amor e o religar ao exterior pela fé”<sup>117</sup> a fim de construir uma harmonia completa e duradoura. Na teoria positiva

A palavra “*religião*” não implica, em si mesma, a idéia de teologia, como geralmente se crê. Ela vem, etimologicamente, de “*religare*” (ligar duas vezes), significando, no fundo, a doutrina que dirige o homem individualmente e o liga socialmente. Essa doutrina pode ser teológica, e então a religião será teológica, pode ser sociológica, e então a religião será sociológica. Religião não é, pois, o mesmo que teologia, ainda que pareçam de ordinário identificadas uma e outra pela circunstância de haver-se a religião baseado, durante séculos, na teologia. Mas, ainda assim, religião indica em última análise, o estado de completa unidade que caracteriza o indivíduo e a sociedade quando todos seus atributos – sentimento, inteligência e atividade – convergem para um destino comum.<sup>118</sup>

Contudo, nesta teoria abstrata de nossa unidade há uma dificuldade radical no tocante à influência moral, pois os *instintos pessoais*<sup>119</sup> são sempre mais enérgicos que os *pendores*

<sup>113</sup> Diretamente relacionada à razão, ciência em Comte, deve ser entendida segundo a *concepção descritiva*. (Nicola ABBAGNANO, *Dicionário de Filosofia*, p. 138).

<sup>114</sup> Diretamente relacionada ao sentimento e à ação, arte em Comte, deve ser entendida segundo a *concepção estética enquanto educação* (instrumento de aperfeiçoamento moral). (Ibidem, p. 373).

<sup>115</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 140.

<sup>116</sup> Ibidem.

<sup>117</sup> Ibid., p. 141.

<sup>118</sup> Este conceito encontra-se assim desenvolvido em uma obra específica sobre a Religião da Humanidade de Auguste Comte: Juan Enrique LAGARRIGUE, *A Religião da Humanidade*, p. 41 e 42.

<sup>119</sup> Segundo Auguste Comte o homem é dotado de sete pendores egoístas e três pendores altruístas que, neste caso, estão referidos respectivamente aos instintos pessoais e aos pendores simpáticos. A “Classificação Positiva das Dezoito Funções Interiores do Cérebro ou Quadro Sistemático da Alma”, apresentada no anexo 1 a este trabalho, expõe detalhadamente a reflexão de Comte a respeito dos pendores humanos.



*simpáticos*, tornando a unidade pessoal quase incompatível com a unidade social<sup>120</sup>. Comte responde a esta questão recomendando que seja feita uma comparação dos dois modos opostos que a unidade moral parece naturalmente comportar, conforme sua base interior seja egoísta ou altruísta. De acordo com o filósofo, o modo egoísta da unidade moral não só atesta a impotência radical do egoísmo para constituir qualquer harmonia real e duradoura, como “a satisfação dessa necessidade fundamental deixa sucessivamente prevalecer vários outros pendores pessoais, cujas energias quase iguais anulariam as opostas pretensões de cada um dos mesmos a dominar o conjunto da existência moral”<sup>121</sup>. Se o modo egoísta exige o inteiro sacrifício dos pendores contrários ao seu princípio, querer a própria felicidade contraria a condição de possibilidade primitiva do egoísmo. Portanto, as condições morais da harmonia individual e as da harmonia coletiva coincidem naturalmente na sociabilidade, e não na personalidade, embora o positivismo reconheça e consagre a justa satisfação dos diversos instintos pessoais, enquanto indispensável à existência material do gênero humano.

Ainda assim, segundo a própria interlocutora do Catecismo (“MULHER”), é difícil conceber a abnegação habitual dos instintos mais enérgicos, os quais, aliás, excitados pelas necessidades corporais, parecem incompatíveis com um predomínio habitual dos fracos afetos simpáticos<sup>122</sup>. Ao responder a este coerente apelo, Comte explica que a lei moral é altruísta por excelência, pois sua condição de possibilidade, ou seja, as condições possíveis para sua realização, está na relação, no fato de que a moral só constitui uma lei na ação quando exercida/destinada a outrem. Por isso, o fundamento da moral, em Comte, encontra-se na sociabilidade, e não apenas na personalidade, no ato, e não apenas no pensamento. Para ele, é através do *como* e nunca do *porquê* que devemos entender os modos opostos da unidade moral (egoísmo e altruísmo) para melhor sentirmos o progresso intelectual da humanidade.

Nas relações domésticas e cívicas vê-se figurar a unidade altruísta, para qual todos tendem, em razão da própria condição de sociabilidade. Assim como a ordem natural compreende o conjunto de leis (naturais) que submetem o homem às suas prescrições, a ordem social compreende o conjunto de leis artificiais (sociais) que, através dos modos de repressão, procura estabelecer a lei moral. Neste sentido, entraremos no domínio fundamental da fé que, segundo Comte,

nunca teve senão um mesmo objeto essencial: conceber a ordem universal que domina a existência humana, para determinar nossa relação geral para com ela. Quer se assinalassem suas causas fictícias, quer se estudassem suas leis reais, o que

<sup>120</sup> Esta questão é colocada pela “MULHER” ao “SACERDOTE” na Primeira Conferência do *Catecismo Positivista*. (Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 141).

<sup>121</sup> *Ibidem*, p. 142.

<sup>122</sup> *Ibidem*.

sempre se quis foi apreciar essa ordem independente de nós, a fim de a sofrer melhor e de a modificar mais. Toda doutrina religiosa repousa necessariamente sobre uma explicação qualquer do mundo e do homem, duplo objeto contínuo de nossos pensamentos teóricos e práticos.

A fé positiva expõe diretamente as leis efetivas dos diversos fenômenos observáveis, tanto interiores como exteriores; isto é, suas relações constantes de sucessão e de semelhança, as quais nos permitem prever uns por meio dos outros.<sup>123</sup>

Deste modo, a fé positiva se estabelece na ordem imutável a que estão sujeitos os acontecimentos de todo gênero. Apesar de nunca poder ser explicada – por referir-se à causa primeira –, esta ordem pode ser constatada na disposição natural do entendimento humano para apreciar a harmonia exterior, e mesmo através das próprias leis. Se “leis físicas supõem, com efeito, leis lógicas, e reciprocamente”<sup>124</sup>, então a regularidade do homem não seria compatível com a desordem do mundo e vice-versa. Quando observamos a natureza não constatamos o caos, mas a constância no meio da diversidade, em que uma semente germina e se desenvolve sempre que suas condições, interior (estar apta para germinar) e exterior (fatores como solo e clima), favoreçam o processo. Comte está tentando mostrar que esta ordem se estende até os fenômenos sociais, pois todo homem nasce ignorante e dependente do meio (condição fundamental), mas sujeito ao progresso físico, intelectual e moral (disposições secundárias).

Neste sentido é importante discernir o que é uma lei imutável e o que é a consideração feita a seu respeito quando é entendida como imodificável<sup>125</sup>. As leis imutáveis são constatadas através de uma observação sistemática e comportam uma previsão, pois o fenômeno observado se repete sistematicamente nas mesmas circunstâncias. Os fenômenos naturais, como a força de atração que a Terra exerce sobre os corpos, as cheias dos rios em razão do alto índice pluviométrico, as estações do ano e até o ciclo vital dos seres orgânicos (nascimento e morte) são condições fundamentais imutáveis. Entretanto, as disposições

---

<sup>123</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 143.

<sup>124</sup> *Ibidem*, p. 144.

<sup>125</sup> “(...) bastará retificar a apreciação espontânea que vos faz considerar as leis reais como imodificáveis. Enquanto os fenômenos foram atribuídos a vontades arbitrárias, a concepção de uma fatalidade absoluta tornou-se o corretivo necessário de uma hipótese diretamente incompatível com toda ordem efetiva. A descoberta das leis naturais tendeu, em seguida, a manter essa disposição geral, porque a princípio tal descoberta dizia respeito aos acontecimentos celestes, inteiramente subtraídos à intervenção humana. À medida, porém, que o conhecimento da ordem real se desenvolveu, tem ela sido considerada como essencialmente modificável, mesmo por nós, e tanto mais quanto os fenômenos mais se complicam, como vo-lo explicarei daqui a pouco. (...) Quaisquer que sejam os fenômenos, sem excetuar os mais complexos, as suas condições fundamentais são sempre imutáveis; mas, por toda parte, também, inclusive nos casos mais simples, as disposições secundárias podem ser modificadas, e amiúde por nossa intervenção. Estas modificações em nada alteram a invariabilidade das leis reais, porque elas nunca se tornam arbitrárias. Sua natureza e extensão seguem sempre regras próprias, que completam nosso domínio científico. A imobilidade total seria por tal modo contrária à mesma noção de *lei*, que esta caracteriza, por toda parte, a constância percebida no meio da variedade.” (*Ibidem*).

secundárias destas condições fundamentais podem ser modificadas de acordo com o estado de evolução do conhecimento humano. Comte tenta mostrar que, quando o homem domina a ciência de determinado fenômeno, ele se torna capaz de neutralizar ou potencializar a ação de uma lei; quer se aproveitando dela, quer utilizando outra lei afim, através de artifícios técnicos e/ou mecânicos. Quando o homem modifica as disposições secundárias das leis que regem os fenômenos (citados anteriormente), ele se torna capaz de construir aviões, barragens, de prever o plantio e a colheita, e até de descobrir tratamentos médicos que otimizam a qualidade de vida. Estas modificações das disposições secundárias nunca se tornam arbitrárias, pois a simples falta de conhecimento de uma lei basta para frustrar qualquer tentativa de neutralização ou potencialização da mesma.

Assim, a ordem natural constitui sempre uma fatalidade modificável, que se torna a base necessária da ordem artificial. Nosso verdadeiro destino compõe-se, pois, de resignação e atividade. Esta segunda condição, longe de ser incompatível com a primeira, repousa diretamente sobre ela. Uma judiciosa submissão às leis fundamentais é, com efeito, o único preservativo contra o vago e a instabilidade de nossos desígnios quaisquer, permitindo-nos instituir, segundo as regras secundárias, uma sábia intervenção. Eis aí como o dogma positivo consagra diretamente nossa atividade, que nenhuma síntese teológica podia abarcar. Este surto prático torna-se mesmo aí o principal regulador de nossos trabalhos teóricos relativos à ordem universal e suas modificações.<sup>126</sup>

Essa “fatalidade modificável” também pode ser verificada nos fenômenos sociais, pois uma das condições fundamentais da vida humana é todo homem nascer analfabeto; mas, de acordo com as disposições secundárias da própria vida, todo homem pode ser instruído através da educação (a princípio doméstica, e depois formal)<sup>127</sup>. Sendo assim, o destino catequético da Religião da Humanidade, que ministra o ensino enciclopédico, está diretamente relacionado à lei dos três estados<sup>128</sup>, pois o dogma fundamental da religião positiva consiste na existência constatada de uma ordem imutável que é, ao mesmo tempo, objetiva e subjetiva<sup>129</sup>.

Para melhor encadear a exposição de nosso trabalho deste ponto em diante, começaremos com a explicação do dogma (correspondente à PARTE SEGUNDA, da sexta à oitava Conferência, do Catecismo Positivista), voltando à explicação do culto (PARTE

<sup>126</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 145.

<sup>127</sup> Para Comte, a mulher é a providência moral, pois ela é naturalmente iniciada a “viver para outrem” em razão da maternidade. Ao falar do amor de Deus, Feuerbach antecede Comte no que diz respeito à mulher: “De fato é também o amor feminino a base do amor em geral.” “O amor mais elevado e profundo é o amor materno.” (Ludwig FEUERBACH, *A Essência do Cristianismo*, p. 115).

<sup>128</sup> O Catecismo Positivista, além de fornecer a base da educação formal, constitui a preparação da última ciência: a moral. Esta é a última ciência em generalidade decrescente e complexidade crescente, mas é a primeira ao englobar todas as outras, pois visa estabelecer a harmonia entre o objetivo e o subjetivo, entre o mundo e o homem, entre o homem e a Humanidade.

<sup>129</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 143 e 144.

PRIMEIRA, da terceira à quinta Conferência) para então chegarmos à explicação do regime (PARTE TERCEIRA, da nona à décima primeira Conferência). Esta ordem de explicação abrirá, para o capítulo seguinte, a discussão da teoria da Humanidade (INTRODUÇÃO, segunda Conferência) no projeto de uma ciência moral. Seguiremos este roteiro porque o próprio filósofo colocara a princípio o dogma antes do culto em razão de sua “excessiva deferência” aos seus predecessores católicos, e depois em razão de uma “solicitude exagerada” pela racionalidade, “a fim de que o culto assentasse sobre uma base sistemática”<sup>130</sup>.

## 2.1 - O DOGMA

Para evitar divagações ao penetrar na explicação do dogma, impomos-nos a seguinte consideração: “O único caráter essencial do novo espírito filosófico, não ainda indicado diretamente pela palavra positivo, consiste em sua tendência necessária a substituir, em todos os lugares, absoluto por *relativo*.”<sup>131</sup> A aspiração à unidade absoluta torna-se contraditória ao estudo das leis, pois estas comportam uma unidade puramente relativa. Comte afirma que para conceber a construção de tal unidade (relativa) é preciso conhecer a natureza das leis (físicas, intelectuais e morais) que a compõem. Pois “as leis físicas sendo, no fundo, independente das leis morais, os homens puderam fundar nelas isoladamente convicções estáveis, se bem que incoerentes. Pelo contrário, as leis morais dependendo necessariamente das leis físicas, as mulheres não puderam construir naquele domínio nenhuma doutrina inabalável, e seus esforços apenas comportaram uma preciosa reação afetiva”<sup>132</sup>. Neste caso, a unidade só pode ser estabelecida por meio de uma suficiente ligação dos dois domínios, através do domínio intermediário (intelectual) que se liga naturalmente a cada um dos extremos.

É através das leis próprias do entendimento que Comte expõe a importância da intermediação que o domínio intelectual exerce sobre o físico e o moral, na construção da unidade teórica. Para expor as leis mentais, das quais depende toda unidade sistemática, Comte as distingue em estáticas<sup>133</sup> e dinâmicas. O estudo da estática precede o estudo da

<sup>130</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 147.

<sup>131</sup> Idem, *Discurso sobre o espírito positivo*, p. 63.

<sup>132</sup> Id., *Catecismo positivista*, p. 206.

<sup>133</sup> “A lei estática de nosso entendimento torna-se, para o positivismo, uma simples aplicação do princípio fundamental que por toda parte subordina o homem ao mundo. Consiste ela, com efeito, na subordinação contínua de nossas construções subjetivas aos nossos materiais objetivos. O gênio de Aristóteles esboçou a noção geral de tal lei neste admirável apanhado: *Nada há no entendimento que não proviesse primeiro da*

dinâmica, pois é preciso “ter determinado as condições fundamentais de cada existência antes de apreciar seus diversos estados sucessivos”<sup>134</sup>. Voltamos ao *Curso de Filosofia Positiva*, quando Comte afirma que para explicar convenientemente seu pensamento a respeito das leis lógicas do espírito humano, deve-se primeiro lembrar a concepção filosófica exposta pelo Sr. De Blainville. Esta consiste em que todo ser ativo, especialmente todo ser vivo, pode ser estudado, em todos os seus fenômenos, de duas óticas fundamentais, a estática e a dinâmica, isto é, como apto a agir e como agindo efetivamente. “Tais são, evidentemente, as duas únicas vias gerais, uma complementar à outra, pelas quais se pode chegar a algumas noções racionais verdadeiras sobre os fenômenos intelectuais.”<sup>135</sup>

Um dos fenômenos intelectuais que ressignifica o conceito de imortalidade na religião positiva é a lembrança<sup>136</sup>. Embora “as imagens subjetivas são sempre menos vivas e menos nítidas que as impressões objetivas de onde elas dimanam”<sup>137</sup>, se estas “impressões objetivas” não se fixassem de alguma forma como “imagens subjetivas”, não seria possível falar em história, em tradição, em religião. Ou seja, se não existisse uma lei intelectual que regulasse o entendimento humano, o conhecimento científico se perderia numa dinâmica permanente<sup>138</sup>. Neste sentido, o ponto de partida estático de todo fenômeno é imutável, mas

---

*sensação*. Tendo, porém, os modernos abusado amiúde de semelhante axioma para representar nossa inteligência como puramente passiva, o grande Leibniz foi obrigado a juntar-lhe uma restrição essencial, destinada a formular a espontaneidade de nossas disposições mentais. Esta explicação, que se limitava realmente a desenvolver melhor a máxima de Aristóteles, foi completada por Kant, com a sua imortal distinção entre as duas realidades, objetiva e subjetiva, de cada concepção humana. Contudo, este princípio só foi verdadeiramente sistematizado quando o positivismo o referiu, como convinha, à lei geral que, em todos os fenômenos vitais, coloca todo organismo sob a dependência contínua do meio correspondente. Para as nossas mais elevadas funções espirituais, como em relação aos nossos atos mais materiais, o mundo exterior serve-nos ao mesmo tempo de alimento, de estimulante e de regulador. Ao passo que a subordinação do subjetivo ao objetivo cessava, assim, de ser isolada, recebia também, da filosofia positiva, seu complemento indispensável, sem o qual o estudo estático da inteligência não poderia ser ligado suficientemente ao estudo dinâmico.” (Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 207).

<sup>134</sup> Ibidem, p. 206.

<sup>135</sup> Idem, *Curso de filosofia positiva*, p. 13.

<sup>136</sup> O conceito de imortalidade, em Comte, está relacionado não só à solidariedade, mas também à continuidade no tempo, pois “a verdadeira sociabilidade consiste mais na continuidade sucessiva do que na solidariedade atual. Os vivos são sempre, e cada vez mais, governados necessariamente pelos mortos: tal é a lei fundamental da ordem humana. Para se conceber melhor esta lei, cumpre distinguir, em cada verdadeiro servidor da humanidade, duas existências sucessivas: uma, temporária, mas direta, constitui a vida propriamente dita; a outra, indireta, mas permanente, só começa depois da morte. Sendo a primeira sempre corporal, pode ser qualificada de *objetiva*; sobretudo por contraste com a segunda, que, não deixando subsistir a cada um senão no coração e no espírito de outrem, merece o nome de *subjetiva*. Tal é a nobre imortalidade, necessariamente imaterial, que o positivismo reconhece à nossa *alma*, conservando este termo precioso para designar o conjunto das funções intelectuais e morais, sem nenhuma alusão à entidade correspondente.” (Id., *Catecismo positivista*, p. 152).

<sup>137</sup> Ibid., p. 207.

<sup>138</sup> “Em virtude deste duplo princípio estático, as nossas concepções quaisquer resultam necessariamente de um comércio contínuo entre o mundo, que lhes fornece a matéria, e o homem, que lhes determina a forma. Elas são profundamente relativas, ao mesmo tempo, ao sujeito e ao objeto, cujas variações respectivas necessariamente as modificam. Nosso principal mérito teórico consiste em aperfeiçoar assaz essa subordinação natural do homem ao

não é imóvel, pois a dinâmica só é possível na relação constante de sucessão e de semelhança entre os momentos estáticos. Ou seja, para agir efetivamente – para que haja dinâmica – é preciso estar apto para agir – que haja estática. Este *estar* apto não é o mesmo que *ser* apto, pois esse último nos levaria à noção de absoluto, à causa primeira da qual nada se sabe. Então, o homem, de acordo com a análise comteana, sempre *está* apto a agir, pois se observarmos a circunstâncias do nascimento de qualquer indivíduo, ele não *é* apto nem a sobreviver se for abandonado neste estado e, no entanto, se torna apto para muitas coisas quando devidamente assistido por outros indivíduos que já passaram desta fase de ignorância e dependência.

Mas, tomemos cuidado com tais raciocínios, primeiro porque o próprio filósofo alerta que o positivismo, “prossequindo sempre o estudo das leis, caminha sem cessar entre duas sendas igualmente perigosas, o misticismo, que quer penetrar até as causas, e o empirismo, que se cinge aos fatos”<sup>139</sup>; e segundo porque o homem, mesmo aproveitando e desfrutando, no século XXI, de um significativo avanço tecnológico proporcionado pelos seus antepassados e contemporâneos, sequer percebe a dimensão da sua relação com a humanidade, a começar com a família e com a pátria. Do ponto de vista dinâmico há sempre uma relação de dependência entre os indivíduos (que compõem o organismo social), assim como entre as células e suas funções dentro de um organismo (individual).

A marcha efetiva do espírito humano em exercício caracteriza o complemento dinâmico da lei intelectual. Isto porque, segundo Comte, o desenvolvimento de toda concepção teórica consiste na passagem necessária por três estados sucessivos: teológico (fictício – provisório), metafísico (abstrato – transitório) e positivo (real – definitivo)<sup>140</sup>. O princípio intelectual desta evolução se deve ao fato de que as primeiras hipóteses são

---

mundo, para que o nosso cérebro se torne o fiel espelho da ordem exterior, cujos resultados futuros podem desde logo ser previstos mediante as nossas operações interiores. Esta representação, porém, não comporta nem exige uma exatidão absoluta. Seu grau de aproximação é regulado pelas nossas exigências práticas, que mede a precisão que convém às nossas previsões teóricas. Este limite necessário deixa ordinariamente à nossa inteligência uma certa liberdade especulativa, de que ela deve servir-se para satisfazer melhor às suas próprias inclinações, quer científicas, quer mesmo estéticas, tornando nossas concepções mais regulares, e mesmo mais belas, sem serem menos verdadeiras.” (Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 207).

<sup>139</sup> Ibidem.

<sup>140</sup> As três leis dinâmicas do entendimento são:

1ª - Cada entendimento oferece a sucessão dos três estados, fictício, abstrato e positivo, em relação às nossas concepções quaisquer, mas com uma velocidade proporcional à generalidade dos fenômenos correspondentes.

2ª - A atividade é primeiro conquistadora, em seguida defensiva e enfim industrial.

3ª - A sociabilidade é primeiro doméstica, em seguida cívica e enfim universal, segundo a natureza peculiar a cada um dos três instintos simpáticos.

A primeira dessas três leis diz respeito diretamente à evolução intelectual. As outras duas, referindo-se respectivamente à atividade e ao sentimento, apenas de modo indireto estão ligadas à inteligência, pois, como sabemos, é o sentimento que impulsiona todos os nossos trabalhos de qualquer ordem, executados sempre pela atividade guiada pela inteligência. O sentimento e a atividade constituem respectivamente a fonte e o destino do trabalho intelectual. (Augusto Beltrão PERNETTA, *Filosofia Primeira*, p. 123 e 124).

espontâneas, portanto, fictícias, pois o conhecimento real dos fenômenos requer uma análise difícil e gradual, incompatível com o estado nascente do pensamento. Durante muito tempo a pesquisa das causas ofereceu um atrativo teórico e prático invencível, “prometendo-nos a possibilidade de procedermos sempre por dedução sem exigir nenhuma indução especial, e de modificarmos o mundo ao nosso talante”<sup>141</sup>. Foi justamente a ligação provisória, que a pesquisa das causas estabeleceu entre os fatos, que levou os homens espontaneamente ao descobrimento das leis.

Entretanto, a dúvida que persiste é: como o princípio universal da Humanidade pode instituir, mediante as leis, uma verdadeira unidade especulativa, ligando as leis morais às leis físicas? Ou ainda, como as leis intelectuais, quer estática, quer dinâmica, podem intermediar a relação entre as leis físicas e as leis morais? Tomemos o caso do compasso para exemplificar como atuam as leis intelectuais. Assim como o compasso precisa estar firmemente apoiado em uma de suas hastes para que a outra possa riscar uma circunferência perfeita, o homem se apóia no interior (subjetivo) para agir no exterior (objetivo), traçando uma circunferência que aumenta ou diminui em relação ao grau de conhecimento adquirido sobre determinado fenômeno. Quanto maior for o compasso – o conhecimento que se apóia na afetividade e dirige a atividade –, ou seja, quanto mais domínio se tem das leis intelectuais, maior abrangência terá o raio de ação (no exterior). Deste modo, um homem de gênio (científico ou religioso) influencia diretamente ou interfere no destino da Humanidade, porque o raio de sua circunferência consegue abranger as circunferências traçadas por outros homens. Assim é que, nas palavras de Auguste Comte, o que não pode ser feito por um único homem em uma única vida, pode ser pelo menos proposto nitidamente por apenas um homem de gênio. Por isso, Comte coloca no ápice da escala enciclopédica a Moral, ou a ciência do homem individual.

Pois que o Grande Ser nunca funciona senão por intermédio de órgãos finalmente pessoais, é preciso primeiro estudar sobretudo estes, para que aquele seja convenientemente servido durante a existência objetiva deles, de onde dependerá a influência subjetiva de tais órgãos. É assim que o positivismo consolida irrevogavelmente o preceito fundamental da teocracia inicial: *Conhece-te para melhorar-te*. O princípio intelectual aí concorre com o motivo social. (...). (...). o positivismo não procurando jamais senão a lei para melhor dirigir a atividade, sempre essencialmente social, faz repousar a ciência moral sobre a observação dos outros, muito mais do que sobre a observação de si próprio, a fim de estabelecer noções ao mesmo tempo reais e úteis.<sup>142</sup>

<sup>141</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 208 e 209.

<sup>142</sup> *Ibidem*, p. 212 e 213.

Neste caso, a finalidade das ciências deve ser conhecer bem, para amar mais e servir melhor à Humanidade<sup>143</sup> (o Grande Ser na concepção religiosa de humanidade).

Concebida como a principal ciência, a moral institui em primeiro lugar a Sociologia, pois esta absorve a biologia como preâmbulo e a moral como conclusão. Comte prevê ainda que “quando a palavra *Antropologia* for mais e melhor usada, será preferível para este destino coletivo, pois que significa literalmente *estudo do homem*”<sup>144</sup>. O preâmbulo sintético das ciências ficaria assim disposto: 1º - Lógica. Ciência do Espaço (matemática); 2º - Física. Ciência da Terra (astronomia, física propriamente dita, química); 3º - Moral. Ciência da Humanidade (biologia, sociologia, moral). Este preâmbulo científico é o fundamento da Trindade Positivista: o Grande Meio é o *espaço*, o Grande Fetiche é a *Terra* e o Grande Ser é a *humanidade*.

Com a finalidade de explicar o dogma positivo Comte institui a Filosofia Primeira, a Filosofia Segunda e a Filosofia Terceira “depois de haver sistematizado positivamente o conjunto dos acontecimentos acumulados pela Humanidade em tantos séculos de sua longa evolução preparatória”<sup>145</sup>. A Filosofia Primeira constitui o preâmbulo sintético do dogma e abrange *quinze leis ou princípios universais*<sup>146</sup>. A Filosofia Segunda “compreende o estudo das leis ou relações abstratas que regulam todos os fenômenos suscetíveis de apreciação positiva pela inteligência humana. Esse estudo é endereçado ao dualismo, objeto de todas as nossas pesquisas, o Mundo e o Homem”<sup>147</sup>. A Filosofia Terceira compreende a

---

<sup>143</sup> Mais uma vez o conceito de Humanidade em Comte (que será trabalhado no terceiro capítulo) aproxima-se das considerações de Feuerbach: “Isolado o poder humano é limitado, unido é infinito. Limitado é o saber do indivíduo, mas ilimitada é a razão, ilimitada a ciência, porque ela é um ato conjunto da humanidade e na verdade não só por colaborarem muitos na construção da ciência, mas também no sentido interno de que um gênio científico de uma época determinada reúne em si as idéias dos gênios passados, mesmo que seja de um modo determinado, individual, sua força não é, pois, uma força isolada. Espírito, sagacidade, fantasia, sentimento, enquanto distintos da sensibilidade, da razão – todas essas chamadas faculdades da alma são forças da humanidade, não do homem enquanto indivíduo, são produtos da cultura, da sociedade humana. Somente quando o homem se choca com o homem inflama-se o espírito e a sagacidade – por isso existe mais espírito na cidade do que no campo, mais nas grandes do que nas pequenas cidades – somente quando o homem se aquece com o homem surge o sentimento e a fantasia, o amor, um ato comunitário que sem ser correspondido é a maior das dores, a fonte primitiva da poesia – e somente quando o homem fala com o homem, somente no discurso, num ato comunitário, surge a razão. Perguntar e responder são os primeiros atos do pensamento.” (Ludwig FEUERBACH, *A Essência do Cristianismo*, p. 127).

<sup>144</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 214.

<sup>145</sup> Augusto Beltrão PERNETTA, *Filosofia Primeira*, p. 05. “Augusto Comte divide a Filosofia em três partes, com as denominações de Filosofia Primeira, Segunda e Terceira. Todas convergem para o mesmo objetivo final, a melhoria da alma humana e das condições de existência no Mundo”. (Ibidem, p. 08)

<sup>146</sup> As quinze leis sobre as quais assenta o dogma positivo podem ser conhecidas através do “Quadro das quinze leis de filosofia primeira ou princípios universais sobre os quais assenta o dogma positivo”. Este encontra-se no Anexo 2 a este trabalho e pode ser pormenorizadamente estudado na obra *Filosofia Primeira* de Augusto Beltrão Pernetta.

<sup>147</sup> Ibidem, p. 15.



correspondência real e necessária entre a ciência e a arte destinada à ação, à modificação da alma, da sociedade e do mundo.

Deste modo, podemos entender que a explicação do dogma e o desdobramento deste em ordem exterior (primeiro material, depois vital) e ordem humana (primeiro social, depois moral) estão respectivamente representados nas três Filosofias, desenvolvidas no Sistema de Política Positiva, com ênfase na Filosofia Segunda onde, de acordo com Auguste Comte, cada uma das sete ciências deve ser assim entendida:

*Matemática* ou *Lógica* é a ciência que tem por objeto o estudo das leis do número, da forma e do movimento, e por fim determinar as grandezas, umas pelas outras, segundo as relações precisas que existem entre elas.

A finalidade lógica do primeiro grau enciclopédico leva a considerá-lo não somente sob o aspecto da previsão dos acontecimentos, mas principalmente do desenvolvimento do método, preparando a inteligência humana, pelo raciocínio no domínio mais simples do número, da forma e do movimento, para abordar os domínios mais complexos da Física e da Moral.

*Astronomia* é a ciência que tem por objeto o estudo das leis geométricas e mecânicas dos fenômenos celestes, e por fim prever com certeza o estado do céu em momento exato de um futuro mais ou menos longínquo.

*Física* é a ciência que tem por objeto o estudo das leis que regem as propriedades gerais dos corpos, ordinariamente apreciados em massa, e constantemente colocados em circunstâncias suscetíveis de manter intacta a composição de suas moléculas e mesmo, na maioria dos casos, seu estado de agregação, e por fim prever, com a maior exatidão possível todos os fenômenos que possa apresentar um corpo colocado em um conjunto qualquer de circunstâncias dadas.

*Química* é a ciência que tem por objeto o estudo das leis dos fenômenos de composição e de decomposição, que resultam da ação molecular e específica das diversas substâncias, naturais ou artificiais, umas sobre as outras, e por fim determinar exatamente em que consistirá a ação de substâncias simples ou compostas colocadas em relação, em circunstâncias bem definidas, e prever as principais propriedades dos novos produtos resultantes.

*Biologia* é a ciência que tem por objeto o estudo da estrutura dos organismos vivos e das leis de seu funcionamento, e por fim, sendo dados o órgão ou a modificação orgânica, achar a função ou o ato e reciprocamente.

*Sociologia* é a ciência que tem por objeto o estudo das leis da estrutura geral do organismo social e de seu desenvolvimento, isto é, a ordem e o progresso, e por fim, conhecidas a formação e a estrutura de uma sociedade, prever as suas condições presentes e futuras de existência.

*Moral* é a ciência que tem por objeto o estudo das leis que regem a natureza humana afetiva, intelectual e prática, e por fim prever o comportamento de uma existência humana, colocada em determinadas condições objetivas e subjetivas, e as modificações que possa sofrer por influências interiores ou exteriores.<sup>148</sup>

Esta ascensão da ciência mais geral à ciência mais complexa prepara a passagem da Filosofia Segunda para a Filosofia Terceira, ou seja, da ordem exterior para a ordem humana em que se deve realizar a correspondência harmônica entre teoria e prática, entre a ciência (abstrato) e a arte (concreto). A ordem humana, que se apresenta primeiro social e depois

<sup>148</sup> Augusto Beltrão PERNETTA, *Filosofia Primeira*, p. 16 e 17.

moral, pode ser constatada nas providências familiar, nacional e religiosa, cujos respectivos centros concretos são a mulher, o patriciado/proletariado e o sacerdote. A tríplice natureza humana – sentimento, pensamento e ato – representada socialmente pela mulher, pelo sacerdote e pelo patriciado/proletariado evidencia a hierarquia concreta em correspondência com a hierarquia abstrata, pois, assim como uma ciência não desempenha o papel de outra ou se confunde com ela, as providências moral, intelectual e prática não devem confundir suas funções, mas antes concorrer para o mesmo fim que é o conhecimento e o aperfeiçoamento da alma humana. Assim, “a providência moral das mulheres, a providência intelectual do sacerdócio e a providência material do patriciado carecem, pois, de ser completadas pela providência geral oriunda do proletariado, para constituírem o admirável conjunto da providência humana. Todas as nossas forças podem, assim, tender sempre, cada qual segundo sua natureza, para a conservação e o aperfeiçoamento do Grande Ser”<sup>149</sup>.

Neste sentido, a liberdade para Comte nos faz lembrar o pressuposto socrático: “Liberdade é obediência à Lei”, quando o filósofo afirma: “a verdadeira liberdade é por toda parte inerente e subordinada à ordem, quer humana, quer exterior”<sup>150</sup>. Lembramos que, neste caso, as palavras *Lei* e *ordem* não guardam nenhuma relação com as leis e decretos do complexo sistema judiciário atual, embora estes mesmos tenham sido gerados a partir das necessidades sociais – da relação entre a ordem humana e a ordem exterior. Com efeito, o fato de que as leis sociais, muitas vezes, são inspiradas nas leis morais ou quando são elas próprias as leis sociais, nos faz pensar novamente que o fundamento da moral reside na sociabilidade, ou seja, na relação entre indivíduos “livres”. Logo, “se a liberdade humana consistisse em não seguir lei alguma, ela seria ainda mais imoral do que absurda, por tornar-se impossível um regime qualquer, individual ou coletivo”<sup>151</sup>.

De acordo com o dogma positivo os indivíduos estão sujeitos às leis morais assim como às leis físicas, pois qualquer inobservância ou desprezo às leis resulta em uma consequência para o sujeito. Entretanto, a consequência de uma lei física é sempre imediata e mais facilmente verificável, enquanto a consequência de uma lei moral parece não ser sempre imediata e por vezes não atua sobre o sujeito com a mesma intensidade de uma lei física; ou, ainda, é esquecida com o tempo.

A questão neste caso é: se for a própria natureza que garante o cumprimento das leis físicas, quem garante o cumprimento das leis morais em toda e qualquer situação? Uma

---

<sup>149</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 238.

<sup>150</sup> *Ibidem*, p. 236.

<sup>151</sup> *Ibid.*, p. 235.

autoridade divina? Uma autoridade social? Parece que a questão aqui não é impedir o descumprimento das leis (naturais ou sociais), pois a natureza não impede que um homem se jogue em um precipício, mas é mostrar que a lei sempre se aplica ao ato consumado; e, no caso da religião positiva, a questão é despertar a consciência dos indivíduos para estas leis (ordens exterior e humana) através da educação primeiro doméstica, depois formal. Pois a autoridade moral repousa na consciência de cada indivíduo, que é “livre” para viver de acordo com os dez motores afetivos, as cinco funções intelectuais e as três qualidades práticas de suas funções cerebrais<sup>152</sup>.

A universalidade da lei moral é outra questão a ser pensada. Em nível sociológico a universalidade de uma lei moral se refere ao universo temporal e local correspondente, assim como a lei da gravidade terrestre está restrita ao universo (campo) gravitacional da Terra. Daí a ciência mais indicada para estudar o homem ser a Antropologia – reconhecida por Comte na explicação do dogma. Mas, como o que não foi ensinado não pode ser exigido, a ignorância por si só está perdoada em ambos os casos. Neste sentido, a submissão às leis não deve ser vista como condenação, mas como cumprimento de um dever humano que pressupõe a liberdade dentro de determinada sociedade ou circunstância; assim como a educação não é um mero instrumento de preparação para a vida adulta, ou para o mercado de trabalho, mas constitui uma iniciação ao despertar da consciência, ao despertar da autoridade moral através do exemplo: o que ensina não são as palavras, mas os atos.

Por isso, a moral é positiva e não metafísica ou teológica, ou seja, a autoridade ou fundamento da moral reside no exemplo e na “imitação”<sup>153</sup> do exemplo de vida, daqueles que se fizeram servidores da Humanidade através de seus trabalhos e de seu amor a Ela. Daí o poder espiritual, que dirige a moral no positivismo, ser representado por uma mulher que segura uma criança (símbolo do futuro) nos braços, pois a mulher sempre concebeu e, enquanto ideal, sempre zelou pela solidariedade e continuidade do homem no tempo, em toda a história da Humanidade.

Neste sentido, a última ciência (em generalidade decrescente e complexidade crescente), para Comte, é a moral, pois o exemplo de um servidor da Humanidade pode ser repetido e/ou imitado quantas vezes for possível ou necessário. Como o Grande Ser, quer intelectual, quer moralmente, “compõe-se primeiro muito mais de mortos, e depois de pessoas

---

<sup>152</sup> O esquema da “Classificação Positiva das Dezoito Funções Interiores do Cérebro ou Quadro Sistemático da Alma” feito pelo filósofo encontra-se no Anexo I para melhor visualização.

<sup>153</sup> Não esqueçamos que a leitura matinal de Comte era a *Imitação de Cristo* de Tomás de Kempis.

por nascer, do que de vivos”<sup>154</sup>, ou seja, da população subjetiva (dos mortos e dos que ainda não nasceram) que é sempre maior que a objetiva (dos vivos de cada época), o culto positivo se destina àqueles que, durante a sua vida objetiva, amaram mais e serviram melhor à grande deusa Humanidade.

## 2.2 - O CULTO

Comte estabelece a diferença entre a devoção (amor contemplativo, afeição) e o devotamento (amor em ação, dedicação) com a finalidade de mostrar que o amor a Deus em detrimento da Humanidade é um sentimento estéril. O sentimento que o homem deve ter e, de certa forma, tem pela Humanidade, não é de adoração para fazer-lhe cumprimentos ou louvores, mas de lhe servir mais e melhor para aperfeiçoar-se sempre. A preocupação exagerada com o sentimento esquecendo-se da prática leva o homem à degeneração mística, assim como os atos destituídos de amor levam à obsessão empírica. Portanto, o destino do culto é desenvolver a melhor forma do sentimento que é o “viver para outrem”, mostrando que a combinação binária, física e, sobretudo, lógica entre amor e fé (ligar o interior e o religar ao exterior), na esfera religiosa, compõe o domínio geral da teoria e da prática.

O domínio prático da religião decompõe-se necessariamente também em dois, segundo a distinção natural entre os sentimentos e os atos. A parte teórica não corresponde senão à inteligência, única base possível da fé. Mas a parte prática abrange todo o resto de nossa existência, tanto os nossos sentimentos como os nossos próprios atos. O uso universal e espontâneo, que constitui o melhor regulador da linguagem, consagra diretamente semelhante apreciação, qualificando de *práticas religiosas* os hábitos relativos ao culto, tanto, se não mais, que aqueles de que o regime é o objeto próprio. Esta confusão aparente assenta sobre uma sabedoria profunda, posto que empírica, a qual, desde muito cedo, ensinou ao público, sobretudo feminino, como ao sacerdócio, que o aperfeiçoamento de nossos sentimentos sobreleva, em importância e dificuldade, o melhoramento imediato de nossas ações. Como o nosso amor não se torna nunca místico, o culto positivo pertence normalmente ao domínio prático da verdadeira religião: nós amamos mais a fim de servir melhor. Mas, por outro lado, nossos atos comportam sempre, no verdadeiro ponto de vista religioso, um caráter essencialmente altruísta; pois que a religião deve sobretudo dispor-nos a viver para outrem. Inspiradas pelo amor, nossas ações tendem, reciprocamente a desenvolvê-lo. Diretamente evidente em relação ao aperfeiçoamento intelectual, quando bem dirigido, esta aptidão natural estende-se mesmo ao progresso material, se ele for convenientemente instituído. Eis aí porque o regime, apreciado religiosamente, pertence, tanto quanto o culto, ao domínio do amor.<sup>155</sup>

<sup>154</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 159.

<sup>155</sup> *Ibidem*, p. 157 e 158.

O amor conduz à fé e a fé regula o amor, assim como os sentimentos altruístas conduzem os atos e a conseqüência positiva dos atos consagra a preponderância do sentimento correspondente. O devido desenvolvimento da inteligência individual leva ao sentimento de pertença à Humanidade. Quando o indivíduo se reconhece humano, ele se torna capaz de ver a deusa Humanidade atuando através de cada legítimo servidor dela e, por conseguinte, em si mesmo.

Mas poderíamos então perguntar a Comte: o que nos torna humanos é o progresso material (físico) ou o espiritual (moral)? É o pensamento (razão) em si, individual e isolado, ou é a consciência relativa do todo no qual estamos inseridos, ou seja, o nível de relação que estabelecemos com o mundo? Uma vez que estas perguntas podem ser feitas às obras de Comte, acreditamos que, apesar de seu programa político de reforma social afinado com os interesses de contra-reforma da época ser uma questão sobre a qual se debruçam muitos estudiosos do positivismo comteano, as propostas do filósofo, sobretudo, despertam muitas questões pertinentes à Filosofia da Religião. Pois seu estudo filosófico e sociológico está calcado numa lei que evidencia a raiz religiosa do conhecimento humano.

Como sentimentos e atos constituem o domínio prático da religião, o indivíduo precisa primeiro conhecer seus próprios sentimentos e capacidades para melhor dominá-los em razão da relação que vive com o mundo, “pois o exterior não cessa nunca de regular essencialmente o interior, ao passo que o alimenta e o excita; o que se deve entender tanto de nossa vida cerebral como da corporal”<sup>156</sup>. O culto positivo tem a finalidade de aprimorar a qualidade do resultado da relação recíproca que existe entre sentimentos e atos. Neste sentido, o culto se destina à vida subjetiva daqueles cuja vida objetiva é marcada por exemplos altruístas. O surgimento das leis morais, muito anterior ao desenvolvimento decisivo das leis físicas, já pressupunha o culto aos antepassados como forma de preservar a tradição e como gratidão/reconhecimento pelo legado deixado por aqueles que produziram o progresso material, intelectual e moral.

No “Prefácio” do *Catecismo Positivista* há um catálogo de obras que reúne cento e cinquenta volumes – entre poesia (trinta volumes), ciência (trinta), história (sessenta) e síntese (trinta) – “a fim de dirigir os bons espíritos populares na escolha de seus livros habituais”<sup>157</sup>, pois o livro é também o templo do espírito, onde os grandes mestres construtores do passado se comunicam com os aprendizes de qualquer época posterior. Assim é que, segundo Comte, a idealidade deve sempre melhorar a realidade, sob pena de insuficiência moral; neste caso, o

---

<sup>156</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 161.

<sup>157</sup> *Ibidem*, p. 132.

ideal deve se subordinar ao real. Do contrário, o culto ou se torna místico por superestima da representação em detrimento da realidade, ou se torna empírico por respeito excessivo à realidade.

O culto positivo aproveita a tendência natural do homem a esquecer os defeitos dos mortos para só lembrar de suas qualidades, para preservar o que há de idealidade real, isto é, de melhor da vida objetiva dos indivíduos, descartando o que há de real, porém não ideal, em suas vidas. Pois, seria uma incoerência moral, tanto para os menos esclarecidos como para os mais eruditos de qualquer época, supor em um covarde uma conduta corajosa, ou em um avaro uma conduta liberal. Contudo, ambos podem vir a se tornar servidores da humanidade através de suas atitudes, de suas obras e assim serem lembrados segundo a “teoria da vida subjetiva”. Esta merece nossa atenção por suscitar novas questões de que não trataremos a rigor neste trabalho, mas que estimulam nosso conhecimento:

A MULHER – (...) a verdadeira teoria da vida subjetiva leva finalmente nosso culto a deixar a ordem exterior tal qual é, a fim de melhor concentrar na ordem humana nossos principais esforços de aperfeiçoamento íntimo. A nobre existência que nos perpetua em outrem torna-se, então, o digno prolongamento daquela que nos fez merecer esta imortalidade; o progresso moral do indivíduo e da espécie constitui sempre o principal destino das duas vidas. Nossos mortos estão emancipados das necessidades materiais e vitais, e destas eles só nos deixam a lembrança para que possamos melhor figurá-los tais como os conhecemos. Mas eles não cessam de amar, e mesmo de pensar, em nós e por nós. A doce troca de sentimentos e idéias que entretínhamos com eles, durante sua objetividade, torna-se ao mesmo tempo mais íntima e mais contínua quando eles se acham desprendidos da existência corporal. Posto que a vida de cada um deles fique desde então profundamente misturada com a nossa, sua originalidade moral e mental não sofre por isso a mínima alteração, quando seu caráter tiver sido verdadeiramente distinto. Pode-se até dizer que as diferenças principais se tornam mais pronunciadas à medida que este comércio íntimo se vai desenvolvendo melhor.

Esta concepção positiva da vida futura é certamente mais nobre que a dos teologistas quaisquer, e ao mesmo tempo a única verdadeira. Quando eu era católica, o meu maior fervor nunca me impediu de sentir-me profundamente chocada, estudando o pueril desenvolvimento da beatitude em um doutor tão recomendável, pelo coração e pelo espírito, como foi Santo Agostinho. Quase que me indignava vendo-o esperançado de ficar um dia isento da gravidade, e mesmo de toda necessidade nutritiva, se bem que, por uma contradição grosseira, ele se reservasse a faculdade de comer à vontade, sem receio, aliás, de engordar indefinidamente. Tais comparações servem muito para fazer sentir quanto o positivismo aperfeiçoa a imortalidade, ao passo que a consolida, transformando-a de objetiva em subjetiva. (...)<sup>158</sup>

Neste sentido, a imortalidade se consolida na oração que é a condição principal tanto do culto teológico quanto do positivo. Entretanto, enquanto a oração no primeiro se caracteriza sobretudo pelos pedidos quase sempre materiais, no segundo se torna o ideal a ser

---

<sup>158</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 165.

realizado pelo próprio indivíduo; se torna a expansão do reconhecimento e do amor para com a deusa Humanidade ou para com seus dignos representantes e órgãos, porque, segundo Comte, rezar é ao mesmo tempo amar, pensar, e mesmo agir, pois que a expressão constitui sempre uma ação. Deste modo todos os esforços objetivos limitam-se a aperfeiçoar tanto quanto possível a ordem humana através da realização do melhoramento desejado na oração. Posto que a *poesia* constitui a alma do culto, a *ciência* a do dogma e a *indústria* a do regime, a religião positiva pressupõe um estado de oração permanente, porque, seja na poesia, seja na ciência ou na indústria, os indivíduos estarão sempre se reportando aos grandes servidores da humanidade que atuaram nas referidas áreas. Mesmo que passe o tempo, transcorram os séculos, as grandes naturezas nunca morrem. “Vivas estão subjetivamente, e passam de uma geração à outra, no meio da admiração e respeito de todos. Quem não conhece Homero, Dante, Aristóteles, São Paulo e tantos outros? Quantos milhares de pessoas não conversam com eles através das idades!”<sup>159</sup>, concretamente, por intermédio de suas obras. Assim, quando visitamos os pensamentos destes grandes homens, rendendo-lhes o devido respeito, entramos em estado de oração.

Para Comte, quando a oração constitui a expressão de nossos melhores sentimentos ela se torna uma verdadeira obra de arte; porém, quando constitui-se em porta-voz de nossos pedidos de riqueza e poder se torna uma prática tão absurda quanto ignóbil. Embora a oração seja um instrumento de aperfeiçoamento tanto moral como intelectual, “as obras sempre terão maior peso que as efusões, não só nos resultados exteriores, mas também para o melhoramento interior”<sup>160</sup>. De acordo com Comte, quando a ação exige materiais ou circunstâncias fora do alcance para sua realização, as práticas do culto se tornam um precioso suplemento da existência real, pois são o meio digno de expansão dos melhores sentimentos, contanto que se tornem bastante habituais. Vale dizer, ainda, que o culto positivo, assim como o dogma, é composto por duas fases: pelo culto privado e pelo público, cuja base comum e primitiva é sempre a família. O primeiro ainda se distingue em pessoal e doméstico. Esta distinção é importante, pois “as efusões individuais preparam dignamente as celebrações coletivas, pelo intermédio normal das consagrações domésticas”<sup>161</sup>. Ou seja, as cerimônias domésticas e as solenidades públicas careceriam de eficácia moral se não houvesse uma adoração sincera previamente desenvolvida no culto pessoal.

---

<sup>159</sup> Juan Enrique LAGARRIGUE, *A Religião da Humanidade*, p. 74.

<sup>160</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 167.

<sup>161</sup> *Ibidem*, p. 174.

Mas, como distinguir o amor verdadeiro de uma falsa adoração? Comte acredita que o instinto (relacionado aos pendores egoístas) de preservação da espécie, no Homem, é desenvolvido positivamente pelo sexo afetivo (a mulher) até se tornar bondade (pendor altruísta), tendendo a aperfeiçoar as relações humanas, pois uma mãe deseja sempre o melhor para os filhos. Basta citarmos o exemplo de uma mulher que é capaz de amar um filho fruto de um ato de violência cometido contra ela, para começarmos a entender o que diz Comte: “enfastia-se de pensar e até de agir, mas nunca de amar”<sup>162</sup>. Deste modo, o amor verdadeiro é aquele construído sobre as bases do exemplo e do conhecimento parcial, mas suficiente, sobre aqueles que providenciam o nosso subsídio material, intelectual e moral. A mulher<sup>163</sup>, enquanto sexo afetivo e providência moral, é a primeira referência/exemplo do amor em ação, portanto, verdadeiro. Este amor não espera, ele atende ou socorre imediatamente às necessidades do outro; primeiro por instinto, mas depois por *apego, veneração* ou *bondade*<sup>164</sup>, fazendo prevalecer o altruísmo sobre o egoísmo, pela expansão do primeiro e compressão do segundo, pois os dois fazem igualmente parte da natureza humana. Contudo, é preciso dizer que no culto positivo “Comte não conseguiu libertar-se dos modelos do catolicismo romano; donde a penosa impressão de profanação e de artificialidade”<sup>165</sup>.

O primeiro desdobramento do culto positivo se constitui em um exame individual diário de consciência em que se desperta para os sentimentos pessoais inspirados pelo sexo afetivo: primeiro pela mãe, depois pela esposa e finalmente pela filha<sup>166</sup>. O culto ao Grande Ser na figura da mulher conduz ao desenvolvimento do culto doméstico por se tratar do aperfeiçoamento da família em relação à Pátria e à Humanidade. Segundo Comte, o culto doméstico se distingue do culto pessoal (que o antecede) e do público (que o sucede), e serve como transição natural de um a outro, pois liga as sucessivas fases da existência privada à vida pública através dos nove sacramentos sociais que consistem na: apresentação, iniciação,

---

<sup>162</sup> Auguste COMTE, *Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo*, p. 98.

<sup>163</sup> “Toda a existência do Ser supremo fundando-se no amor, único laço que reúne voluntariamente os seus elementos separáveis, o sexo afetivo constitui naturalmente o representante mais perfeito, e ao mesmo tempo o principal ministro do Grande Ser. A arte jamais poderá representar a Humanidade de modo condigno senão sob a forma feminina. Mas a providência moral de nossa Deusa não se exerce só pela ação coletiva do vosso sexo sobre o meu. Esse ofício fundamental resulta sobretudo da influência pessoal que cada digna mulher desenvolve sem cessar no seio de sua própria família. Do santuário doméstico dimana de contínuo esse santo impulso, único que nos pode preservar da corrupção moral a que sempre nos dispõe a existência prática ou teórica. Sem tais raízes privadas, a ação coletiva da mulher sobre o homem não comportaria, por outro lado, nenhuma eficácia permanente. É também na família que se realiza uma apreciação suficiente do sexo afetivo, do qual cada um de nós só pode conhecer de modo real os tipos com que vive intimamente.” (Idem, *Catecismo positivista*, p. 173).

<sup>164</sup> São estes os três pendores altruístas que podem ser contemplados no anexo 1 deste trabalho.

<sup>165</sup> Paul Arbousse BASTIDE, *Auguste Comte*, p. 42.

<sup>166</sup> São consideradas no culto positivo como anjos da guarda que ministram e representam o Grande Ser no primeiro nível do culto: o pessoal.



admissão, destinação, casamento, maturidade, retiro, transformação e incorporação<sup>167</sup>. Apesar dessa desconcertante semelhança com os procedimentos formais do catolicismo, sua “teoria dos sacramentos não deixa, no entanto, de ser ocasião de análises profundas”<sup>168</sup>. No contexto deste trabalho, porém, somente podemos limitar-nos a uma observação superficial.

Estes sacramentos, formalizados no culto público, predispõem os homens à integração completa na Humanidade, da qual são filhos e servidores. O sacerdócio natural, exercido pela mulher, precede o sacerdócio formal, propriamente dito, do educador social. Podemos dizer que o *culto* positivo dá sentido e forma à educação que é abstrata no *dogma* e concreta no *regime*. Segundo Comte, no sentido religioso, a demonstração clara e sincera dos sentimentos íntimos feita publicamente, longe de exaltar nosso orgulho, tende a inspirar uma sincera humildade, “porquanto elas (*scil.*, as demonstrações dos sentimentos, as efusões solenes) nos fazem sentir profundamente quanto somos incapazes, apesar de nossos melhores

---

<sup>167</sup> “O primeiro, a ‘*apresentação*’, foi praticado por todas as religiões. Seu significado no positivismo é o de contraírem os pais, perante o sacerdócio, o compromisso formal de educar o recém-nascido na Religião da Humanidade.

Neste sacramento o Positivismo toma do Catolicismo, a nobre instituição dos padrinhos, que devem suprir os pais se estes vierem a faltar. Até os quatorze anos, o filho é educado pelos pais, e, em especial, pela mãe.

Nessa idade recebe o menino o sacramento da ‘*iniciação*’, em virtude da qual é confiado ao sacerdócio para que receba, dele, o ensinamento teórico, que compreenderá as sete ciências fundamentais: matemática, astronomia, física, química, biologia, sociologia e moral.

Esse ensinamento durará até os vinte e um anos, e, então se administra o sacramento da ‘admissão’ aos que estiverem suficientemente preparados.

Desde os vinte e um anos, o jovem entra em contato com a vida a fim de encontrar sua verdadeira vocação; aos vinte e oito anos recebe o sacramento da ‘*destinação*’. Este sacramento só se havia administrado, até aqui, aos que desempenhavam certas funções superiores, na ordenação dos sacerdotes e na sagração dos reis; no Positivismo, porém, em que todas as funções são sociais, desde as mais humildes até às mais elevadas, todos recebem o sacramento da ‘*destinação*’.

Depois da ‘*destinação*’ vem o ‘*matrimônio*’ entre os vinte e um e vinte e oito anos para a mulher, e entre os vinte e oito e trinta e cinco para o homem, como regra geral.

(...) Depois do ‘*matrimônio*’, vem a ‘*maturidade*’, aos quarenta e oito anos. Até aqui podem ser perdoados muitos erros, que não seriam excusáveis mais tarde. O homem entra nessa idade no período de plena responsabilidade, no qual deve tratar de cumprir sua missão de modo a merecer, depois de sua morte, a incorporação na Humanidade.

Aos sessenta e três anos se administra o sacramento do ‘*retiro*’. É muito justo que o homem descanse em sua velhice, depois de haver dignamente preenchido sua função social. Livre, então, do trabalho ativo, consagrar-se-á ao conselho para o qual o predispõe sua idade, sua experiência e seus serviços. (...).

Ao ‘*retiro*’ sucede a ‘*transformação*’. Este sacramento substitui a cerimônia da extrema unção em que o Catolicismo, obedecendo ao caráter anti-social de seu dogma, separa o moribundo de todas as afeições humanas, para levá-lo ao tribunal de Deus. Na ‘*transformação*’, o sacerdócio da Humanidade misturando, - são palavras de Comte - os pêsames da sociedade com as lágrimas da família, aprecia o conjunto da existência que se acaba. Contudo com as reparações possíveis, faz esperar, amiúde, a incorporação subjetiva, sem comprometer, jamais, um juízo que ainda não se acha suficientemente amadurecido.

Sete anos depois da morte, verifica-se o sacramento da ‘*incorporação*’. Esta, que é o último dos sacramentos, consiste no julgamento solene, cujo esboço a teocracia subministra à sociocracia. Quando o morto for considerado digno de ser incorporado na Humanidade, seus restos serão conduzidos do cemitério civil ao bosque sagrado, que há de cercar cada templo do verdadeiro Ser Supremo”. (Juan Enrique LAGARRIGUE, *A Religião da Humanidade*, p. 84 a 88).

<sup>168</sup> Paul Arrousse BASTIDE, *Auguste Comte*, p. 42.

esforços coletivos, de nunca retribuir ao Grande Ser mais do que uma mínima parte do que recebemos dele”<sup>169</sup>.

A superioridade do Grande Ser reside na Humanidade e não apenas em um homem de gênio, ou em um ser que tem poderes sobrenaturais. Se a Humanidade é transcendente, pois viveu no passado, vive no presente e viverá no futuro, o transcendente está no homem, pois, no presente, pode glorificar o passado para melhor preparar o futuro: saber para prever, a fim de prover. Para prever é preciso saber, para saber é preciso aprender e para prover é preciso fazer, agir efetivamente para que o conhecimento não se torne mero acúmulo de informações sem utilidade. Neste sentido, Comte idealiza um “culto sistemático da sociabilidade final” representado pelo “Quadro Sociolátrico resumido em oitenta e uma festas anuais” a ser executado no templo positivista, que parece mais um adendo extravagante dentro de sua proposta filosófica.

Acrescentamos, portanto, ser desnecessário deter-nos nas peculiaridades das orações privadas, dos sacramentos e das celebrações públicas, uma vez que nosso estudo se dirige pontualmente ao estudo filosófico da religião de acordo com o pensamento de Auguste Comte, e por observar que tais práticas só se tornam sistemáticas, ou seja, só serão adequadamente compreendidas quando a religião positiva for finalmente vista como complemento indispensável à filosofia e à ciência positivas. Por outro lado, e além disso, um estudo mais aprofundado do culto positivista seria mais apropriado dentro de um enfoque antropológico em que se pudesse levar em consideração pesquisas reais (quantitativa e qualitativa) sobre sua eficácia simbólica. Portanto, passaremos à explicação do “regime” que constitui, segundo Comte, o objeto final de toda iniciação positiva, em que o culto e o dogma são, com excelência, fases preparatórias.

### 2.3 - O REGIME

O que vemos na obra de Comte, principalmente na explicação do regime, é a busca solitária, da qual participaram vários pensadores ao longo da história, da sociedade ideal, da cidade de Deus ou, neste caso, melhor dizendo, da cidade da Humanidade<sup>170</sup>. Entretanto,

---

<sup>169</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 187.

<sup>170</sup> “O triunfo da fé altruísta é seguro, porque os sentimentos generosos de que está dotado o homem, se, por vezes, dormitam, nunca se extinguem. São esses sentimentos que têm realizado, no mundo, todas as grandes coisas, e, sob sua inspiração, chegou-se a imaginar a Cidade de Deus. Esses mesmos sentimentos generosos nos

Comte faz mais do que idealizar esta sociedade, ele busca uma solução viável para sanar os problemas de uma sociedade real, sempre partindo do que observara e estudara sobre “a natureza e marcha das civilizações desde a pré-história até seus dias”<sup>171</sup>. Parece-nos que seu grande problema não é mostrar como se constrói uma sociedade ideal, mas é falar que “o caráter essencial de toda organização coletiva reside na separação dos ofícios e na convergência dos esforços”<sup>172</sup> numa época em que separação dos ofícios pressupõe desigualdade social, e a hierarquia é vista como sinônimo de exploração dos fracos pelos fortes.

Com pretensões de reencantamento de um mundo que ainda estava em processo de desencantamento, Comte aponta, ao nosso ver, com precisão o ponto crítico de toda reforma social ao ousar propor mudanças no sistema religioso. É principalmente na explicação do regime que Comte discorre sobre como a religião tem sempre uma parte na constituição fundamental de cada indústria especial, em razão das conseqüências da conduta individual. Embora o domínio prático da religião consista em aperfeiçoar a *ordem humana* e o domínio político ou industrial seja responsável pelo melhoramento direto e especial da *ordem exterior*, “a religião acha aí indiretamente uma participação importante, porém geral, pela grande influência que o estado do agente humano exerce necessariamente sobre os resultados efetivos de sua ação qualquer. Em toda operação prática, o bom êxito exige em primeiro lugar que cada cooperador seja honesto, inteligente e corajoso”<sup>173</sup>.

Como o regime humano se divide necessariamente em governo e sacerdócio, Comte trabalha com a divisão fundamental entre esses dois domínios práticos para mostrar que a decomposição da ordem (estática) universal em ordem exterior e ordem humana, relativas ao dogma, pressupõe diretamente a decomposição do progresso (dinâmica) em exterior e humano, relativos ao regime. Contudo, se o progresso exterior caminha a passos largos em razão das leis científicas (na área da matemática, da física e da química) terem sido adotadas

---

fazem conceber, agora, a Cidade da Humanidade, em que todos os habitantes do planeta estarão ligados pelo altruísmo.” (Juan Enrique LAGARRIGUE, *A Religião da Humanidade*, p. 94 e 95).

<sup>171</sup> “Voltando para o passado, Augusto Comte estuda a natureza e a marcha das civilizações desde a pré-história até seus dias, e, procurando o fio diretor das transformações sociais, quer econômicas, quer intelectuais e morais, realizadas no decorrer dos séculos, ele desprende, do conjunto dos fatos analisados, uma primeira lei que lhe parece presidir tanto à evolução coletiva quanto à do indivíduo. Essa lei que, desde então, se tornou famosa, foi assim formulada por Comte: ‘Pela própria natureza do espírito humano, cada ramo de nossos conhecimentos é necessariamente sujeito, em sua marcha, a passar, sucessivamente, por três estados teóricos diferentes: (...)’, ‘fazendo-se essa passagem sempre de acordo com a ordem de generalidade decrescente e de complicação crescente dos fenômenos correspondentes’.” (Ivan LINS, *Perspectivas de Augusto Comte*, p. 16 e 17).

<sup>172</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 255, nota de rodapé nº 60.

<sup>173</sup> Ibidem, p. 254. Esta passagem nos faz lembrar o estudo de Max Weber sobre as “ações sociais racionais referente a valores” em *Economia e Sociedade*, ou sobre a legitimação do Capitalismo alicerçada na ética religiosa, em sua famosa obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*.

como forma de conhecimento do mundo, o progresso humano ainda está se desenvolvendo a passos lentos, talvez em razão de ter privilegiado, durante algum tempo, a oposição entre ciência e religião e ainda adotar filosofias de desconstrução do pensamento que ora levam ao nihilismo, ora ao ceticismo, em contraposição a um crescente fanatismo religioso.

O regime positivo cuida para que o progresso humano alcance o progresso exterior ao estabelecer que o princípio da cooperação entre os indivíduos, que constitui a *solidariedade*, se perpetue através das gerações sucessivas em *continuidade* no tempo. Entretanto, o princípio da cooperação é sempre presidido pelos poderes *temporal*, no caso da cooperação que existe entre as famílias contemporâneas, ou *espiritual*, no caso da cooperação entre as gerações sucessivas. Daí a formulação destes dois axiomas: “não existe sociedade sem governo” (temporal) e “nenhuma sociedade se pode desenvolver e conservar sem um sacerdócio qualquer”, ou seja, uma presidência espiritual. O governo reduzido ao seu poder material (prático), mais adequado a resistir que a dirigir, necessita de uma autoridade teórica, mas, principalmente, da influência sacerdotal indispensável para consagrar seu ascendente material. Como “cada consagração consiste em representar o poder correspondente como o ministro de um poder superior geralmente respeitado: Deus sob o regime provisório, a Humanidade na ordem definitiva”<sup>174</sup>, então cabe ao sacerdócio positivo a ingerência especial no conjunto de cada indústria, “por ele ser o único que conhece todas as leis essenciais da ordem exterior”<sup>175</sup>, de acordo com a organização enciclopédica das ciências.

Enquanto o sacerdócio prepara a iniciação através do longo preâmbulo científico, a mulher antecede o sacerdote na educação universal ensinando os filhos – da dentição à puberdade – “a considerar o triunfo da sociabilidade sobre a personalidade como o principal destino do homem”<sup>176</sup>. Depois que o indivíduo recebe a instrução final consagrada à moral, dividida em teórica e prática, torna-se apto à vida ativa, isto é, a avaliar os atos alheios e a ser avaliado por seus próprios atos. Comte ressalta ainda que ninguém está menos disposto do que o egoísta a tolerar o egoísmo, que por toda parte lhe suscita concorrentes intratáveis. Aquele que optar por subjugar o altruísmo ao egoísmo em sua conduta será convenientemente disciplinado pelo poder espiritual. A disciplina espiritual agirá primeiro sobre o coração, depois sobre o espírito, pela persuasão e pela convicção, sem nenhuma influência coercitiva. Uma vez insuficiente esta disciplina, o sacerdote procede indiretamente sobre o indivíduo invocando a opinião exterior.

---

<sup>174</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 256.

<sup>175</sup> *Ibidem*, p. 254.

<sup>176</sup> *Ibid.*, p. 260.

Sem converter o culpado, ele (o sacerdote – grifo nosso) o contém pelo juízo dos outros. Nunca se poderá contestar a plena legitimidade deste meio indireto, que assenta sempre sobre uma simples apreciação de cada conduta. Ninguém poderá impedir tal juízo, para o qual cada um concorre em relação aos outros, e que repousa sobre uma doutrina livremente aceita por todos. Entretanto, o culpado que não reconhece sua falta, ou cuja vontade não mudou, sofre assim a pressão de uma força verdadeiramente coercitiva. Não pode reclamar, porém, contra ela, porque tal força conserva-se puramente moral. Se os outros se abstivessem de julgar, seriam eles então os oprimidos, e sem o terem merecido por forma alguma. Todavia, apesar da evidente legitimidade deste modo indireto, só se deverá recorrer a ele depois de ter esgotado os meios diretos.<sup>177</sup>

Dessa forma, fica patenteado que o ponto fulcral do regime positivo, ou seja, seu significado próprio revela-se na execução da *educação afetiva* que começa com a moral<sup>178</sup> ministrada espontaneamente pela mãe no seio da família; depois, a *educação intelectual*, ministrada pelo sacerdote, contempla as sete ciências chegando à moral<sup>179</sup> que coroa o regime peculiar à educação positiva.

É no regime privado e no público que observamos mais detalhadamente o trabalho da providência moral e intelectual a serviço da Humanidade. O regime privado consiste, sobretudo, no “esforço sobre si mesmo em favor dos outros”<sup>180</sup>, em que a felicidade coincide com o dever. “Posto que cada função humana se exerça necessariamente por um órgão individual sua verdadeira natureza é sempre social”<sup>181</sup>, porque tudo em nós pertence à Humanidade e vem dela: vida, instrução, talento, ternura, energia<sup>182</sup>. No regime público, a noção de *direito* deve desaparecer do domínio político, pois está constantemente fundada na individualidade. Para Comte, existem *deveres* de todos para com todos, uma vez que o indivíduo é sempre o beneficiário da humanidade<sup>183</sup>. Para o espírito positivo,

<sup>177</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 262.

<sup>178</sup> Relativa aos bons costumes, ao conjunto de regras sociais de conduta consideradas como válidas em determinado grupo.

<sup>179</sup> Neste caso, a moral é a ciência do homem individual. “Assim, a moral, considerada como arte, difere de todas as outras pela sua inteira generalidade. É a única que deverá ser universalmente aprendida, pois que todas as existências humanas têm igualmente necessidade contínua dela. Seu estudo espontâneo pertence, pois, a todos, proporcionalmente à aptidão natural e às luzes empíricas de cada um. Mas este estudo não pode ser sistematizado senão pelo sacerdócio, em virtude de suas relações necessárias com o conjunto das teorias reais. É assim que a moral parece-me constituir o domínio essencial da religião, primeiro como ciência e depois mesmo como arte”. (Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 254).

<sup>180</sup> *Ibidem*, p. 269.

<sup>181</sup> *Ibid.*, p. 267.

<sup>182</sup> “Um poeta, que nunca foi suspeito de tendência subversiva, fez proclamar por Tito esta sentença decisiva, digna na verdade de semelhante órgão: *Sò che tutto è di tutti; e Che nè purê di nascer meritò chi d’esser nato crede solo per se*”. [Metastásio, *Clemência de Tito* (drama), ato 2º, cena 10ª: “Sei que tudo é de todos; e que nem sequer foi digno de nascer quem acredita que nasceu só para si”]. (*Ibid.*).

<sup>183</sup> Contra o individualismo e não contra a individualidade, “O positivismo não admite nunca senão deveres, de todos para com todos; pois que seu ponto de vista sempre social não pode comportar nenhuma noção de direito, constantemente fundada na individualidade. Nós nascemos carregados de obrigações de todo o gênero, para com os nossos predecessores, nossos sucessores, e nossos contemporâneos. Elas não fazem depois senão desenvolver-se ou acumular-se antes que possamos prestar qualquer serviço. Sobre que fundamento humano poderia, pois,

o homem propriamente dito não existe, existindo apenas a Humanidade, já que nosso desenvolvimento provém da sociedade, a partir de qualquer perspectiva que se o considere. Se a idéia de sociedade parece ainda uma abstração de nossa inteligência, é sobretudo em virtude do antigo regime filosófico, porquanto, a bem dizer, é à idéia de *indivíduo* que pertence tal caráter, ao menos em nossa espécie. O conjunto da nova filosofia sempre tenderá a salientar, tanto na vida ativa quanto na vida especulativa, a ligação de cada um a todos, sob uma multidão de aspectos diferentes, de maneira a tornar involuntariamente familiar o íntimo sentimento de solidariedade social, convenientemente desdobrado para todos os tempos e todos os lugares. Não somente a ativa procura do bem público será, sem cessar, considerada como o modo mais próprio de assegurar comumente a felicidade privada graças a uma influência ao mesmo tempo mais direta e mais pura e, finalmente, mais eficaz; o mais completo exercício possível das tendências gerais tornar-se-á a principal fonte da felicidade pessoal, ainda que não devesse trazer excepcionalmente outra recompensa além de uma inevitável satisfação interior.<sup>184</sup>

Quando o homem se torna consciente de que o que ele recebe da Humanidade deve ser devolvido a ela para que novamente ele possa continuar recebendo dela o subsídio necessário à sua existência, ou seja, de que a relação entre o indivíduo e a humanidade acontece num movimento dialético de aperfeiçoamento mútuo, então ele divisa o *sentimento do dever* para com esta humanidade e dela para com ele, em forma de providência moral, intelectual e material.

A princípio, o *sentimento do dever* é motivado por uma prudência egoísta que prescreve uma recompensa para as atitudes morais. A idéia de recompensa sanciona o egoísmo e alimenta a pseudo-caridade ou o comércio das “boas” ações, dos bons exemplos, fazendo com que a moral se torne um instrumento acessório e conveniente para o governo espiritual. Embora a grande fórmula católica (*sic*) “amar seu próximo como a si mesmo” ainda não represente fielmente a máxima altruísta (“viver para outrem”), ela se aproxima daquilo que deve ser o verdadeiro móvel dos atos: o sentimento de amor. O positivismo comteano mostra que quando o *sentimento do dever* é relacionado, a princípio, à *lei de ação e reação*<sup>185</sup> e, posteriormente, é inspirado na felicidade alcançada em viver para outrem, ele

---

assentar a idéia de direito, que razoavelmente tinha de supor uma eficácia prévia? Por maiores que possam ser nossos esforços, a mais longa vida bem empregada não permitirá jamais restituir senão uma parte imperceptível do que houvermos recebido. Entretanto, só depois de uma restituição completa é que ficaríamos dignamente autorizados a reclamar a reciprocidade dos novos serviços. Todo direito humano é, portanto, tão absurdo quanto imoral. Não existindo mais direitos divinos, esta noção deve ser eliminada de todo, como puramente relativa ao regime preliminar, e diretamente incompatível com o estado final, que não admite senão deveres, determinados por funções.” (Augusto COMTE, *Catessismo Pozitivista*, p. 244).

<sup>184</sup> Auguste COMTE, *Discurso sobre o espírito positivo*, p. 77.

<sup>185</sup> “É, portanto, a lei da ação e da reação aquela que preside de um modo geral todo o exercício de nossa atividade. Modificar o mundo para adaptá-lo às conveniências do homem e este para aperfeiçoá-lo cada vez mais, é o objetivo da Filosofia Primeira. A Indústria, a Política e a Educação regulam respectivamente as modificações do mundo, da sociedade e da natureza humana. Tais modificações são obtidas sempre por meio de ações sistemáticas a fim de darem lugar a reações previstas.” (Augusto Beltrão PERNETTA, *Filosofia Primeira*, p. 215).

provoca bem-estar ao próprio agente, pois a reação a uma ação moral acontece tanto no exterior (na relação do mundo com o indivíduo) quanto no interior (dentro do próprio indivíduo), isto é, está em consonância com a ordem – dogma positivo – que é, ao mesmo tempo objetiva e subjetiva.

Mas, o que significa *dever*, para Comte? Uma vez que o conceito de *dever* se instalou como sinônimo de obrigação e sacrifício, até hoje é difícil não atribuir a este termo um peso negativo que nos predispõe a recusar sua relação com a felicidade. Parecem-nos mesmo antagônicos quando colocados em relação um com outro: dever e felicidade. Menos ainda tendemos a acreditar que a fonte de ambos seja comum, que coincidam no âmbito da vida social. No entanto, o conceito de *dever* em Comte, assim como o de felicidade, está diretamente relacionado aos instintos sociais (altruísmo) que nos dispõem a respeitar as leis naturais e a cumprir as leis morais.

Entretanto, as experiências e previsões bem-sucedidas na ciência, embora pressuponham o respeito às leis correspondentes, nem sempre se destinam ao aperfeiçoamento do mundo e do homem, nem sempre estão de acordo com a lei moral. A ação realizada por respeito à lei moral se desvinculou do compromisso social (da ciência e da política), restringindo-se a uma promessa de salvação pessoal. Cada vez mais o *homem moderno*<sup>186</sup> sofre de múltipla personalidade ao fragmentar-se em sua natureza tríplice, construindo para si uma vida moral, uma vida prática e uma vida intelectual em que não coincidem a *regra de conduta* e a *lei moral*; seus sentimentos não estão em harmonia com seus pensamentos ou com seus atos.

Desta forma, Comte percebe que não basta a religião ocupar-se apenas das leis morais delegadas por uma autoridade sobrenatural, ou seja, não basta a ação moral ficar restrita ao domínio religioso – às paredes do templo. É necessário que a escala enciclopédica seja coroada pela ciência moral, pois “não se deve, então, conceber, no fundo, mais do que uma ciência, a ciência humana, ou mais exatamente social, ao mesmo tempo princípio e fim de nossa existência, e à qual naturalmente vem se fundir o estudo racional do mundo exterior, a duplo título de elemento necessário e preâmbulo fundamental, igualmente indispensável quanto ao método e quanto à doutrina”<sup>187</sup>. Por conseguinte, a verdadeira religião, para Comte, é aquela que ministra o conhecimento (ensino enciclopédico das ciências) com a finalidade de conduzir ao aperfeiçoamento da ordem humana em harmonia com a ordem exterior.

---

<sup>186</sup> Considerado aqui desde o século XVIII.

<sup>187</sup> Auguste COMTE, *Discurso sobre o espírito positivo*, p. 54.

Além disso, depois de percorrer os desdobramentos da religião positiva, o conceito de religião em Comte pode ser entendido como o estado de unidade entre o *eu* e o *tu*. Ou ainda nas palavras de Paul Arrousse Bastide,

A religião é aí profundamente caracterizada como “o estado de completa unidade que distingue a nossa existência, simultaneamente pessoal e social, quando todas as suas partes, quer morais quer físicas, convergem de forma habitual para um destino comum... A religião consiste, portanto, em *ordenar* cada natureza individual e a *religar* todas as individualidades...”. A religião é sinônimo de *síntese* e confunde-se com o próprio positivismo. É um estado “normal” que realiza a ordem. As religiões particulares não são mais que preparações provisórias de “a Religião”. O objeto religioso é a Humanidade: “Não se deve nela incluir todos os homens, mas apenas aqueles que são assimiláveis, de acordo com uma verdadeira cooperação com a existência comum”. Este “conjunto” (e não “totalidade”) dos homens que, pela sua cooperação com a existência comum, acederam a uma existência “subjativa”, constitui o Grande-Ser, “o mais vivo dos seres conhecidos”, o mais relativo também, o mais precário, pois “a conservação do Grande-Ser fica sempre subordinada aos serviços livres dos seus diversos filhos”. Existe entre o Grande-Ser e o homem uma comovente solidariedade de destino, pois, para sobreviver, cada um necessita do outro.<sup>188</sup>

Para Comte, esta solidariedade de destino existente entre o homem e a Humanidade constitui conteúdo suficiente para uma *ciência moral* que pressupõe uma *religião* da humanidade. É justamente à discussão destas que passamos a seguir, no terceiro e último capítulo deste trabalho.

---

<sup>188</sup> Paul Arrousse BASTIDE, *Auguste Comte*, p. 42.



### CAPÍTULO 3 – O Projeto de uma Ciência Moral e a Religião da Humanidade

Analisar o projeto de uma ciência moral e a religião da humanidade tendo em vista todo o trabalho filosófico desenvolvido no *Curso de Filosofia Positiva*, pode ser, ao mesmo tempo, esclarecedor e extenuante devido à densidade e extensão dos estudos de Comte. Isto porque seus conceitos são tecidos como uma trama justa, em que um só fio que passe despercebido por olhos nem sempre atentos, pode comprometer todo o entendimento. Embora tentar desemaranhar estes fios possa nos levar, a princípio, à confusão, acreditamos ser este o caminho a seguir mais fiel à Comte e ao nosso propósito: mostrar o significado da religião em sua obra.

De acordo com as palavras do filósofo em carta a seu pai (janeiro de 1857), desde os quatorze anos ele deixou de acreditar em Deus, e todos os seus estudos e reflexões ulteriores confirmaram este afastamento. Entretanto, ciente dos graves perigos intelectuais e, sobretudo morais, aos quais este estado puramente negativo conduz, ele se esforça por remediar a crise moral de seu tempo dedicando-se à fundação de um novo poder espiritual. Cada vez mais empenhado em reconstruir uma disciplina espiritual, Comte não é conduzido à teologia, mas ao estudo da natureza moral do ser humano. Isso é corroborado nos textos de Comte: “Os esforços que sempre fiz para reconstruir a disciplina espiritual não me conduziram para o encontro (*scil.*, com o Deus sobrenatural ) mas para fundar uma nova filosofia sobre a combinação de diversas ciências reais. Elas tenderam a constituir, depois desta base, a religião final, quando uma angélica influência teve assaz determinado minha regeneração moral, como fez irrevogavelmente prevalecer o coração sobre o espírito.”<sup>189</sup>

Para Comte, uma renovação religiosa, por mais difícil que seja, é a consequência necessária da lei dos três estados, porque a principal aplicação desta lei diz respeito à religião, por ser esta imutável como *sentimento* e modificável como *concepção*. Ou seja, o princípio fundamental da religião é o sentimento e suas disposições secundárias dizem respeito ao

---

<sup>189</sup> “*Les efforts que j’ai toujours faits pour me reconstruire une discipline spirituelle ne me conduisirent d’abord qu’à fonder une nouvelle philosophie sur la combinaison des diverses sciences réelles. Ils aboutirent à constituer, d’après cette base, la religion finale, quand une angélique influence eut assez déterminé ma régénération morale, en faisant irrévocablement prévaloir le coeur sur l’esprit.*” (Auguste COMTE, *Lettres D’Auguste Comte – a divers (1850 – 1857)*. Tome I – deuxième partie, p. 379)

modo como o homem concebe/compreende o mundo a partir da religião. A lei dos três estados é tão natural quanto a lei da gravidade, pois foi “graças ao desenvolvimento espontâneo das concepções teológicas”<sup>190</sup> que abriu-se uma porta natural ao conhecimento humano para que este saísse do círculo vicioso em que se encontrava fechado em seu nascimento. Para Comte, assim como a lei da gravidade atua no todo *físico* (da matéria) sem distinção, a lei dos três estados atua no todo *humano* (do espírito). É como se houvesse uma complementação entre gravitação exterior (para o mundo) e gravitação interior (para o homem), cujo centro é o amor.

Em torno deste centro gravitam os sentimentos altruístas ou afetos sociais (apego, veneração e bondade), e em tornos destes gravitam os instintos egoístas ou inclinações pessoais (nutritivo, sexual, materno, destruidor, construtor, orgulho e vaidade) e, assim, do interior para o exterior, até que, chegando ao limite material dos corpos humanos percebemos que os sentidos (visão, audição, olfação, gustação e tato) são voltados para fora no homem. Daí sua percepção exterior vir antes da interior, daí a lei dos três estados nos remeter à organização enciclopédica das ciências (da ordem exterior para a ordem humana). A lei dos três estados é a constatação, e não a explicação de que o conhecimento humano é um retorno gradual ao conhecimento de si mesmo. Então, “a psicologia que fora banida da classificação das ciências é assim reintroduzida sob o nome de moral e sob a forma de uma ciência do individual, prelúdio à arte da educação.”<sup>191</sup>

Entretanto, como já disse Paul Arbousse Bastide, o lugar e o conteúdo da moral<sup>192</sup> não são fáceis de determinar. Portanto, não se trata de uma simples reintrodução da psicologia, enquanto observação interior, na ordem enciclopédica das ciências. Trata-se de

<sup>190</sup> Auguste COMTE, *Curso de filosofia positiva*, p. 05.

<sup>191</sup> Paul Arbousse BASTIDE, *Auguste Comte*, p. 37. Para Comte, a psicologia não constitui uma ciência, pois, “há dois mil anos que os metafísicos cultivam assim a psicologia, e não puderam até agora concordar com uma única proposição inteligível e solidamente firmada. Estão até hoje divididos numa multidão de escolas que disputam incessantemente sobre os primeiros elementos de suas doutrinas. A *observação interior* engendra quase tantas opiniões divergentes quantos indivíduos há que acreditam a ela se entregar”. (Auguste COMTE, *Curso de filosofia positiva*, p. 14).

<sup>192</sup> “A moral de Comte é dominada por duas tendências que, sem serem opostas, não se situam no mesmo plano. Nos *Opúsculos*, a moral é concebida como uma arte fundada na ciência política. A moral deve estabelecer-se sobre princípios deduzidos apenas a partir da observação. É relativa ao estado de civilização correspondente. A convergência das vontades, fruto da educação, aparece apenas como meio de consolidação dos hábitos morais. A moral é uma aplicação de dados teóricos e objetivos. No *Curso* e no *Discurso sobre o Espírito Positivo*, a noção de arte moral fica em suspenso. A moral situa-se na linha da coordenação educativa. Resulta da convergência das vontades graças a uma educação científica e social, animada e controlada pelo poder espiritual. A sua regra de ouro é o primado da sociabilidade e a prática do altruísmo. Este, tal como a etimologia o sugere, não é mais do que a aceitação de outrem, ele mesmo integrado no sistema dos outros nos seus diferentes níveis. Entre a *moral-aplicação* e a *moral-educação* não há oposição, pois a educação apenas pode fundar-se na ciência da sociedade, fonte única de toda a aplicação moral. A promoção da moral à dignidade de sétima ciência contribui para consagrar a síntese.” (Paul Arbousse BASTIDE, *Auguste Comte*, p. 38).

entender que “o problema moral na espécie humana, em seu aspecto afetivo, consiste na subordinação do egoísmo ao altruísmo”<sup>193</sup>, pois a intensidade e energia dos instintos egoístas comparada com a energia decrescente e dignidade crescente dos instintos altruístas provoca um desequilíbrio entre sentimentos, pensamentos e atos. Isto se deve ao fato da vida de relação encontrar-se por toda parte subordinada à vida de nutrição, reprodução, conservação, destruição e construção, ou seja, a animalidade subordina-se à vegetalidade (*sic*). “A humanidade não constituindo, no fundo, senão o principal grau da animalidade, as mais elevadas noções de sociologia, e mesmo da moral, encontram necessariamente na biologia seu primeiro esboço, para os espíritos verdadeiramente filosóficos que sabem apanha-las aí.”<sup>194</sup>

Para Comte, quando filosoficamente cultivada, a biologia “pode preencher todas as graves lacunas enciclopédicas, instituindo uma transição gradual entre a ordem exterior e a ordem humana”<sup>195</sup>. Isto porque a biologia, utilizando os métodos das ciências anteriores (matemática, astronomia, física e química), prepara o método das ciências seguintes (sociologia e moral). A biologia transita entre o estudo da terra (quando seu objeto é a anatomia e a fisiologia dos organismos) e o estudo do homem (quando seu objeto é o organismo humano), na hierarquia teórica das concepções humanas<sup>196</sup>. Deste modo, Comte entende, em acordo com as pesquisas de Franz Joseph Gall (1758-1828) sobre o cérebro<sup>197</sup>, que as inclinações egoístas e os sentimentos altruístas são motores afetivos cerebrais controlados ou potencializados pelo meio, desde o nascimento. Daí a necessidade da educação positivista, através da religião, acompanhar o indivíduo do berço ao túmulo. Pois na infância

---

<sup>193</sup> Augusto Beltrão PERNETTA, *Filosofia Primeira*, p. 170.

<sup>194</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 231.

<sup>195</sup> *Ibidem*.

<sup>196</sup> A “Hierarquia Teórica das Concepções Humanas ou Quadro Sintético da Ordem Universal” encontra-se exposta, para melhor visualização, no Anexo 3 a este trabalho.

<sup>197</sup> “Malgrado a confusão metafísica que queria reduzir tudo à inteligência, à qual se consagrava o conjunto do cérebro, a razão comum havia atravessado as trevas filosóficas, pelo menos quanto aos pendores, sobretudo pessoais, em virtude da energia espontânea deles. Os antigos pensadores consagravam a distinção, fazendo-os residir, ainda que vagamente, nas diferentes vísceras da vida de nutrição. Todavia, nenhum órgão fora designado para os instintos simpáticos, e a ciência, de acordo com a teologia, falou sempre das paixões como se só existissem as más. Por outro lado, a inteligência ficava indivisa e sua subordinação ao sentimento não podia ser teoricamente representada.

Sem este preâmbulo histórico, não poderíamos apreciar bem o admirável esforço pelo qual o gênio de Gall fundou a teoria positiva da natureza humana, posto que não pudesse construí-la até o ponto de torná-la verdadeiramente eficaz, o que supunha a sociologia. Esse poderoso impulso firmou dois princípios gerais, um dinâmico, outro estático, cuja conexão natural servirá sempre de base ao verdadeiro estudo da alma e do cérebro. Gall estabeleceu ao mesmo tempo a pluralidade de nossas funções superiores, assim mentais como morais, e a comum residência delas no aparelho cerebral, cujas diversas regiões deviam corresponder às distinções reais entre aquelas. Apesar dos vícios essenciais oriundos, sobretudo em relação à inteligência, de uma análise superficial e de uma localização empírica, ele conseguiu representar suficientemente a decomposição geral de nossa existência, e mesmo consagrar, enfim, os pendores benévolos. A luta fictícia entre a natureza e a graça foi desde então substituída pela oposição real entre a massa posterior do cérebro, sede dos instintos pessoais, e a região anterior, onde residem distintamente os impulsos simpáticos e as faculdades intelectuais.” [*Ibid.*, p. 243].

tanto as inclinações quanto os sentimentos podem ser mais facilmente controlados e respectivamente potencializados.

Entretanto, como seria possível falar de inclinações egoístas e de sentimentos altruístas para uma maioria leiga, senão a partir de acontecimentos e exemplos de homens historicamente conhecidos? O método da filiação histórica que surge com a sociologia prepara a principal ciência da escala enciclopédica: a moral. Esta, por ser mais útil e mais completa, é uma ciência por excelência, pois, segundo Comte, devemos recordar primeiro que o fim contínuo da vida humana deve ser

a conservação e o aperfeiçoamento do Grande Ser, que cumpre ao mesmo tempo amar, conhecer e servir. Cada qual realiza espontaneamente este tríplice ofício que a religião sistematiza pelo culto, pelo dogma e pelo regime. A construção filosófica, conquanto indispensável, é apenas, no fundo, destinada a consolidar e desenvolver as outras duas. Em si mesmo, o estudo direto da humanidade pode degenerar tanto como as ciências inferiores, se esquecermos que não devemos conhecer o Grande Ser senão para amá-lo mais e servi-lo melhor. Quando a preocupação do meio faz desconhecer ou descurar o fim, o desenvolvimento sistemático se torna, no fundo, menos recomendável que a espontaneidade vulgar. Concebeis, assim, por que é que coloco no ápice da escala enciclopédica a Moral, ou a ciência do homem individual.<sup>198</sup>

A moral a ciência *do* indivíduo e não *para* o indivíduo, pois trata da sociabilidade individual e não da personalidade social. De acordo com a classificação positiva das funções interiores do cérebro, a Moral ou a ciência do homem individual contempla os dez motores afetivos: sete pessoais e três sociais. Enquanto a psicologia reivindica para si o estudo da personalidade e o domínio das patologias oriundas da potencialização das inclinações egoístas em detrimentos dos sentimentos altruístas, a ciência moral se destina à unificação do indivíduo com a Humanidade. A diferença entre elas inflama, até hoje, os discursos políticos, principalmente no Brasil. Ou seja, a solução do problema político-sócio-econômico encontra-se no prevenir (educação) ou no remediar (punição/reparação)? Esta é a diferença fundamental entre a ciência moral e a psicologia. Comte, notoriamente constrói toda sua obra destinada à educação/prevenção.

Toda a obra de Comte está dominada pela preocupação educativa. É certo que é o problema político – (...) – que está na origem e no termo do seu pensamento. Mas o fim político não pode ser atingido nem mesmo visado senão por meio da educação. (...).

A própria ordem hierárquica das ciências comporta um programa pedagógico. Devem aprender-se na sua relação de dependência e de subordinação. (...). Comte tinha vocação didática. Considerou-se sempre um professor.<sup>199</sup>

<sup>198</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 212.

<sup>199</sup> Paul Arbousse BASTIDE, *Auguste Comte*, p. 40.

Para ele, o Homem aprende a ser moral, assim como aprende a ser marceneiro, engenheiro, biólogo, etc.. Ignora se existe uma predisposição *a priori* para ser moral ou não, pois o fato que deve ser contemplado é que todo o indivíduo é dotado de dez motores afetivos que devem ser adequadamente trabalhados pela educação doméstica até os quatorze anos e pelo ensino enciclopédico das ciências, ministrado pelo poder espiritual. Como a única força deste poder são as idéias e os sentimentos,

a sua missão é a educação, isto é, a transmissão, a conservação e o controle dos conhecimentos, das opiniões e dos sentimentos apropriados para garantir a convergência necessária ao desenvolvimento normal da sociedade. O poder espiritual nunca deita mão da coação. A sua lei é a liberdade espiritual. Por isso mesmo, deve a educação ser livre, isto é, inteiramente independente do poder temporal, do governo. Deve ser universal, facultada a todos, seja qual for a sua “classificação” social. Deve ocupar-se do homem todo, não só durante o primeiro período da sua vida, mas durante todo o curso da existência. A educação, a primeira de todas as artes, é uma ação contínua sobre o homem total com o fim de tornar mais apto para o serviço da humanidade.<sup>200</sup>

Sendo assim, os indivíduos devem ser devidamente iniciados na religião, pois alguém que entre em contato com uma doutrina religiosa, sem a devida preparação moral, pode ser levado ao fanatismo ou a comportamentos anti-sociais.

No positivismo, o conhecimento é uma construção contínua voltada para o aperfeiçoamento individual intimamente associado ao desenvolvimento social. Em Comte, a educação positiva se desenvolve no seio da religião positiva, pois estas esferas encontram-se mutuamente imbricadas. O que nos causa curiosidade, no entanto, é como os “diversos escravos de Deus, católicos, protestantes ou deístas, (...), atrasados e perturbadores”<sup>201</sup> abalariam suas convicções teológicas diante de tal proposta educativa e, ao mesmo tempo, autodeclaradamente religiosa? Realmente não se abalaram, a cúpula católica da época condenou a obra de Comte ao *Índex* e os deístas e protestantes abandonaram suas idéias à própria sorte, ou seja, à América Latina. Afinal, para os europeus, Comte deveria estar se dirigindo aos povos “atrasados e perturbadores” das colônias européias. Ou ainda, segundo as palavras de Ivan Lins:

Por seu propósito de fundar, fora da teologia, um sistema universal de educação exclusivamente baseado na ciência e capaz de acompanhar o homem do berço ao túmulo, ao qual denominou (talvez de modo pouco feliz) Religião da Humanidade, Augusto Comte feriu sentimentos opostos, mas igualmente fortes: os dos crentes das religiões tradicionais, que viram na sua tentativa uma paródia sacrílega, e os dos defensores da ciência positiva, que a condenaram como uma deserção do espírito científico.<sup>202</sup>

<sup>200</sup> Paul Arbousse BASTIDE, *Auguste Comte*, p. 41.

<sup>201</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 120.

<sup>202</sup> Ivan LINS, *Perspectivas de Augusto Comte*, p. 46.

Desde então, o trabalho de Comte tanto foi transformado, nas mãos de hábeis tecnocratas do saber, em manual de cientificismo inescrupuloso, como foi cuidadosamente preservado por seus discípulos. De qualquer forma, se ainda hoje é possível fazer uma leitura mais atenta à obra de Auguste Comte, mesmo que seja também através dos críticos ou dos comentadores, talvez seja porque ele tenha realmente se tornado um servidor da humanidade segundo seu próprio critério de consagração – através de seu trabalho filosófico. Vejamos, portanto, o significado da humanidade na religião positiva.

Concentrado em poucas páginas do *Catecismo Positivista*, embora diluído no Sistema de Política Positiva, “a concepção da humanidade condensa o dogma da religião universal”<sup>203</sup>. Sendo assim, voltamos ao dogma, ou mais precisamente, à ordem humana – primeiro social, depois moral – em que Comte afirma:

Concebei, pois, o Grande Ser como sendo dirigido, do mesmo modo que vós, porém em grau mais pronunciado, pelo sentimento, esclarecido pela inteligência e sustentado pela atividade. Daí resultam os três elementos essenciais da ordem social, o sexo afetivo, a classe contemplativa, e a força prática. (...). O último constitui, portanto, a base necessária de toda a economia do Grande Ser, segundo a lei fundamental, já familiar para nós, que por toda parte subordina os mais nobres atributos aos mais grosseiros.

Com efeito, as necessidades contínuas oriundas de nossa constituição corporal impõem à humanidade uma atividade material que domina o conjunto de sua existência. (...). Longe de ser radicalmente desfavorável ao surto intelectual e moral, este predomínio contínuo da vida prática deve, pois, fornecer a melhor garantia de nossa unidade, proporcionando ao espírito e ao coração uma direção determinada e um destino progressivo. Sem este impulso universal nossas melhores disposições mentais, e mesmo morais, degenerariam breve em tendências vagas e incoerentes que não produziram nenhum progresso, privado ou público.<sup>204</sup>

As forças ativas, divididas em *patriciado* e *proletariado*, representam respectivamente a continuidade e a solidariedade, posto que o primeiro detém e mantém a propriedade material fazendo render os reservatórios nutritivos e o segundo, “sem o qual o primeiro se tornaria ilusório”, desenvolve os nossos melhores instintos, pois sua “situação solicita sem cessar sua atenção principal para as regras morais de uma economia cujas perturbações ele especialmente suporta”, o que o torna próprio para chamar o sacerdócio e o patriciado “ao destino social que estes devem preencher”<sup>205</sup>. Ambos são os únicos que formam classes propriamente ditas que conservam e aumentam os “tesouros” espirituais e materiais da humanidade a serem distribuídos aos seus servidores.

<sup>203</sup> Ivan LINS, *Perspectivas de Augusto Comte*, p. 149.

<sup>204</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 237.

<sup>205</sup> *Ibidem*, p. 237 e 238.

Para a classe sacerdotal, responsável pela educação sistemática e pela influência consultiva, é imprescindível a instituição da linguagem. Esta, “embora resulte sempre de uma cooperação universal, torna-se o patrimônio especial do sacerdócio, como depósito espontâneo da religião e principal instrumento de seu exercício”<sup>206</sup>. Pois, sendo eminentemente sintética e social, a linguagem institui, sobretudo, “uma conexão íntima entre a sabedoria sistemática e a razão comum”<sup>207</sup>. Segundo Comte, o domínio intelectual do sacerdócio foi sempre o mesmo que o do público, salvo a diversidade de cultura, sistemática de um lado, espontânea de outro. Mas ele ressalta que toda sistematização que não for precedida e preparada por um suficiente surto espontâneo constitui-se em uma sistematização prematura e até viciosa, pois “quaisquer que sejam os inconvenientes que a atividade irrefletida suscite, só ela pode ordinariamente fornecer os primeiros materiais de uma meditação eficaz que permitirá agir melhor”<sup>208</sup>. Daí o verso dogmático “agir por afeição e pensar para agir”<sup>209</sup>, que corresponde primeiro à espontaneidade, depois à sistematização.

Neste sentido, a ciência para Comte nunca cria uma doutrina essencial constituindo um simples prolongamento da sabedoria comum. Pois, são os conhecimentos espontâneos que precedem e preparam os estudos sistemáticos. Como “as teorias limitam-se a generalizar e coordenar os apanhados empíricos da razão universal” a fim de lhes dar consistência e desenvolvimento, para fundar a ciência moral basta “sistematizar convenientemente a decomposição que essa sabedoria universal não tardou em perceber no conjunto da existência humana, distinguindo nesta o sentimento, a inteligência e a atividade”<sup>210</sup>. Segundo Comte, esta análise fundamental, completada empiricamente pela divisão geral dos pendores em pessoais e sociais, institui o domínio natural da ciência moral.

Ou seja, o fundamento da moral encontra-se na existência constatada da “oposição real entre a massa posterior do cérebro, sede dos instintos pessoais, e a região anterior, onde residem distintamente os impulsos simpáticos e as faculdades intelectuais”<sup>211</sup>. Em acordo com os estudos de Gall, Comte ressalta que a influência recíproca entre o físico e o moral, aparentemente desprezada no esboço da teoria cerebral, se dá por efeito da subordinação dos instintos pessoais à vida vegetativa.

As regiões especulativa e ativa do cérebro só têm comunicações nervosas com os sentidos e os músculos, a fim de perceberem e modificarem o mundo exterior. Pelo

---

<sup>206</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 238.

<sup>207</sup> *Ibidem*, p. 239.

<sup>208</sup> *Ibid.*, p. 149.

<sup>209</sup> *Ibid.*

<sup>210</sup> *Ibid.*, p. 242.

<sup>211</sup> *Ibid.*, p. 243.

contrário, a região afetiva, que constitui a massa principal do cérebro, não tem laços diretos com o exterior, ao qual se liga indiretamente pelas suas relações próprias com a inteligência e com a atividade. Porém, afora estas ligações cerebrais, existem nervos especiais que a ligam profundamente aos principais órgãos da vida de nutrição, por efeito da subordinação necessária do conjunto dos instintos pessoais à existência vegetativa. Se esta correspondência geral puder ser assaz especificada, como devemos esperá-lo, ela fornecerá meios poderosos para aperfeiçoar mutuamente o físico e o moral do homem.<sup>212</sup>

Embora não possamos dizer que os estudos sobre o cérebro forneceram “meios poderosos” para aperfeiçoar a natureza humana, podemos, no mínimo, concluir que estes estudos fornecem, principalmente hoje, o fundamento necessário para uma ciência moral. Comte ainda lembra que mesmo quando a ciência moral não podia ser abordada pela teologia,

cumprido dignamente notar a tentativa inicial do verdadeiro fundador do catolicismo para satisfazer às necessidades sistemáticas oriundas do novo ensino religioso. O grande São Paulo, construindo a sua doutrina geral da luta permanente entre a natureza e a graça, esboçou realmente, a seu modo, o conjunto do problema moral, não só prático, mas também teórico. Porque esta preciosa ficção compensava provisoriamente a incompatibilidade radical do monoteísmo com a existência natural dos pendores benévolos, que movem todas as criaturas a se unirem mutuamente em vez de se voltarem isoladamente ao seu criador. Apesar de todos os vícios naturais de semelhante teoria, seu desenvolvimento na Idade Média constitui o único passo essencial que a ciência moral comportava desde seu antigo esboço teocrático até sua recente instituição positiva. Pelo menos, os resultados essenciais da sabedoria comum se achavam aí muito mais bem representados do que pela deplorável ontologia que dirigiu a dissolução gradual do catolicismo. Por isso os místicos do século XV, e principalmente o admirável autor da Imitação, são também os últimos pensadores em que se pode verdadeiramente apanhar, antes do positivismo, o conjunto da natureza humana, tão viciosamente concebida em todas as doutrinas metafísicas.<sup>213</sup>

No positivismo, o conjunto da natureza humana constitui um campo de estudo comum a três ciências distintas. A biologia, a sociologia e a ciência moral tornam-se complementares, pois a primeira, estudando o homem em sua anatomia e fisiologia, não pode esquecer das influências externas que o atingem, assim como descuidar das suas idiossincrasias. A sociologia, ocupando-se das relações individuais/sociais, não pode ignorar a subordinação da vida de relação à vida de nutrição, assim como não pode anular a existência individual do homem e seus esforços pessoais. Finalmente, a ciência moral, estudando a natureza moral do homem, não pode esquecer que a humanidade encontra-se subordinada à animalidade, assim como não pode descuidar da finalidade social de cada esforço individual.

Entendemos que uma ciência moral, fundamentada no estudo da divisão entre os pendores sociais e pessoais sediados no cérebro e protagonizados pelos indivíduos no

<sup>212</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 244.

<sup>213</sup> *Ibid.*, p. 242.



desempenho de suas funções no organismo social, revela-se uma proposta ousada para o século XIX. Porém, com o avanço da neurociência<sup>214</sup>, torna-se uma realidade possível no século XXI. Contudo, a teoria da humanidade como Grande Ser se aproxima mais do século I d.C., nas palavras de São Paulo: “Nós somos todos membros uns dos outros” (na Epístola aos Romanos)<sup>215</sup> do que das teorias contemporâneas liberais – que, quando mal interpretadas ou aplicadas ao extremo, levam ao egocentrismo generalizado.

Ao explicar que a Humanidade deve ser definida em primeiro lugar como “o conjunto dos seres humanos, passados, futuros e presentes” e que pela palavra conjunto “não se deve compreender aí todos os homens, mas só aqueles que são realmente assimiláveis, por efeito de uma verdadeira cooperação na existência comum”<sup>216</sup>, Comte parece deixar de fora a própria ciência do homem individual. Entretanto, ele mesmo se interpela através da interlocutora do Catecismo Positivista, com as seguintes palavras: “Amedronto-me, porém, de minha nulidade pessoal ante semelhante existência, cuja imensidade me abate mais do que outrora a majestade de um Deus, com o qual, embora mesquinha, me sentia em relação própria e direta. Depois de me haverdes subjugado pela preponderância crescente do novo Ente Supremo, careço, pois, que reanimes em mim o justo sentimento de minha individualidade.”<sup>217</sup> Diante desta interpelação Comte completa sua concepção geral da humanidade afirmando:

Vai isso resultar, minha filha, de uma apreciação mais completa do dogma positivo. Basta reconhecer que, posto que o conjunto da humanidade constitua sempre o principal motor de nossas operações quaisquer, físicas, intelectuais ou morais, o Grande Ser nunca pode agir senão por intermédio de órgãos individuais. É por isso que a população objetiva, apesar de sua subordinação crescente à população subjetiva, continua necessariamente indispensável a toda influência desta. Decompondo, porém, essa participação coletiva, vê-se, afinal, que resulta de um livre concurso entre esforços puramente pessoais. Eis aí o que deve reerguer cada digna individualidade em presença do novo Ente Supremo, ainda mais que perante o antigo.

---

<sup>214</sup> “Nosso intelecto, nossa memória, nossa afetividade, nosso aprendizado, nossos sentimentos, nossas intuições, nossas motivações religiosas, nosso estado de espírito e o mundo de nossas emoções podem estar associados a eventos neurológicos observáveis, como parte de nossa função cerebral normal. Estudaremos cada uma dessas funções cerebrais e as correlacionaremos – inclusive a estudos chamados espirituais – como biologicamente observáveis e cientificamente reais, intimamente entrelaçadas com a biologia humana.” (Raul MARINO JR. *A religião do cérebro: as novas descobertas da neurociência a respeito da fé humana*, p. 13 e 14).

<sup>215</sup> “Posto que o Grande Ser não esteja ainda assaz formado, as colisões mais íntimas nunca ocultaram sua evolução gradual, que, sistematicamente apreciada, fornece hoje a única base possível de nossa unidade final. Mesmo sob o egoísmo cristão, que ditava ao duro São Pedro a máxima característica: *Consideremo-nos sobre a terra como estrangeiros ou exilados*, vemos já o admirável São Paulo antecipar, pelo sentimento, a concepção da humanidade, nesta imagem tocante, mas contraditória: *Nós somos todos membros uns dos outros*. Só o princípio positivista devia revelar o tronco único ao qual necessariamente pertencem todos esses membros espontaneamente confusos.” (Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 152 e 153).

<sup>216</sup> *Ibidem*, p. 151.

<sup>217</sup> *Ibid.*, p. 153.

(...) toda digna existência humana pode e deve sentir habitualmente a utilidade de sua cooperação pessoal nessa imensa evolução, que cessaria necessariamente logo que todos os seus mínimos elementos objetivos desaparecessem a um tempo. O desenvolvimento e mesmo a conservação do Grande Ser ficam, portanto, subordinados sempre aos livres serviços de seus diversos filhos, posto que a inação de cada um deles seja de ordinário suscetível de uma suficiente compensação.<sup>218</sup>

Para Comte, o destino eminentemente social de cada indivíduo está diretamente relacionado ao desenvolvimento dos sentimentos altruístas. Portanto, o estímulo necessário para despertar ou maximizar tais pendores (sociais) encontra-se no reconhecimento da humanidade como principal motor de nossas operações quaisquer, ou seja, no despertar da consciência individual através do sentimento de pertença à Humanidade.

Ora, como avaliar tal pressuposto numa época de exaltação do individualismo sob a égide dos direitos humanos? Como defender a existência natural dos pendores benévolos diante da propagação da violência inspirada no mal patológico? Comte estava, e está ainda, na contra-mão do movimento filosófico, não por ingenuidade, mas por pensar o termo humanidade também como adjetivo, significado de benevolência, clemência e compaixão. Enquanto as teorias do conhecimento concentram-se cada vez mais no indivíduo, Comte *estende* sua explicação, sobre a unidade final do entendimento, do indivíduo para a espécie. Isto porque, para ele,

Essa indispensável extensão era até agora essencialmente impossível aos filósofos modernos que, não tendo logrado sair suficientemente do estado metafísico, nunca se instalaram no ponto de vista social, o único suscetível entretanto duma plena realidade, seja científica, seja lógica, pois o homem não se desenvolve isolada mas coletivamente. Afastando, como profundamente estéril, ou melhor, profundamente nociva, essa viciosa abstração de nossos psicólogos ou ideólogos, a tendência sistemática que acabamos de apreciar no espírito positivo adquire enfim toda a sua importância porque ela indica nele o verdadeiro fundamento filosófico da sociabilidade humana, enquanto ao menos essa depender da inteligência, cuja influência capital, apesar de não ser exclusiva, não poderia ser contestada.<sup>219</sup>

Para o espírito metafísico o pensamento dominante é o do *eu*. Deste modo, “todas e quaisquer outras existências, mesmo humanas, são confusamente envolvidas numa única concepção negativa, e seu vago conjunto constitui o *não-eu*”<sup>220</sup>. Isso porque, de acordo com Comte, a metafísica deriva, dogmática e historicamente, da própria teologia, cujo pensamento é por natureza essencialmente individual. Em contrapartida, o espírito positivo é “diretamente social, tanto quanto possível, e sem nenhum esforço, precisamente por causa de sua realidade

<sup>218</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 153.

<sup>219</sup> Idem, *Discurso sobre o espírito positivo*, p. 54.

<sup>220</sup> Ibid., p. 76.

característica”<sup>221</sup>. No positivismo, a Humanidade é o mais alto grau de identificação relativa possível do homem com sua própria *natureza tríplice*. Esta, se apresenta aqui e ali, ou seja, no homem e na humanidade, imutável mas não imodificável. E por serem “os fenômenos humanos individuais ou coletivos dentre todos os mais modificáveis, é em relação a eles que nossa intervenção racional comporta naturalmente maior eficácia”<sup>222</sup>. Isto é, se por um lado a previsão dos fenômenos humanos se torna mais difícil porque são mais modificáveis que os fenômenos naturais, por outro lado podem ser mais facilmente direcionados ou aperfeiçoados. Por comportar maior variabilidade das disposições secundárias, a condição fundamental dos fenômenos humanos (sentimentos, pensamentos e atos) requer um trabalho contínuo de aperfeiçoamento através dos esforços individuais.

Neste sentido, “o dogma do progresso só pode vir a ser suficientemente filosófico depois duma exata apreciação geral do que constitui sobremaneira esse melhoramento contínuo de nossa natureza”<sup>223</sup>. Segundo Comte, o conjunto da filosofia positiva demonstra que esse melhoramento consiste, tanto para o indivíduo quanto para a espécie, em fazer predominar de modo progressivo os eminentes atributos que distinguem a mais nobre humanidade da simples animalidade, a saber, de uma parte, a inteligência, de outra, a sociabilidade, faculdades mutuamente solidárias que se servem de meio e de fim. Entretanto, *como fazer e o que fazer* para predominar de modo progressivo a inteligência e a sociabilidade? Ao nosso ver, Comte responde a este *o que fazer* e a este *como fazer* da seguinte forma: primeiro é necessário completar a escala enciclopédica com a ciência moral e segundo é preciso reconstruir o poder espiritual delegando-lhe a responsabilidade de oferecer o ensino enciclopédico a todos.

O poder espiritual que trabalha para a humanidade a fim de retribuir-lhe o que recebeu dela, entende que ela sempre foi e será a fonte de inspiração científica e poética, mesmo quando a ciência esquece sua finalidade humana, ou quando a poesia se reporta exclusivamente a Deus. Pois, o que podemos dizer acerca de Deus se não O relacionarmos com o homem ou com o que já foi dito pelo homem? Não se trata, no entanto, de promover discussões estereis sobre a existência ou inexistência de Deus, mas de destacar a existência de uma humanidade passada e presente que proveu e proverá a humanidade futura com aquilo que for construído ou destruído através dos esforços pessoais. Por isso, a educação, apesar de seu caráter social, é um processo de aperfeiçoamento individual do qual depende a

---

<sup>221</sup> Auguste COMTE, *Discurso sobre o espírito positivo*, p. 77.

<sup>222</sup> *Ibidem*, p. 70.

<sup>223</sup> *Ibidem*.

prosperidade humana. Se, para Comte, a felicidade depende da subordinação do egoísmo ao altruísmo, ou seja, do sentimento de dever, este processo de subordinação só pode ser desenvolvido sistematicamente pelo ensino/aprendizagem na religião positiva. Se o exercício desenvolve o órgão tornando-o cada vez mais apto para funcionar, a educação sistemática da moral cria o hábito de viver para outrem no exercício constante dos afetos altruístas.

Contemplada pela ciência, a moral pode ser empiricamente representada pelas regiões cerebrais correspondentes aos afetos simpáticos da sociabilidade. Ministrada pela religião, a moral encontra-se diretamente relacionada à sociabilidade através do sentimento do dever. A reorganização da sociedade a partir da reconstrução do poder espiritual diz respeito a um grandioso projeto que se divide em uma filosofia que sistematiza o conhecimento científico, completando o estudo dos fenômenos naturais com a pesquisa dos fenômenos sociais, e uma política de implantação destes estudos num processo de educação universal. Ao estabelecer uma hierarquia enciclopédica das ciências, no *Curso de Filosofia Positiva*, Comte faz todas as considerações possíveis acerca dos acertos e dos inconvenientes de tal empresa. De acordo com o filósofo, cada ramo do sistema científico, ao separar-se do tronco filosófico, gera a divisão do trabalho intelectual que, aperfeiçoada progressivamente, produz resultados prodigiosos, mas também engendra inconvenientes capitais

em virtude da excessiva particularidade das idéias de que se ocupa exclusivamente cada inteligência individual. Este incômodo defeito é, até certo ponto, sem dúvida inevitável, como inerente ao próprio princípio da divisão. Por isso, medida alguma nunca nos permitirá igualar, a esse respeito, os antigos, entre os quais tal superioridade advinha sobretudo do parco desenvolvimento de seus conhecimentos. Podemos, todavia, parece-me, por meios convenientes, evitar os mais perniciosos defeitos da especialidade exagerada, sem prejudicar a influência vivificadora da separação das pesquisas. É urgente ocupar-se com isso de modo sério, pois tais inconvenientes que, por sua natureza, tendem a crescer sem parar, começam a vir a ser muito sensíveis.<sup>224</sup>

Segundo Comte, o verdadeiro modo de cessar a influência deletéria que parece ameaçar o porvir intelectual, em consequência de uma demasiada especialização das pesquisas, consiste no aperfeiçoamento da própria divisão do trabalho, fazendo do estudo das generalidades científicas outra grande especialidade. Esta, devidamente preparada por uma educação conveniente, deve ficar nas mãos de uma classe nova de cientista que

sem se entregar à cultura especial de algum ramo particular da filosofia natural, se ocupe unicamente, considerando as diversas ciências positivas em seu estado atual, em determinar exatamente o espírito de cada uma delas, em descobrir suas relações e seus encadeamentos, em resumir, se for possível, todos os seus princípios próprios num número menor de princípios comuns, conformando-se sem cessar às máximas fundamentais do método positivo. Ao mesmo tempo, outros cientistas,

<sup>224</sup> Auguste COMTE, *Curso de filosofia positiva*, p. 11.

antes de entregarem-se a suas especialidades respectivas, devem tornar-se aptos, de agora em diante, graças a uma educação abrangendo o conjunto dos conhecimentos positivos, a tirar proveito das luzes propagadas por esses cientistas votados ao estudo de generalidades e, reciprocamente, a retificar seus resultados, estado de coisas de que os cientistas atuais se aproximam cada vez mais. Uma vez cumpridas essas duas condições – é evidente que o podem ser –, a divisão do trabalho nas ciências será levada, sem qualquer perigo, tão longe quanto o desenvolvimento dessas diversas ordens de conhecimento o exigir. Existindo uma classe distinta, incessantemente controlada por todas as outras, tendo por função própria e permanente ligar cada nova descoberta particular ao sistema geral, não cabe mais temer que demasiada atenção seja dada aos pormenores, impedindo de perceber o conjunto. Numa palavra, a organização moderna do mundo dos cientistas estará, então, completamente fundada, podendo desenvolver-se indefinidamente, ao mesmo tempo que conserva o mesmo caráter.<sup>225</sup>

De acordo com o filósofo, o primeiro resultado direto da filosofia positiva deve ser a manifestação, pela experiência, das leis que nossas funções intelectuais seguem em suas realizações e, por conseguinte, o conhecimento preciso das regras gerais convenientes para proceder de modo seguro na investigação do que é antecipado pela razão comum. A segunda consequência, “não menos importante e de interesse muito mais urgente”<sup>226</sup>, pois é destinada a produzir o estabelecimento da filosofia positiva, é presidir à reforma geral do sistema de educação. Deste modo, a terceira propriedade fundamental da filosofia positiva diz respeito à aplicabilidade do estudo especial das generalidades científicas, que tanto se destina a reorganizar a educação, como deve contribuir para o progresso particular das diversas ciências positivas. Por fim, ao entender que a crise política e moral das sociedades resulta, em última análise, da anarquia intelectual, Comte afirma que nada mais resta além de completar a filosofia positiva introduzindo nela o estudo dos fenômenos sociais para, em seguida, resumí-la num único corpo de doutrina homogênea.

No entanto, o desenvolvimento desta ciência social, com a qual Comte pretende completar o *Curso de Filosofia Positiva*, revela duas espécies de fenômenos, um material e outro moral provenientes dos poderes temporal e espiritual, respectivamente. Como todo mecanismo social repousa sobre opiniões, ou em outros termos, são as idéias que governam e subvertem o mundo, a *educação positiva* deve ficar a cargo do sacerdote, pois

O poder espiritual tem, como destino próprio, o governo da opinião, isto é, o estabelecimento e a manutenção dos princípios que devem presidir às diversas relações sociais. Esta função geral se divide em tantas partes quantas são as classes distintas de relações, porque não há, por assim dizer, nenhum fato social em que o poder espiritual não exerça certa influência, quando está bem organizado, isto é, quando guarda exata harmonia com o estado de civilização correspondente.

<sup>225</sup> Auguste COMTE, *Curso de filosofia positiva*, p. 12.

<sup>226</sup> *Ibidem*, p. 15.

Sua atribuição principal é, portanto, a direção suprema da *educação*, quer geral, quer especial, mas, sobretudo, da primeira, tomando esta palavra em sua acepção mais ampla, fazendo-a significar o sistema completo de idéias e de hábitos, necessário ao preparo dos indivíduos para a ordem social em que têm de viver, e para adaptar, tanto quanto possível, cada um deles à função particular que aí deve desempenhar.<sup>227</sup>

Neste caso, como reorganizar o poder espiritual a partir de uma filosofia positiva se o governo da opinião é presidido pela filosofia teológico-metafísica? Como Comte acredita estar vivendo a transição do estado metafísico para o estado positivo, ele aposta nas transformações sociais provocadas pela Revolução Francesa e pela Revolução Industrial, entre outras, como estopim para a instalação imediata da Filosofia Positiva. Contudo, ele esquece que, de acordo com a própria lei que descobriu, historicamente cada estado, incluindo cada fase teológica (fetichismo, politeísmo e monoteísmo), levou mais de mil anos para o estabelecimento completo, pelo menos no “mundo civilizado” (Europa e parte da Ásia). Se esta constante de tempo permanecer para o estado positivo, e considerando que ele tenha começado no século XVI, então temos aproximadamente mais cinco séculos para a sua instalação completa.

Afora essas especulações a partir de uma filosofia da história, é inegável o esforço deste filósofo em preparar a transformação do poder espiritual, esteio do poder temporal. Embora essa preparação nos pareça, ora uma previsão superestimada da implantação da Filosofia Positiva, ora uma profecia sobre a abrangência da Religião da Humanidade, não podemos ignorar que ele “nos convida, então, a repensar o religioso à luz dos progressos da ciência”<sup>228</sup>. Sua filosofia eminentemente social reserva à religião uma função essencial. “Comte torna o religioso menos dramático. Nem angústia, nem medo, mesmo que a religião tenha engendrado, ao longo do tempo e por abuso, o terror, tanto ao nível da consciência quanto das relações entre grupos inteiros que em nome da fé provocaram guerras fratricidas sem nome.”<sup>229</sup> Pensador da totalidade e não do parcial e do fragmentário, Comte trabalha a dialética da superação, e não da contradição. “Para Comte, a religião, hoje, não deve ser rejeitada, mas retomada no projeto grandioso de fazer dela não apenas uma reação do homem ao espetáculo da natureza, mas uma leitura de ordem racional.”<sup>230</sup>

Portanto, o projeto de uma ciência moral retoma a religião como uma leitura de ordem racional. Contudo, para promover tal empresa é preciso conhecer a trajetória histórica

---

<sup>227</sup> Augusto COMTE, *Opúsculos de filosofia social*, p. 195.

<sup>228</sup> Abdelwahab BOUHDIBA, *Augusto Comte ainda vivo entre nós: contribuições do filósofo na perspectiva africana*, in: Hélio TRINDADE (org), *O Positivismo: teoria e prática*, p. 135.

<sup>229</sup> *Ibidem*, p. 135.

<sup>230</sup> *Ibidem*.

da humanidade e, para isso, nada melhor que uma lei natural aos fenômenos sociais para mostrar o movimento regular, mas não linear, do desenvolvimento do conhecimento humano. De acordo com esta lei, o primeiro momento do conhecimento humano é o contato (visual, auditivo, tátil) com o exterior. No entanto, o exterior funciona como uma máquina hermética que oculta seu mecanismo interno. Em busca de dominar esse mecanismo o homem imagina como acontece a produção dos fenômenos que está vendo, ou seja, imagina o que não vê a partir do que vê. Este “pulo mental”<sup>231</sup> caracteriza aquilo que Comte chama de saída do círculo vicioso em que se encontrava o espírito humano, pressionado entre a necessidade de observar para formar teorias e a necessidade, não menos importante, de criar teorias para poder entregar-se a observações seguidas. A afirmação de que os conhecimentos espontâneos precedem os estudos sistemáticos admite que a imaginação supre a impotência da inteligência, mesmo quando esta se encontre assaz desenvolvida no estado positivo, pois os estudos científicos estão em constante reformulação graças aos “pulos mentais” do espírito humano.

Dada as conseqüências inevitáveis da evolução do conhecimento humano, a transição de um estado para outro é sempre marcada por constatações e/ou refutações de teorias, a princípio imaginadas, e depois sistematizadas. Ao contrário das *leis*, que podem ser suplantadas mas não invalidadas, as *teorias* são mantidas, por algum tempo, pela razão comum como “verdades absolutas” até serem reformuladas por novas investigações. Entretanto, são as teorias que levam à descoberta das leis naturais do desenvolvimento humano, ou seja, as teorias são disposições secundárias das leis que são condições fundamentais. Estas, por representarem “os diversos fenômenos observáveis como casos particulares dum único fato geral, como a gravitação o exemplifica”<sup>232</sup>, contribuem para o aperfeiçoamento do próprio conhecimento.

Quando Comte afirma no início do *Curso de Filosofia Positiva*: “Creio ter descoberto uma grande lei fundamental” e logo depois pondera: “Aqui não é o lugar de demonstrar especialmente esta lei fundamental do desenvolvimento do espírito humano e deduzir dela as conseqüências mais importantes. Trataremos disso diretamente, com toda a extensão conveniente, na parte deste curso relativa ao estudo dos fenômenos sociais”<sup>233</sup>, parece que ele já sabe que iria precisar de todos os seis volumes de Filosofia, mais os quatro de Política e mais de setecentas páginas de *Síntese Subjetiva* para tentar explicar esta

---

<sup>231</sup> Termo usado por Rubem Alves para falar que a ciência também busca o invisível utilizando o recurso da imaginação ao “construir mentalmente coisas que nunca viu para explicar aquelas que vê”. (Rubem ALVES, *Filosofia da Ciência. Introdução ao jogo e suas regras*, p. 47).

<sup>232</sup> Auguste COMTE, *Curso de filosofia positiva*, p. 4.

<sup>233</sup> *Ibidem*, p. 3 e 4.

descoberta, ou melhor, justificar esta lei. Pois, se a lei dos três estados realmente representa todos os diversos fenômenos sociais<sup>234</sup> observáveis como casos particulares de um único fato geral que é a *humanidade*, então o estado positivo realmente alcança, de acordo com Comte, o grau de perfeição de que é suscetível o estado teológico com a concepção do *Deus* único, e o alcançado pelo estado metafísico com a concepção da *natureza* como entidade geral.

De acordo com Raymond Aron, quando “Comte conduz a coordenação racional da série fundamental dos diversos acontecimentos humanos a um desígnio único”, ele “pode representar o último discípulo do providencialismo cristão; quer tratando-se das intenções da Providência, quer das leis necessárias do desenvolvimento humano, a história é concebida como necessária e una. O desígnio é único, pois ele foi fixado seja por Deus, seja pela natureza do homem. A evolução é necessária, pois ou a Providência fixou as etapas e fins ou a própria natureza do homem e das sociedades determinou as leis”.<sup>235</sup> Influenciado por Joseph De Maistre (1753-1821), Comte utiliza, da mesma maneira,

a comparação em sua metodologia. O recurso comparativo é usado entre os fatos sociais como entre os diversos estados da sociedade humana, em uma relação tanto sincrônica quanto diacrônica dos fatos históricos e sociais. Neste aspecto, o método em Comte e De Maistre encontra-se a partir da concepção comum a ambos da unidade existente nas formas de vida social, o que possibilita, segundo estes autores, a validade da comparação.

Esta concepção da unidade orgânica entre os elementos da sociedade, cujas partes estão interligadas em um funcionamento harmonioso, constituirá, em Comte, a noção de “consenso social”. “O consenso, idéia-mãe da estática social, é a base racional da nova Filosofia política, pois que nele se fundam a idéia de sociedade e de governo.”

Uma das principais características do método sociológico deriva desta concepção de consenso. Sendo os fenômenos sociais profundamente conexos, não podem ser separados ou isolados, pela análise, da totalidade a qual pertencem. Assim, da mesma maneira que não se compreende um elemento do todo social se não for considerada a própria totalidade, não podemos compreender um momento da evolução histórica, se não considerarmos o todo desta evolução. Os fatos sociais devem, portanto, ser comparados entre si para que adquiram significado científico. Esta proposição é decorrência direta das noções de solidariedade e sucessão.

Recusando, da mesma forma que De Maistre, qualquer monismo, Comte não permite que fenômeno social algum se imponha sobre os outros, mas nos mostra como pela análise necessariamente abstrata da estática social se descobrem as conexões sucessivas.<sup>236</sup>

Entretanto, há uma divergência entre Comte e De Maistre no que diz respeito à impossibilidade individual de modificar a fatalidade. Para Comte, a condição fundamental dos fenômenos sociais – chamada de fatalidade por De Maistre –, “pode ser mais ou menos

<sup>234</sup> Aqui entendido como o conjunto dos fenômenos humanos – em sua dimensão natural, filosófica, científica, política, poética, religiosa.

<sup>235</sup> Liana S. TRINDADE, *As Raízes Ideológicas das Teorias Sociais*, p. 125.

<sup>236</sup> *Ibidem*, p. 123 e 124.



modificável graças à Sociologia, que descobre a ordem essencial da História humana, possibilitando à humanidade, talvez, acelerar a etapa do positivismo. ‘Não se trata de governar os fenômenos mas apenas de modificar o desenvolvimento espontâneo; isto exige, evidentemente, que se conheçam de antemão as leis reais’.<sup>237</sup> No entanto, a predominância do conhecimento intelectual sobre o conativo e o afetivo ainda é insuficiente para modificar o desenvolvimento espontâneo das sociedades. Isto é, a teoria apartada da prática, ou a ciência apartada da arte não é capaz de fomentar a coesão social. Logo, para Comte, o saber como fim em si mesmo não só leva à anarquia intelectual como se torna imprestável para a prática. É preciso, pois, “saber, para prever a fim de prover” em todas as dimensões humanas – física, intelectual e moral.

Neste sentido, a sociedade configura-se, tanto para De Maistre quanto para Comte, “como a vontade geral, isto é, a vontade que têm os homens reunidos em seu conjunto, quaisquer que sejam o grau desta união e a tensão desta vontade”<sup>238</sup>. Isto porque a coesão social é construída pela moral, pela religião e pelas tradições. A religião positivista adquire o significado e a função de unidade completa na medida em que, através da educação, “integra toda a humanidade em torno de um mesmo sentimento, ao mesmo tempo moral e social. A filosofia de Comte tende sobretudo à reforma da organização temporal pelo poder espiritual, que seria exercido pelos sábios e filósofos substituindo os padres”<sup>239</sup>. O poder espiritual deve ensinar os indivíduos a harmonizar sua natureza tríplice, através da educação enciclopédica das sete ciências, assim como deve uni-los em vista de um trabalho comum, e consagrar os direitos daqueles que governam desde que o poder espiritual seja o moderador do arbítrio e do egoísmo dos governantes.

Todos admitem hoje, além de Comte, que a forma mais eficaz de reorganizar a sociedade, embora seja também a mais lenta, é a educação. Proposta no *Catecismo Positivista* e exercida, principalmente, hoje na forma dialógica, a educação não impõe, mas disponibiliza o conhecimento e regula o desenvolvimento do espírito humano. A educação comporta o sistema de idéias passadas e presentes responsáveis pela gestação das idéias futuras. Neste sentido, a educação também mostra, através dos teoremas da matemática, das leis da física, da tabela química, das leis da biologia, enfim da história das ciências, da geografia e da “língua”

---

<sup>237</sup> Liana S. TRINDADE, *As Raízes Ideológicas das Teorias Sociais*, p. 127.

<sup>238</sup> *Ibidem*, p. 129.

<sup>239</sup> *Ibidem*.

falada e escrita, que “os vivos são sempre, e cada vez mais, governados necessariamente pelos mortos: tal é a lei fundamental da ordem humana”<sup>240</sup>.

A educação baseada na hierarquia enciclopédica das ciências comporta uma exposição mais dogmática que histórica, pois

a tendência constante do espírito humano, quanto à exposição dos conhecimentos, é, pois, substituir progressivamente a ordem histórica pela ordem dogmática, a única conveniente ao estado aperfeiçoado de nossa inteligência.

O problema geral da educação intelectual consiste em fazer com que, em poucos anos, um único entendimento, muitas vezes medíocre, chegue ao mesmo ponto de desenvolvimento atingido, durante uma longa série de séculos, por um grande número de gênios superiores, que aplicaram, sucessivamente, durante a vida inteira, todas as suas forças ao estudo de um mesmo assunto. É claro, com isto, que, apesar de ser infinitamente mais fácil e mais curto aprender do que inventar, seria certamente impossível atingir o fim proposto se pretendêssemos sujeitar cada espírito individual a percorrer sucessivamente os mesmos passos intermediários que teve de seguir necessariamente o gênio coletivo da espécie humana. Daí a necessidade indispensável da ordem dogmática, tão perceptível hoje entre as ciências mais avançadas, cujo modo ordinário de exposição não mais apresenta traço algum da filiação efetiva de seus pormenores.

É preciso, entretanto, acrescentar, para prevenir todo exagero, que o modo real de exposição é, inevitavelmente, certa combinação da ordem dogmática com a ordem histórica, na qual somente a primeira deve dominar constante e progressivamente. A ordem dogmática não pode, com efeito, ser seguida de maneira inteiramente rigorosa, pois para isso exige nova elaboração dos conhecimentos adquiridos. Não se aplica assim, em cada época da ciência, às partes recentemente formadas, cujo estudo só comporta uma ordem essencialmente histórica. Esta não apresenta, de resto, neste caso, os inconvenientes principais que, em geral, provocam sua rejeição.<sup>241</sup>

Deste modo, o estudo sistemático do homem individual, ou ciência moral, por ser uma parte recentemente formada (principalmente no século XIX), comporta ainda uma ordem histórica. Entretanto, de acordo com Comte, o atributo lógico e o atributo científico da hierarquia teórica, “que correspondem ao duplo destino geral dessa hierarquia, tanto subjetivo como objetivo”<sup>242</sup>, irão propiciar também o estudo dogmático da ciência moral. Sob o aspecto lógico, se cada ciência tem seu método próprio (dedução, observação, experiência, nomenclatura, comparação, filiação histórica e construção objetiva), e se cada uma usa os métodos das ciências anteriores, reduzindo-os a um processo lógico de *indução*, *dedução* e *construção*, então “o percurso enciclopédico apresenta sempre a moral como a ciência por excelência”<sup>243</sup>. Sob o aspecto científico, é na ciência moral “que o espírito teórico, tendo

<sup>240</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 152.

<sup>241</sup> Idem, *Curso de filosofia positiva*, p. 28.

<sup>242</sup> Id., *Catecismo positivista*, p. 219.

<sup>243</sup> Ibid., p. 218.

gradualmente perdido sua abstração inicial, vem unir-se sistematicamente ao espírito prático, depois de ter acabado todas as preparações indispensáveis”<sup>244</sup>.

Para Comte, a separação entre a teoria e a prática dificultou o aprimoramento da ciência pela filosofia, enquanto desnaturalizou a função sistemática da filosofia em relação à ciência. A educação positiva visa reunir teoria e prática, ou seja, o *verbo* e o *exemplo*, sendo que o último é verdadeiramente o que ensina. A prática da teoria, ou o progresso da ordem é o que mais se aproxima da realidade, pois conduz o Homem até o último estágio do processo lógico: a construção. Portanto, o *verbo* se materializa no *exemplo*, que por sua vez constrói o *fato*, que inspira o *verbo*. Na dialética da superação “a história não é tanto o que nos conduz, mas o que fazemos”<sup>245</sup>, o que construímos. Como nesta construção convergem sentimentos, pensamentos e atos, todo o *progresso* humano deve ser principiado no *amor* e baseado na *ordem*.

Neste sentido, enquanto pensador da totalidade, Comte vê a sociedade como um grande organismo vivo (a Humanidade), controlado e regulado por órgãos (instituições política e religiosa) constituídos de células (as famílias), que evolui da infância à maturidade ao construir sua própria história. Entretanto, para chegar à maturidade, a “política”<sup>246</sup> deve prover o aperfeiçoamento material inspirada pela “religião”, que deve prover o aperfeiçoamento intelectual e moral. Na filosofia de Comte a religião não deve ser vista como um mero instrumento *da* ou *para a* sociedade, mas como um mecanismo próprio do corpo social encarregado de educar os sentimentos, os pensamentos e, por conseguinte, os atos humanos. Quando a religião não exerce esta função, deixando-se arrastar pelo poder temporal, ela se esfacela em crenças que deslocam o senso comum para um Deus sobrenatural em detrimento do Homem, e com isso reforçam a “queda” do Homem em prejuízo de sua ascensão; em última instância, reforçam a energia dos instintos egoístas em prejuízo dos afetos altruístas.

Para remediar esta situação Comte propõe um *antropoteísmo*. Divinizar a Humanidade como *causa* relativa ou como *bem* relativo tem a finalidade de exaltar os pendoros altruístas, independentemente de serem ou não fruto de uma *ordem* absoluta ou de um *bem* absoluto, em última análise, imperscrutáveis. Por isso, Comte recomenda abandonar o estudo da *causa* absoluta e do *bem* absoluto por gerar explicações estéreis, aquém de Deus e

---

<sup>244</sup> Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 218.

<sup>245</sup> Abdelwahab BOUHDIBA, *Augusto Comte ainda vivo entre nós: contribuições do filósofo na perspectiva africana*, in: Hélio TRINDADE (org.), *O Positivismo: teoria e prática*, p. 134.

<sup>246</sup> Neste caso, a “política” e a “religião” não devem ser entendidas como instituições, mas como esferas de comportamento intersubjetivo.

além do homem. O filósofo mostra que o aperfeiçoamento moral, físico e intelectual, é possível através da educação, pois depende do conhecimento relativo adquirido concomitantemente na inspiração religiosa, na investigação científica e na sistematização filosófica. Enfim, o aperfeiçoamento do homem depende do conhecimento adquirido na experiência de ser humano. E é neste contexto mais geral que faz sentido falar do significado da religião na Filosofia de Auguste Comte.

## CONCLUSÃO

Chegamos ao final deste trabalho com a esperança de ter conseguido levar o pensamento de Auguste Comte a novas discussões e, sob a perspectiva da Filosofia da Religião, mostrar que o significado da religião em sua filosofia diz respeito à experiência do homem com sua própria natureza tríplice (sentimento, pensamentos e atos). Para tanto, longe do empirismo e do misticismo, esta experiência deve ser guiada por uma educação sistemática. Para Comte, o auto-aperfeiçoamento não se dá fortuitamente para todos os homens pelo conhecimento direto de si mesmo, ou pela revelação, mas através do ensino enciclopédico das sete ciências que disciplinaria a relação do interior com o exterior, do homem com o mundo.

Devido a extensão e complexidade do pensamento comteano, percebemos, ao longo do estudo, características de uma Filosofia da História, de uma Filosofia da Ciência, de uma Filosofia Política e de uma Filosofia da Religião, que constituem desdobramentos de uma Filosofia Social. Daí a dificuldade de captar a unidade em suas obras, embora seus esforços sempre estivessem voltados para a reconstrução da disciplina espiritual, partindo, efetivamente, de uma educação moral tanto para o povo quanto para os governantes<sup>247</sup>.

Portanto, na execução deste trabalho, tentamos obedecer às etapas de formação da nova autoridade espiritual, “esteada numa filosofia fundada sobre a ciência”<sup>248</sup>. Em acordo com Comte, partimos de sua lei sociológica que regula o conhecimento humano e que pressupõe uma ordem (exterior e humana) imutável, mas não imodificável a que estão sujeitos

---

<sup>247</sup> No prefácio especial dos *Opúsculos de Filosofia Social*, o próprio filósofo ratifica a nossa observação com as seguintes palavras: “Este apêndice é, porém, sobretudo destinado a manifestar a perfeita harmonia entre os esforços que caracterizam minha juventude e os trabalhos realizados em minha idade madura.

Pelos hábitos dispersivos que impedem, em nossos dias, qualquer apreciação sintética, essa plena continuidade se acha freqüentemente obscurecida pela excepcional extensão de minha obra. Quando não se percebe nela a relação necessária entre a base filosófica e a construção religiosa, as duas partes de minha carreira parecem obedecer a direções diferentes. Convém, pois, fazer especialmente sentir que a segunda se limita a realizar o objetivo preparado pela primeira. Este Apêndice deve espontaneamente inspirar tal convicção, fazendo verificar haver eu tentado, desde o meu início, fundar o novo poder espiritual que hoje instituo. O conjunto de meus primeiros ensaios me levou a reconhecer que essa operação exigiria, antes de mais nada, um trabalho intelectual, sem o qual não seria possível solidamente estabelecer a doutrina destinada a encerrar a revolução ocidental. Eis por que consagrei a primeira metade de minha elaboração a constituir, de acordo com os resultados científicos, uma filosofia verdadeiramente positiva, única base possível da religião universal. Mas, depois de ter suficientemente lançado esse fundamento teórico, devi consagrar diretamente todo o resto de minha existência ao fim social que eu havia, a princípio, suposto ser imediatamente acessível.” (Augusto COMTE, *Opúsculos de filosofia social*, p. 01).

<sup>248</sup> Ibidem, p. 3.

os acontecimentos de todo gênero por ser, ao mesmo tempo, *objetiva* e *subjetiva*. Sendo assim, no primeiro capítulo analisamos os três estados do conhecimento humano, pontuando, sempre que possível, a gênese da religião positiva no pensamento de Auguste Comte desde a época dos *Opúsculos de Filosofia Social* (1819-1828). Por vezes, adiantamos alguns trechos de suas obras posteriores ao *Curso de Filosofia Positiva* como forma de mostrar o fator de continuidade entre suas obras e também para elucidar a justaposição dos estados do conhecimento humano.

Ainda neste capítulo, tentamos mostrar que, para Comte, a aplicação do método estritamente objetivo à ordem dos fenômenos sociais leva ao fracasso nas investigações científicas. Do mesmo modo, não há uma divisão estanque entre as ciências. Isso porque a história das ciências, que constitui a parte mais importante do desenvolvimento geral da humanidade, mostra que não somente as diversas partes de cada ciência desenvolveram-se simultaneamente e sob a influência recíproca umas das outras, mas, “considerando em seu conjunto o desenvolvimento efetivo do espírito humano, vê-se, além disso, que as diferentes ciências foram, de fato, aperfeiçoadas ao mesmo tempo e imbricadas”<sup>249</sup>.

Com efeito, o estudo dos fenômenos sociais (moral) complementa o estudo dos fenômenos naturais na medida em que ambos se destinam ao aperfeiçoamento físico e espiritual do homem, pois não é possível conhecer “a verdadeira história de cada ciência, isto é, a formação real das descobertas de que se compõe, a não ser estudando, de maneira geral e direta, a história da humanidade”<sup>250</sup>. Ou seja, para estabelecer o aperfeiçoamento do homem e do mundo é preciso, antes de tudo, conhecer a história do homem (ordem humana) que sente, pensa e age no mundo (ordem exterior) em resposta aos estímulos deste mesmo mundo. Estimulado pela ordem exterior o homem desenvolve métodos de intervenção/relação com a realidade física, que se tornam formas distintas de conhecimento. Para Comte, a filosofia é a matriz de todas as formas de conhecimento; portanto, só ela pode sistematizar a ciência e dirigir a religião.

No segundo capítulo tentamos extrapolar o significado teórico-didático da religião no sentido de expor com maior clareza os elementos dessa *síntese*, para a qual deve convergir cada um dos atributos da natureza humana. Tentamos mostrar que o significado da religião na filosofia comteana não deve ser entendido apenas em seu conceito teórico-didático, ou estritamente considerado em sua relação com o sentimento, ignorando sua implicação intelectual e ativa, ou ainda somente em seu destino social através da educação. Enfim, o

---

<sup>249</sup> Auguste COMTE, *Curso de filosofia positiva*, p. 28.

<sup>250</sup> *Ibidem*, p. 29.

significado da religião em Comte não é meramente o de um conceito, mas o de um grande sistema dentro de um sistema ainda maior que é a filosofia positiva.

Neste capítulo, invertemos a disposição adotada pelo filósofo em seu trabalho final, colocando o dogma antes do culto devido a solícitude (não exagerada) pela racionalidade, seguindo o primeiro impulso de Comte em assentar o culto sobre a base sistemática do dogma. Ao estudar o dogma como fundamento filosófico, o culto como inspiração e exercício e o regime como execução da educação afetiva necessária à *unidade social*, começamos a entender, a partir de Comte, que a religião não é um sistema de crenças como comumente se pensa, mas é a ciência do homem unificado (ligado ao *interior* pelo amor e religado ao *exterior* pela fé). Religião em Comte é também *unidade pessoal*, pois ligar o indivíduo a si mesmo o religa ao grupo. Quem reconhece e exercita a humanidade<sup>251</sup> em si, torna-se capaz de reconhecê-la no outro. Tentamos mostrar que, de acordo com o filósofo, o sentimento de pertença à humanidade revigora o sentimento de gratidão às suas providências moral, intelectual e material. Se, para Comte, o conjunto dos seres humanos, passados, presentes e futuros, não compreende todos os homens, mas só aqueles que se tornam servidores da humanidade, então *ser humano* não é apenas *ser*, mas é o *ser-agir*, que se inicia no ensino doméstico e formal, e se mantém no exercício<sup>252</sup> dos afetos altruístas.

Como a *ciência final* ou *filosofia moral*<sup>253</sup> pressupõe o longo preâmbulo científico do ensino enciclopédico ministrado pelo poder espiritual, então o “projeto” de uma ciência moral é a própria religião da humanidade, que seria a mantenedora do exercício dos afetos altruístas. Ao nosso ver, enquanto projeto, a ciência moral está isenta de um fundamento científico. Enquanto ciência, segundo Comte, ainda depende do avanço das ciências biológicas, ou, mais pontualmente, dos estudos sobre o cérebro humano (neurofisiologia).

No terceiro e último capítulo, conforme o estudo se desenvolvia sobre o projeto de uma ciência moral e sobre a religião da humanidade, propusemos algumas questões relativas à empregabilidade e à viabilidade de uma educação moral, destinada, principalmente, ao mundo atual. Fizemos isto também para mostrar que o pensamento comteano tanto se encontra distante do movimento filosófico de sua época e de hoje, como, ao mesmo tempo, ele se aproxima da solução proposta pela maioria dos pensadores (contemporâneos) da teoria social.

---

<sup>251</sup> Usada aqui como adjetivo.

<sup>252</sup> Daí a necessidade do culto, porquanto ele “constitui sempre um verdadeiro exercício”. (Auguste COMTE, *Catecismo positivista*, p. 167).

<sup>253</sup> Termos usados por Comte, no Quadro Sintético da Ordem Universal (Anexo 3), para designar uma das partes históricas da ordem humana.

A educação, por diversas vezes, foi pensada como exercício contínuo e necessário para gerar e manter o aperfeiçoamento intelectual, moral e material do homem.

Entretanto, a solução encontrada na educação não é tão simples quanto parece. Comte não demonstra ingenuidade quanto a isso<sup>254</sup>, e passa os últimos anos de sua vida dedicando-se a um movimento de retorno à filosofia através da religião. Trabalhando do fim para o começo, da fundação da religião para o estabelecimento da filosofia positiva, talvez Comte acreditasse que poderia acelerar a evolução do conhecimento humano; uma vez que, para ele, há sempre uma possibilidade individual de modificar a fatalidade, ou seja, é possível modificar as disposições secundárias das condições fundamentais mesmo pelas teorias de um homem de gênio.

Se Comte conseguiu de fato acelerar a evolução do conhecimento, não saberíamos dizer. No entanto, podemos encontrar a gênese de muitas teorias e conceitos sociológicos, antropológicos, políticos e psicológicos de nossa época nas obras deste filósofo. Do mesmo modo, podemos afirmar, sob o ponto de vista da Filosofia da Religião, que quando Comte propõe a divinização da Humanidade, colocando-a como começo e fim *relativos*, ele retoma a religião também como esperança de que a humanidade seja a face do *absoluto*, do *bem supremo*. Neste caso, a esperança não deve ser depositada num mundo sobrenatural criado (criação absoluta) por seres divinos, mas num mundo real criado (criação relativa) por seres humanos.

---

<sup>254</sup> Comte demonstra estar consciente da fragmentação do conhecimento pelos processos de especialização, da necessidade de uma reforma política que deveria anteceder à reforma moral, e da evolução do pensamento filosófico (até o estado positivo) que deveria anteceder à reforma política.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### FONTES:

- COMTE, Auguste. *Catecismo positivista*. In: Os Pensadores. Trad. e notas de Miguel Lemos. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Curso de filosofia positiva*. In: Os Pensadores. Trad. de José Arthur Giannotti. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo*. In: Os Pensadores. Trad. de José Arthur Giannotti. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Discurso sobre o espírito positivo*. In: Os Pensadores. Trad. de José Arthur Giannotti. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Apelo aos conservadores*. Trad. Miguel Lemos. Rio de Janeiro: Templo da Humanidade, 1899.
- \_\_\_\_\_. *Catecismo positivista*. Trad. portuguesa por Miguel Lemos. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1890.
- \_\_\_\_\_. *Correspondance générale et confessions*. Vol. 1. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Lettres d'Auguste Comte – a divers (1850 – 1857)*. Tome I – première partie Paris: Fonds Typographique, 1902.
- \_\_\_\_\_. *Lettres d'Auguste Comte – a divers (1850 – 1857)*. Tome I – deuxième partie Paris: Fonds Typographique, 1904.
- \_\_\_\_\_. *Opúsculos de filosofia social*. Trad. Ivan Lins e João Francisco de Souza. Porto Alegre: Globo, 1972
- \_\_\_\_\_. *Primeros ensayos*. Trad. Francisco Giner de Los Rios. México: Fondo de Cultura Económica, 1942.
- \_\_\_\_\_. *Synthèse subjective au systeme universel des conceptions propres, a l'état normal de l'humanité*. Paris: Victor Dalmont, 1856.
- \_\_\_\_\_. *Systeme de politique positive au traité de sociologie instituant la religion de l'humanité*. Paris: Victor Dalmont, 1851.

**OBRAS SOBRE AUGUSTE COMTE:**

BASTIDE, Paul Arbousse. *Auguste Comte*. Lisboa: Edições 70, 1984.

BENOIT, Lelita Oliveira. *Augusto Comte – fundador da física social*. São Paulo: Editora Moderna, 2002.

\_\_\_\_\_. *Sociologia comteana – gênese e devir*. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

LACERDA NETO, Arthur Virmond. *A desinformação anti-positivista no Brasil*. Curitiba: Editora Vila do Príncipe, 2004.

LACROIX, Jean e DESTEFANIS, Gian Luigi. *A sociologia de Augusto Comte (o fundador da sociologia) e A ordem política e social em Augusto Comte*. Curitiba: Editora Vila do Príncipe, 2003.

LAGARRIGUE, Juan Enrique. *A religião da humanidade*. Trad. Maria da Gloria Neto D'Ávila D'Oliveira. 1939.

LINS, Ivan. *Perspectivas de Augusto Comte*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1965.

PAULA, Ruben Descartes de Garcia. *O milagre e a conciliação(?) entre a ciência e a religião*. Vitória: Separata dos anais da VII reunião de positivistas, 1984.

PERNETTA, Augusto Beltrão. *Filosofia primeira*. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert Limitada, 1957.

RIBEIRO JR., João. *Augusto Comte e o positivismo*. São Paulo: Edicamp, 2003.

TORRES, A. *O léxico de Augusto Comte. Criptografia e filosofia*. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Filosofia) Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 1997.

TRINDADE, Hélgio. *O positivismo – teoria e prática*. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

WERNICK, Andrew. *Auguste Comte and the Religion of Humanity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

**OBRAS DE APOIO:**

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Revisão e Trad. de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ABBAGNANO, Nicola. *História da filosofia*. 4. ed. Trad. Armando da Silva Carvalho, Antônio Ramos Rosa. Vol. 9. Lisboa: Presença, 2000.

ABRÃO, B. S. (org). *História da filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

- ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência. Introdução ao jogo e suas regras*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- ARON, Raymond. *Estudos políticos*. Trad. Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.
- \_\_\_\_\_. *La société industrielle et la guerre*. Paris: Librairie Plon, 1959.
- BACON, Francis. (Os Pensadores). Trad. José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- BOUDON, R. e BOURRICAUD, F. *Dicionário crítico de sociologia*. São Paulo: Ática, 1993.
- CASSIRER, Ernst. *El problema del conocimiento*. Trad. Wenceslao Roces. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- CHALLAYE, Félicien. *As grandes religiões*. 6. ed. Trad. Alcântara Silveira. São Paulo: Ibrasa, 1998.
- DESCARTES, René. (Os Pensadores). Trad. Enrico Covisiere. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- DONINI, Ambrogio. *História do cristianismo – das origens a Justiniano*. Trad. de Maria Manuela T. Galhardo. Lisboa: Edições 70, 1988.
- DURANT, Will. *A História da civilização – A era de Luís XIV*. 2 ed. Trad. Mamede de Souza Freitas. Vol. VIII. Rio de Janeiro: Editora Record, 1971.
- \_\_\_\_\_. *A História da civilização – César e Cristo*. 2. ed. Trad. Memede de Souza Freitas. Vol III. Rio de Janeiro: Editora Record, 1971.
- FEUERBACH, Ludwig. *A essência da religião*. Trad. José da Silva Brandão. Campinas: Papirus, 1989.
- \_\_\_\_\_. *A essência do cristianismo*. Trad. José da Silva Brandão. Campinas: Papirus, 1988.
- FLEISCHER, Margot e HENNIGFELD, Jochem. *Filósofos do século XIX*. Trad. Dankwart Bernsmüller. Editora Unisinos, 2004.
- GILES, Thomas Ranson. *Dicionário de filosofia – termos e filósofos*. São Paulo: E.P.U., 1993.
- HUME, David. (Os Pensadores). Trad. Anoar Aiex, João Paulo Gomes Monteiro e Armando Mora D'Oliveira. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Historia natural de la religión*. Estudio preliminar, traducción e notas de Carlos Mellizo. Madrid: Tecnos, 1992.

- \_\_\_\_\_. *Diálogos sobre a religião natural*. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 3 ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- KEMPIS, Tomás de. *Imitação de Cristo*. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.
- LÖWITH, Karl. *O sentido da história*. Trad. Maria Georgina Segurado. Lisboa: Edições 70, 1991.
- MARINO JR., Raul. *A religião do cérebro: as novas descobertas da neurociência a respeito da fé humana*. São Paulo: Editora Gente, 2005.
- MILBANK, John. *Teologia e teoria social*. Trad. Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1995.
- PAIVA, Geraldo José de. *A religião dos cientistas – uma leitura psicológica*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. *História da Filosofia – Do romantismo até nossos dias*. 6. ed. Vol. 3. São Paulo: Paulus, 2003.
- REALE, Miguel. *Introdução à filosofia*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- REARDON, Bernard M. G. *Religion in the Age of Romanticism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- RÉMOND, René. *O Século XIX 1815-1914 – introdução à história de nosso tempo*. Trad. Frederico Pessoa de Barros. vol. 2. São Paulo: Cultrix, 1990.
- SCHAEFFLER, Richard. *Filosofia da religião*. Lisboa: Edições 70, 1992.
- TRINDADE, Liana S. *As raízes ideológicas das teorias sociais*. São Paulo: Editora Ática, 1978.
- VIVEIROS, Esther Maria Perestrello da Câmara de. *Apelo à mulher*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio – Rodrigues & Cia., 1945.
- ZILLES, Urbano. *Filosofia da religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1991.

## **ANEXOS**





## ANEXO 2

## CATECISMO POSITIVISTA

217

**QUADRO DAS QUINZE LEIS DE FILOSOFIA PRIMEIRA OU PRINCÍPIOS UNIVERSAIS SOBRE OS QUAIS ASSENTA O DOGMA POSITIVO**

**PRIMEIRO GRUPO, *tanto objetivo como subjetivo***

- 1.º Formar a hipótese mais simples e mais simpática que comporta o conjunto dos dados a representar (I).
- 2.º Conceber como imutáveis as leis quaisquer que regem os seres pelos acontecimentos, posto que só a ordem abstrata permite apreciá-los (II).
- 3.º As modificações quaisquer da ordem universal limitam-se sempre à intensidade dos fenômenos, cujo arranjo permanece inalterável (III).

**SEGUNDO GRUPO, *essencialmente subjetivo***

**1.ª Série: leis estáticas do entendimento.**

- 1.º Subordinar as construções subjetivas aos materiais objetivos (Aristóteles, Leibniz, Kant) (IV).
- 2.º As imagens interiores são sempre menos vivas e menos nítidas que as impressões exteriores (V).
- 3.º A imagem normal deve ser preponderante sobre as que a agitação cerebral faz simultaneamente surgir (VI).

**2.ª Série: leis dinâmicas do entendimento.**

- 1.º Cada entendimento oferece a sucessão dos três estados, fictício, abstrato e positivo, em relação às nossas concepções quaisquer, mas com uma velocidade proporcional à generalidade dos fenômenos correspondentes (VII).
- 2.º A atividade é primeiro conquistadora, em seguida defensiva, e enfim industrial (VIII).
- 3.º A sociabilidade é primeiro doméstica, em seguida cívica, e enfim universal, segundo a natureza peculiar a cada um dos três instintos simpáticos (IX).

**TERCEIRO GRUPO, *sobretudo objetivo***

**1.ª Série: a mais objetiva da filosofia primeira.**

- 1.º Todo estado, estático ou dinâmico, tende a persistir espontaneamente sem nenhuma alteração, resistindo às perturbações exteriores (X).
- 2.º Um sistema qualquer mantém sua constituição ativa ou passiva quando seus elementos experimentam mutações simultâneas, contanto que sejam exatamente comuns (XI).
- 3.º Existe por toda parte uma equivalência necessária entre a reação e a ação, se a intensidade de ambas for medida conformemente a natureza de cada conflito (XII).

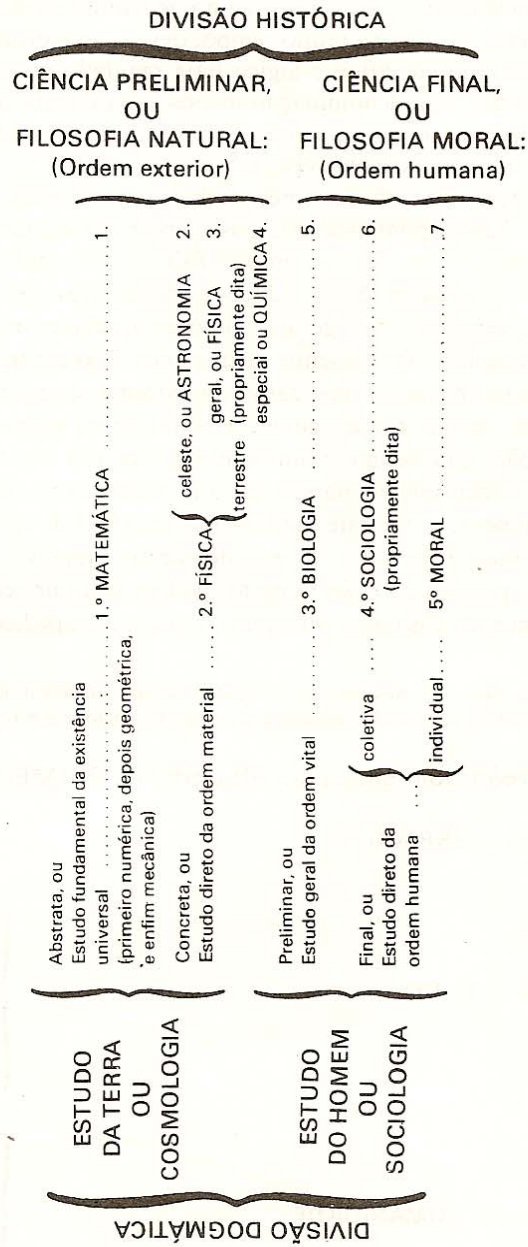
**2.ª Série: mais subjetiva que a precedente.**

- 1.º Subordinar por toda parte a teoria do movimento à da existência, concebendo todo o progresso como o desenvolvimento da ordem correspondente, cujas condições quaisquer regem as mutações que constituem a evolução (XLII).
- 2.º Toda classificação positiva procede segundo a generalidade crescente ou decrescente, tanto subjetiva como objetiva (XIV).
- 3.º Todo intermediário deve ser subordinado aos dois extremos cuja ligação opera (XV).

ANEXO 3

(B) HIERARQUIA TEÓRICA DAS CONCEPÇÕES HUMANAS  
OU QUADRO SINTÉTICO DA ORDEM UNIVERSAL  
SEGUNDO UMA ESCALA ENCICLOPÉDICA DE CINCO OU SETE GRAUS

FILOSOFIA POSITIVA, ou conhecimento sistemático da HUMANIDADE



Paris, 10 de Dante de 64 (sábado, 24 de julho de 1852)

AUGUSTO COMTE

Autor do Sistema de Filosofia Positiva e do Sistema de Política Positiva  
(10, rua Monsieur-le-Prince)